



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

**CARLOS MANUEL MOREIRA ARAÚJO**

**Desenvolvimento Afetivo e Sexualidade**  
**A Educação Moral e Religiosa Católica na Formação de**  
**Jovens Adolescentes**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**

**Professora Doutora Cristina Maria Ramos Carvalheiro de Sá Carvalho**  
**Professora Doutora Teresa de Jesus Rodrigues Marques de Sousa**  
**Messias**

**Lisboa**  
**2024**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me capacitou, me enriqueceu com este estudo e me tornou mais humano e maduro.

Agradeço à minha esposa e à nossa filha Matilde, que ainda está no ventre materno, por toda a ajuda, dedicação e incentivo ao longo deste percurso, sobretudo nesta reta final.

À família, nomeadamente, à minha mãe, aos meus irmãos, sobrinhos e cunhados, o meu muito obrigado. Sem esquecer, o meu pai que se encontra na Glória Celeste.

Agradeço ao meu colega de estágio de PES, Adão Chaves por todo o caminho trilhado juntos e pela boa amizade que se formou e se tem vindo a fortalecer.

Manifesto o meu profundo agradecimento aos professores da Universidade Católica Portuguesa, particularmente aos professores Cristina Sá Carvalho, Teresa Messias, por toda a disponibilidade, paciência e cooperação.

Estou também grato pelo acolhimento na Escola D. Fernando II – Agrupamento Monte da Lua – Sintra e, de igual modo, pelo acompanhamento ao longo do ano letivo, por parte da professora cooperante Margarida Portugal.

Por fim, e não menos importante, aos alunos do 7.º ano A, do ano letivo 2021-2022, da Escola D. Fernando II – Agrupamento Monte da Lua – Sintra, pelo seu envolvimento em todas as atividades por mim propostas e pela proximidade.

«Tudo pode ser transformado em graça, até o pecado, dizia Agostinho. Até a nossa sexualidade ferida e as nossas neuroses, acrescentaremos nós, desde que façamos delas uma ocasião para nos abirmos, para acolhermos e compartilharmos. Por isso, erraríamos se as desprezásemos. São matéria de santidade.»<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> André Daigneault, *La via dell'imperfezione* (Cantalupa: Effatà Editrice, 2012), 17.

## ÍNDICE

<b>RESUMO.....</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>6</b>
<b>SIGLAS E ABREVIATURAS.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I - A prática de ensino supervisionada.....</b>	<b>10</b>
1.1. Caraterização da escola .....	10
1.2. Critérios de Avaliação aprovados em Concelho Pedagógico .....	11
1.3. Caracterização da turma .....	12
1.4. Planificação de Nível 1 e 2: Anual e Semestral.....	13
1.5. Unidade Letiva 3 – Riqueza e sentido dos Afetos, do 7.º ano.....	15
1.6. Prática letiva da Unidade Letiva 3: A riqueza e sentido dos afetos .....	18
1.7. Reflexão Acampamento no Linhó do 7.º ano.....	33
2. Avaliar para desenvolver as aprendizagens e o potencial humano .....	34
<b>CAPÍTULO II - Ser humano à luz da antropologia cristã.....</b>	<b>42</b>
1. Um olhar sobre o ser humano .....	43
2. Adolescência .....	48
3. Afetividade e sexualidade .....	55
4. Religiosidade na adolescência.....	62
<b>CAPÍTULO III - Como educar para os afetos na era digital.....</b>	<b>68</b>
1. A missão no ambiente digital .....	69
2. O testemunho de Carlo Acutis .....	72
3. Afetividade com recurso ao ambiente digital.....	74
4. Alguns desafios do Papa Francisco no contexto escolar .....	78
5. O Ambiente Digital na Educação em Portugal .....	84
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>86</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>93</b>

## RESUMO

O tema "Riqueza e Sentido dos Afetos", trabalhado no âmbito da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), foca-se na importância da afetividade e da sexualidade no desenvolvimento integral da pessoa, sobretudo durante a adolescência. Este tema revela-se central porque a adolescência é uma fase crítica de transição, onde ocorrem mudanças significativas tanto no plano físico quanto emocional e social. Durante este período, os jovens formam a personalidade e começam a compreender o valor dos afetos, das relações interpessoais e das escolhas éticas que irão moldar as suas vidas.

A afetividade é definida no nosso trabalho como a capacidade natural do ser humano de experimentar sentimentos e emoções, como amor, amizade, compaixão, e até sentimentos de dor ou perda. Esses sentimentos são essenciais para o desenvolvimento pessoal, social e moral, pois ajudam os jovens a compreenderem melhor a si mesmos e aos outros, estabelecendo laços saudáveis e responsáveis. Este aspeto torna-se ainda mais relevante na fase da adolescência, onde a construção de uma identidade própria e a necessidade de pertença social são intensificadas.

A sexualidade, por sua vez, é abordada como um elemento intrínseco à condição humana, afetando profundamente a identidade e a personalidade das pessoas. O trabalho sublinha que a sexualidade deve ser entendida e vivida de forma consciente e responsável, promovendo um entendimento positivo e ético sobre o corpo e as relações humanas.

No contexto da EMRC, o tema dos afetos é abordado através de uma perspectiva educativa, permitindo que os alunos reflitam sobre a dimensão afetiva e sexual do ser humano. Esta reflexão ajuda os jovens a desenvolverem a capacidade de viver os seus afetos de maneira equilibrada e construtiva, valorizando as relações e a dignidade humana. O objetivo é conduzir os alunos a reconhecerem que os afetos fazem parte da vida e que precisam ser orientados de maneira ética.

O programa de EMRC, ao tratar este tema, também apresenta uma perspectiva cristã sobre o valor dos afetos, relacionando-os com o conceito de "dom". A afetividade é vista como uma dádiva, e o amor, na tradição cristã, é o valor central que orienta todas as relações humanas. A partir deste ponto de vista, os alunos são incentivados a ver o amor não apenas como uma emoção, mas como uma escolha e uma ação que visa o bem do outro.

**Palavras-chave:** afetividade; afeto; personalidade; adolescência; sexualidade; educação; emoções; Identidade; ambiente digital.

## ABSTRACT

The theme "*Riqueza e Sentido dos Afetos*", worked on in the context of *Educação Moral e Religiosa Católica* (EMRC), focuses on the importance of affectivity and sexuality in a person's integral development, especially during adolescence. This theme is central because adolescence is a critical transitional phase in which significant physical, emotional and social changes take place. During this period, young people form their personalities and begin to understand the value of affection, interpersonal relationships and ethical choices that will shape their lives.

Affectivity is defined in our work as the natural capacity of human beings to experience feelings and emotions, such as love, friendship, compassion, and even feelings of pain or loss. These feelings are essential for personal, social and moral development, as they help young people to understand themselves and others better, establishing healthy and responsible bonds. This aspect becomes even more relevant during adolescence, when the construction of one's own identity and the need for social belonging are intensified.

Sexuality, in turn, is approached as an intrinsic element of the human condition, profoundly affecting people's identity and personality. The work emphasises that sexuality must be understood and lived consciously and responsibly, promoting a positive and ethical understanding of the body and human relationships.

In the context of EMRC, the theme of affections is approached from an educational perspective, allowing students to reflect on the affective and sexual dimension of the human being. This reflection helps young people to develop the ability to live their affections in a balanced and constructive way, valuing relationships and human dignity. The aim is to lead students to recognise that affections are part of life and that they need to be guided ethically.

The EMRC programme, in dealing with this topic, also presents a Christian perspective on the value of affections, relating them to the concept of "gift". Affectivity is seen as a gift, and love, in the Christian tradition, is the central value that guides all human relationships. From this point of view, students are encouraged to see love not just as an emotion, but as a choice and an action aimed at the good of the other.

**Keywords:** affectivity; affection; personality; adolescence; sexuality; education; emotions; identity; digital environment.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

**1 Cor** – Primeira Epístola de S. Paulo aos Coríntios

**AA** – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*

**AEML** – Agrupamento de Escolas Monte da Lua

**AGML** – Agrupamento de Escolas da Grande Lisboa

**CNJP** – Comissão Nacional Justiça e Paz

**CV** – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Cristus Vivit*

**CVII** – Concílio Vaticano II

**EaD** – Ensino à Distância

**EMRC** – Educação Moral e Religiosa Católica

**EX** – Livro do Êxodo

**GE** – Declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum Educationis*

**GE** – Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*

**Gn** – Livro do Génesis

**GS** – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

**MECI** – Ministério da Educação, Ciência e Inovação

**Nº** - Número

**OMS** – Organização Mundial de Saúde

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

**RP** – Relatório Preparatório

**SNEC** – Secretariado Nacional da Educação Cristã

**UL** – Unidade Letiva

## INTRODUÇÃO

A Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando-lhes uma visão ética e espiritual da vida. No contexto educativo atual, marcado por desafios relacionados à diversidade cultural, pluralismo religioso e transformações sociais, a EMRC visa não apenas o aprofundamento de conceitos religiosos, mas também a formação moral dos jovens, promovendo valores como o respeito, a solidariedade e a empatia. Dentro deste panorama, o estudo da afetividade e da sexualidade ocupa um lugar de destaque, especialmente durante a adolescência, uma fase crucial de descoberta e formação da identidade pessoal e social.

A presente dissertação resulta da Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizada no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica, e tem como objetivo refletir sobre a importância da educação para os afetos e para a sexualidade no contexto da EMRC. Esta dimensão educativa não só auxilia os alunos a desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos e das suas relações interpessoais, mas também contribui para uma abordagem ética e responsável das suas vivências emocionais e sexuais.

Ao longo desta investigação, será apresentado o enquadramento teórico e metodológico da prática pedagógica realizada com alunos do 7.º ano de escolaridade, abordando temáticas como a adolescência, a formação da personalidade, a importância dos afetos e o valor da sexualidade na construção de relações saudáveis e equilibradas. Através de estratégias didáticas centradas no diálogo, na reflexão e no uso de recursos multimédia, procurou-se criar um ambiente de aprendizagem que promovesse o envolvimento ativo dos alunos e o desenvolvimento de competências sociais e emocionais essenciais para o seu crescimento pessoal.

Este trabalho visa, ainda, destacar o papel da EMRC como espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma educação integral, que abarca não apenas o conhecimento doutrinal, mas também a dimensão ética e relacional do ser humano, com foco especial na promoção do bem comum, do respeito mútuo e da dignidade da pessoa humana.

Assim, a dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo contextualiza a prática de ensino supervisionada, descrevendo as características da turma e os principais desafios pedagógicos enfrentados. O segundo capítulo aborda a temática

dos afetos e da sexualidade no programa de EMRC, realçando a importância de uma abordagem pedagógica sensível e ética. O último capítulo reflete sobre as aprendizagens e as competências desenvolvidas pelos alunos ao longo da prática pedagógica, avaliando o impacto das estratégias utilizadas e propondo melhorias para futuras práticas educativas.

Por fim, conclui-se que a abordagem da afetividade e da sexualidade em EMRC constitui uma oportunidade única para fomentar o diálogo intergeracional e inter-religioso, proporcionando aos alunos uma compreensão mais ampla e humanista das suas experiências emocionais e do seu papel na sociedade.

## **CAPÍTULO I - A prática de ensino supervisionada**

No presente capítulo será abordada a Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no segundo ano do Mestrado em Ciências Religiosas, do qual confere habilitação profissional para a docência da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

### **1. Enquadramento da PES**

Durante o ano letivo 2021-2022 foram desenvolvidas diversas atividades na escola D. Fernando II do Agrupamento de Escolas Monte da Lua, Sintra, concretamente na turma A do 7.º ano. Durante este ano tivemos o apoio da professora cooperante e da professora doutora de PES.

Vários foram os desafios ao longo do ano letivo de 2021-2022, que nos fizeram promover um maior desenvolvimento de competências, uma maior reflexão crítica e criativa da nossa prática pedagógica, neste contexto do processo ensino-aprendizagem.

Em primeiro lugar, apresentaremos, ainda que breve, a escola D. Fernando II e faremos a caracterização da turma.

Em segundo lugar, faremos um enquadramento da Unidade Letiva de referência, Riqueza e sentido dos Afetos.

Em terceiro lugar, apresentaremos a prática letiva, através da exposição das planificações de cada aula e a respetiva reflexão.

Neste capítulo, ainda abordaremos as melhores estratégias para avaliar e desenvolver as aprendizagens e o potencial humano.

#### **1.1. Caracterização da escola**

Atualmente, a disciplina de EMRC (Educação Moral e Religiosa Católica) conta com a inscrição de 158 alunos na Escola D. Fernando II, correspondendo a uma taxa de 30,79%. Esse número, embora expressivo, também é motivo de preocupação, levando-nos a refletir sobre o papel e a postura da EMRC nas escolas. Ao longo dos anos, tem-se observado uma significativa redução no número de alunos inscritos.

Observamos que a Escola D. Fernando II apresenta uma das percentagens mais elevadas de alunos inscritos em EMRC quando comparada com outras escolas do mesmo agrupamento. Ao analisar as demais escolas do Agrupamento de Escolas da Grande Lisboa (AGML), verificamos que o número de inscritos é consideravelmente inferior em vários casos.

Esses dados evidenciam uma disparidade significativa entre o total de alunos do AGML — 3168 alunos — e os alunos inscritos em EMRC, que somam 334, o que corresponde a apenas 10,54%. Essas percentagens devem servir de alerta para os professores de EMRC, incitando uma reflexão profunda sobre a postura mais adequada a adotar nas escolas, a fim de atrair e engajar mais alunos.

## 1.2. Critérios de Avaliação aprovados em Concelho Pedagógico

Apresentamos os critérios de avaliação aprovados pelo Conselho Pedagógico da Escola D. Fernando II – Agrupamento Monte da Lua – Sintra:

Competência/Organizador/Domínio	Ponderação	Especificação das competências O aluno deve ser capaz de:	Estratégias   Instrumentos de avaliação
Religião e experiência religiosa	30	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</li> <li>- Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</li> <li>- Posicionar-se pessoalmente frente ao fenómeno religioso e à identidade das confissões religiosas.</li> <li>- Promover o diálogo ecuménico e inter-religioso.</li> </ul>	
Cultura cristã e visão cristã da vida	30	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</li> <li>- Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.</li> <li>- Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.</li> <li>- Interpretar e apreciar produções estéticas cristãs.</li> <li>- Interpretar a realidade (histórica, cultural, social, científica) e relacioná-la com a visão cristã.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reflexões</li> <li>- Debates</li> <li>-</li> <li>- Apresentações</li> <li>- Fichas</li> <li>- Testes</li> <li>- Trabalhos</li> <li>- Portfólios</li> <li>- Relatórios</li> <li>- Projetos</li> <li>-</li> <li>- Autoavaliação</li> </ul>

Ética e moral	40	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</li> <li>- Promover o bem comum e o cuidado do outro.</li> <li>- Reconhecer e promover a dignidade da pessoa humana.</li> <li>- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</li> </ul>	
---------------	----	--	--

### 1.3. Caracterização da turma

A turma da Prática de Ensino Supervisionada de EMRC do ano letivo 2021/2022 foi o 7ºA que totalizava 15 alunos (9 rapazes e 6 raparigas). De modo geral, foi uma turma de muito bom rendimento, sendo que na totalidade a turma era constituída por 30 alunos. Os alunos de EMRC nasceram todos no ano de 2009, tendo no ano letivo identificado, entre 11 e 12 anos de idade.

Ao longo do 1º semestre os alunos demonstraram um crescimento a vários níveis (comportamento, interesse, participação, atenção), de igual modo, a postura da turma se foi alterando, aproximando-se dos objetivos propostos em cada aula. Ainda assim, existiu um ou outro aluno que revelava um pouco agitação, com falta de algum rigor e empenho na realização das tarefas, bem como alguma falta de atenção. Deste modo, no início do 2º semestre ponderei a criação de uma nova planta da sala.

Ao longo da aula, e de modo especial, nos intervalos procurei dialogar com os alunos e o entusiasmo deles na participação nas aulas de EMRC. Já no contexto de aula, os discentes foram aprendendo a saber estar em conformidade com a dinâmica da disciplina, devido ao envolvimento que foram chamados a ter. Existiu um grupo de alunos que participava regularmente na síntese da aula. Para além de revelarem os conhecimentos adquiridos, mostravam-se ativos e envolvidos desde o início nas atividades programadas.

A utilização de apresentações digitais e de pequenos vídeos captou a atenção dos alunos, auxiliando-os na compreensão das aprendizagens.

Pelas estratégias apresentadas, pode referir-se que a aproximação dos alunos foi acontecendo gradualmente. O facto de terem sido incentivados a responder oralmente, a trabalhar em equipa, a praticar a escuta ativa ao serem acompanhados na realização das

tarefas, ajudou a que o diálogo entre aluno e professor se fosse tornando uma aproximação real.

#### 1.4. Planificação de Nível 1 e 2: Anual e Semestral

ANO LETIVO
As aulas foram à terça-feira pelas 08:15 até 09:05 na Escola Básica D. Fernando II.
Turma composta por: 16 alunos.
Total de aulas previstas: 34

Calendário Escolar	
1º semestre	de 14 de setembro até 25 de janeiro
2º semestre	de 31 de janeiro até 7 de junho (9ºano) - 15 de junho (7ºano)
<b>Interrupção das Atividades Letivas</b>	
1º semestre	Avaliação intercalar: 17 a 19 novembro Natal: 23 a 31 dezembro
2º semestre	Carnaval: 28 fevereiro a 2 março Trabalho colaborativo: 6 a 8 abril Páscoa: 11 a 18 abril

Feriados			
5-Out	Implantação da República	17-Abr	Páscoa
1-Nov	Dia de Todos os Santos	25-Abr	Dia da Liberdade
1-Dez	Restauração da Independência	1-Mai	Dia do Trabalhador
8-Dez	Imaculada Conceição	10-Jun	Dia de Portugal
25-Dez	Natal	29-Jun	Dia de São Pedro
1-Jan	Ano Novo	30-Mai	Corpo de Deus
1-Mar	Carnaval	25-Abr	Dia da Liberdade
15-Abr	Sexta Feira Santa		

## 7.º Ano

UL 1: *As Origens*

UL 2: *As Religiões*

UL 3: *Riqueza e sentido dos Afetos*

UL 4: *A Paz Universal*

### 1.º Semestre

Set			<b>Aula 1</b> Apresentação. Considerações sobre o programa.	<b>Aula 2 - UL1</b> Objetivo 1 Dados da ciência sobre a origem do universo e da vida: <i>big-bang</i> e evolução das espécies.
Out	<b>Aula 3 - UL1</b> Objetivo 1 Análise da questão sobre o sentido das origens.	<b>Aula 4 - UL1</b> Objetivo 2 As origens na perspectiva bíblica.	<b>Aula 5 - UL1</b> Objetivo 3 Valor simbólico e mensagem fundamental das narrativas bíblicas da criação.	<b>Aula 6 - UL1</b> Objetivo 6 A criação como acontecimento inacabado. Desafios ecológicos.
Nov	<b>Aula 7 - UL1</b> Objetivo 5 O respeito e louvor pela obra da criação no <i>Cântico das Criaturas</i> .	<b>Aula 8</b> Ficha de avaliação da UL 1	<b>Aula 9 - UL2</b> Objet. 1 e 2 A Universalidade do Fenómeno Religioso.	<b>Aula 10 - UL2</b> Objetivo 3 Tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo.
Dez	<b>Aula 11 - UL2</b> Objetivo 4 O Judaísmo.	<b>Aula 12 - UL2</b> Objetivo 4 O Islamismo.	<b>Aula 13 - UL2</b> Objetivo 4 O Cristianismo.	
Jan	<b>Aula 14 - UL2</b> Objet. 5 e 6 O Deus de Jesus Cristo. A fraternidade universal.	<b>Aula 15</b> Avaliação da UL 2.	<b>Aula 16</b> Autoavaliação	<b>Aula 17</b>

## 2.º Semestre

Jan				<b>Aula 18</b> - UL3 Obj. 1 e 2 A adolescência e a construção da personalidade.
Fev	<b>Aula 19</b> - UL3 Objetivo 3 As dimensões da personalidade humana.	<b>Aula 20</b> - UL3 Objetivo 4 A importância da família, dos amigos e da escola.	<b>Aula 21</b> - UL3 Objet. 6 e 7 Preocupações dos adolescentes e desafios de crescimento.	<b>Aula 22</b> - UL3 Objetivo 5 O agir moral e a questão religiosa na adolescência.
Mar	<b>Aula 23</b> - UL3 Objetivo 8 Mensagem cristã sobre a felicidade: o Amor.	<b>Aula 24</b> Avaliação da UL2.	<b>Aula 25</b> - UL4 Objetivo 1 A paz, o grande sonho da humanidade.	<b>Aula 26</b> - UL4 Objetivo 2 Situações de falência da paz.
Abr	<b>Aula 27</b> - UL4 Objetivo 3 O direito à paz.	<b>Aula 28</b> - UL4 Objetivo 4 Soluções fundamentais para promoção da paz.		
Mai	<b>Aula 29</b> - UL4 Objetivo 5 Mensagem bíblica sobre a paz.	<b>Aula 30</b> - UL4 Objetivo 6 Missão das religiões e contributo de cada pessoa para a construção da paz.	<b>Aula 31</b> Avaliação da UL2.	<b>Aula 32</b> Autoavaliação.
Jun	<b>Aula 33</b>	<b>Aula 34</b>		

### 1.5.Unidade Letiva 3 – Riqueza e sentido dos Afetos, do 7.º ano

No contexto da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) em Portugal, considera-se fundamental trabalhar a dimensão humana da afetividade e da sexualidade, no âmbito das aprendizagens e competências. Este aspeto educativo é especialmente relevante para a faixa etária analisada neste estudo, onde o impacto pode ser mais significativo.

Para começarmos, importa definir o que se entende por dimensão afetiva e sexual do ser humano. O aprofundamento deste tema, proposto pelo programa de EMRC, revela-se essencial. A afetividade será definida conforme a bibliografia de referência, destacando

as suas implicações na vida da pessoa.

Ao analisarmos estas definições, constatamos que se inserem em diferentes paradigmas de observação. O afeto pode ser descrito como a «alteração da sensibilidade ou do entendimento inferior, causada por um fator externo ou como reação a um estado preexistente do animus.»<sup>2</sup> Este conceito envolve tanto o foro interno como externo, tal como abordado pela escolástica, onde o afeto surge como uma forma de adesão, resultante de uma "excitação" provocada por uma impressão. Segundo Jerónimo Trigo, o afeto «possui uma dimensão emotiva, associada à sensibilidade geral, que engloba desde reações difusas de bem-estar ou mal-estar até experiências mais complexas, como sentimentos, emoções e paixões.»<sup>3</sup>

Por conseguinte, não faz sentido uma caracterização moral negativa ou pessimista dos afetos, dado que estes fazem parte do processo fenomenológico interno do ser humano. No entanto, é necessária uma aprendizagem que permita compreender e interpretar este fenómeno interior de forma ética, promovendo a valorização pessoal e social. Mais adiante, será estudado o impacto educativo desta dimensão afetiva e sexual no ser humano.

A Enciclopédia Logos oferece uma definição inicial da afetividade:

[A afetividade] é entendida como uma predisposição ou capacidade natural para experimentar sentimentos de prazer e de dor. Refere-se também a um conjunto de fenómenos de ordem afetiva, como sentimentos, emoções e paixões, que se desenvolvem e atuam na consciência. A afetividade pode ser assumida e orientada pela inteligência e pela vontade.<sup>4</sup>

A partir desta definição, percebemos que a afetividade é uma característica natural, ligada aos sentimentos de prazer e de dor, e está intimamente relacionada com a consciência moral. A afetividade implica a inteligência, na interpretação fenomenológica, e a vontade, na ação ou reação resultante. Esta ligação entre afetividade, inteligência e vontade será explorada com maior detalhe mais adiante.

Relativamente ao conceito de sexualidade, começamos por uma definição encontrada no Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia. Esta definição é

---

<sup>2</sup> M. Freitas, «Afeto», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, ed. Verbo, vol. 1 (Lisboa: Logos, 1989), 74-75.

<sup>3</sup> J. Trigo., «Expressões afetivas: que avaliação ética?», *Pastoral Catequética* 4, (2006): 29-30.

<sup>4</sup> M. Freitas, «Afetividade», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, ed. Verbo, vol. 1 (Lisboa: Logos, 1989), 75.

particularmente interessante e relevante para a nossa reflexão teológica:

(Do lat. *sexus* = sexo) termo utilizado para designar a constituição biológica da pessoa humana, que afeta de forma significativa o seu psiquismo, sendo masculina ou feminina, com as energias associadas, configurando um constitutivo antropológico. O termo 'sexualidade' é também utilizado para descrever o conjunto de comportamentos e ações que ativam essa constituição básica.<sup>5</sup>

Ao abordar a sexualidade sob uma perspectiva biológica, esta é descrita como um elemento intrínseco da constituição física do ser humano, com uma dimensão antropológica significativa. Por isso, deve ser considerada como tal, valorizando a sua função e o seu papel na vida humana. A sexualidade, ao envolver a consciência do ser humano, requer que esta dimensão seja vivida de forma consciente e responsável.

Ao penetrarmos nas profundezas do ser humano, reconhecemos tanto a capacidade de agir sobre si mesmo como a finitude da sua ação. É através de uma leitura positiva e antropológica que compreendemos que esta finitude e complexidade da dimensão sexual pode ser valorizada ética e pessoalmente.

O programa de EMRC, através do currículo sobre os afetos, visa aprofundar e orientar esta dimensão. Ao abordar a sexualidade, pretende-se refletir sobre o sentido da afetividade e, numa perspectiva cristã, sobre o dom dos afetos.

De uma perspectiva teológica, ao longo da história, a sexualidade e a afetividade têm sido objeto de diferentes abordagens, tanto de aproximação quanto de distanciamento, em relação ao seu sentido e valor na vida humana. Se recuarmos aos textos bíblicos fundadores, observamos uma conexão com o próprio Deus: "E viu que tudo era bom" (*Gn* 1,31).

Os afetos, pela sua essência, carecem de uma "gramática" e de uma interpretação clara, dadas as inúmeras reações emocionais que provocam. Uma interpretação inadequada de um sentimento menos positivo pode gerar consequências negativas, como, por exemplo, um processo de luto mal resolvido que resulte na negação dos próprios sentimentos. Da mesma forma, uma leitura distorcida de um sentimento muito positivo pode levar a consequências indesejáveis, como o relativismo emocional, onde se perde o verdadeiro sentido do afeto. Assim, a dimensão afetiva exige uma leitura consciente da

---

<sup>5</sup> K. Hilpert, «Sexualidade/Ética Sexual», em *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*, ed. Paulus, (S. Paulo, 1993), 7.

fenomenologia sentimental, para que seja compreendida e canalizada para a sua expressão adequada, tanto a nível afetivo como sexual.

## 1.6.Prática letiva da Unidade Letiva 3: A riqueza e sentido dos afetos

### 1.6.1.1.Aula 17 / Lição da UL:1 (1 de fevereiro de 2022)

**Sumário:** A adolescência e o desenvolvimento da pessoa.

**Aprendizagens essenciais:** Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve. 2. Identificar a etapa da adolescência como etapa relevante da formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal.	O ciclo da vida: da infância à terceira idade. Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida.	Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5 min	O professor observa nos alunos:  - a atenção; - o interesse; - a compreensão; - participação; - a reflexão;
			Chuva de ideias: “O que é ser adolescente?”	Aplicação Mentimeter (telemóvel)	10 min	
			Visualização de vídeo sobre adolescência ( <a href="http://www.educris.com/v3/centrorecursos/professores/7-ano/2756-adolescencia">http://www.educris.com/v3/centrorecursos/professores/7-ano/2756-adolescencia</a> )	Computador PowerPoint	5min	
			Exposição		25 min	
			Síntese da aula	PowerPoint	5 min	

**Síntese da aula:** Adolescência é uma etapa relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal.

A aula 17/lição 1 da Unidade Letiva 3: «Riqueza e Sentido dos Afetos» foi centrada nos objetivos “Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve” e “Identificar a etapa da adolescência como etapa relevante da formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal”. De modo geral, pretendeu-se, apresentar a adolescência como uma etapa importante do crescimento e desenvolvimento. É um período extraordinário na vida de todas as pessoas, pois é nele que cada indivíduo descobre a sua identidade e define a sua personalidade; é uma dinâmica de passagem entre a infância e a idade adulta. A aula centrou-se na apresentação dos conteúdos, na recolha

dos contributos dos alunos, na visualização de um vídeo e na criação de um slogan apelando a uma adolescência saudável.

Numa análise global, concluímos que nos sentimos serenos no decorrer da aula. Na nossa opinião, cumprimos o objetivo da aula e os alunos demonstraram interesse no decorrer da mesma. Por outro lado, concluímos que a estratégia de chuva de ideias, através da utilização da aplicação *Mentimeter*, foi uma mais-valia, da qual se conseguiu captar a atenção dos alunos e recolher o seu contributo, para uma melhor compreensão da matéria em estudo. Neste sentido, ao longo da aula procurámos dialogar com os alunos, para que não sejam apenas meros espetadores, isto é, atentos e sossegados, armazenadores passivos dos conteúdos expressos pelo professor, mas sejam também intervenientes ativos no processo de ensino-aprendizagem.

A visualização do vídeo sobre a adolescência, no nosso entender, ajudou na clarificação dos conteúdos. Além disso, a apresentação das três etapas da adolescência despertou um conjunto de perguntas (por exemplo:” porque falamos disto em EMRC?”...).

Foi ainda referido que o objetivo da aula foi cumprido. Por outro lado, a planificação estava muito bem feita, sendo a mesma fiel ao programa.

Existe a nota de que deveríamos ter focado o discurso mais nos alunos, isto é, “um nós mais adequado”. Neste sentido, foi salientado a importância da Igreja falar desta Unidade Letiva nos seus programas de ensino, porque é falar de nós próprios.

Por outro lado, a visualização do vídeo foi uma boa opção, mas o mesmo poderia muito bem ser produzido por nós, sendo que teríamos todas as capacidades para o fazer tão bem ou melhor que o visualizado.

### 1.6.1.2.Aula 18 / Lição da UL:2 (8 de fevereiro de 2022)

**Sumário:** As dimensões da personalidade humana.

**Aprendizagens essenciais:** Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.

METAS	Objetivos	Conteúdo	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	3. Conhecer as várias dimensões da personalidade humana.	- A personalidade humana: identidade, continuidade, totalidade.	Acolhimento, Sumário e Síntese da aula anterior.	Caderno do aluno	5 min	O professor observa nos alunos:
		- As dimensões da personalidade: Motivacional, Intelectual, Social, Emocional, Sexual, Moral, Religiosa.	Proposta a cada aluno para desenhar uma flor.	Folha branca.	10 min	- a atenção;
		- O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência (compreender quem sou e o que quero fazer com a minha vida).	Exposição	PowerPoint	30 min	- o interesse;
			Síntese da aula		5 min	- a compreensão;
						- participação;
						- a reflexão;
						- participação;

**Síntese da aula:** A personalidade é um conjunto de características essenciais da pessoa.

A aula 18 / lição 2 da Unidade Letiva 3: «Riqueza e Sentido dos Afetos» foi centrada no objetivo “Conhecer as várias dimensões da personalidade humana”. Pretendeu-se apresentar a personalidade como o conjunto de características essenciais da pessoa. Depois do acolhimento e registo do sumário, os alunos foram convidados a desenhar uma flor, apelando à sua criatividade. Dos desenhos apresentados surgiu um breve diálogo sobre o contributo de cada um, salientado que cada aluno é detentor de características próprias. Depois desta atividade, a aula decorreu com a exposição dos conteúdos, salientando o que é a personalidade. Na parte final da aula, os alunos foram convidados, a partir da sua experiência de crescimento e de mudança, a apresentar palavras positivas associadas à adolescência. Talvez tivesse sido importante convidar os alunos a uma maior reflexão sobre que são eles e que querem fazer com a vida.

Numa análise global da aula, concluímos que cumprimos o seu objetivo, ainda que a atividade do desenho da flor pudesse ser mais explorada. Por outro lado, tomamos consciência de que é necessário fazer uma melhor gestão do tempo.

Na nossa perspetiva fizemos um bom acolhimento e uma boa recapitulação da aula anterior; de salientar que a dinâmica da flor foi bem conseguida; sendo necessária

uma maior atenção relativamente ao comportamento de alguns alunos no contexto da sala de aula, talvez devêssemos chamá-los mais à atenção. De salientar que existiram muito boas participações dos alunos ao longo da aula.

O objetivo da aula foi cumprido e que a planificação estava muito bem feita, sendo a mesma fiel ao programa.

Por fim, seria positivo se tivéssemos falado da adolescência como uma fase positiva.

### 1.6.1.3. Aula 19 / lição da UL:3 (15 de fevereiro de 2022)

**Sumário:** A importância da família, dos amigos e da escola.

**Aprendizagens essenciais:** Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	4. Descobrir os fatores desenvolvimento da adolescência.	- A importância da família e da escola na formação da personalidade. -O valor do estudo e do conhecimento. -Os amigos e a sua influência na personalidade e na vida.	Acolhimento, Sumário e Síntese da aula anterior.	Caderno do aluno	5 min	O professor observa nos alunos:  - a atenção; - o interesse; - a compreensão; - participação; - a reflexão;
			Exposição	PowerPoint	10 min	
			Construir Árvore Genealógica	Folha anexa	5min	
			Exposição/vídeo	link	25 min	
			Síntese da aula	PowerPoint	5 min	

**Síntese da aula:** A família e os amigos acompanham as mudanças na adolescência e influenciam a construção da personalidade.

A aula 19/lição 3 da Unidade Letiva 3: «Riqueza e Sentido dos Afetos» foi centrada no objetivo “Descobrir os fatores desenvolvimento da adolescência.”. Refletimos que a adolescência tem início na puberdade, mas não é claro o momento em que termina; afirmamos que a puberdade é “cobrir-se de pêlos”, é o processo de maturação biológica, sexual e reprodutora. Além disso, dialogámos com os alunos sobre o papel da família e da escola na formação da personalidade. De igual modo, aprofundámos o valor do estudo, do conhecimento, o papel dos amigos e a sua influência na formação da personalidade e na vida. Os alunos foram convidados a preencher a sua árvore genealógica (até aos avós).

Na parte final da aula, os alunos foram convidados a darem um conselho a cada elemento da família: à mãe, ao pai, ao irmão/à irmã, a si próprio (a), de modo que haja respeito pela identidade de cada um e compreensão entre todos. Sugerimos ainda a visualização do filme *La Famille Bélier*.

Numa análise global da aula, concluímos que os objetivos foram cumpridos. A realização da atividade da árvore genealógica da família foi, sem dúvida, um bom

exercício para a importância da história dos seus familiares/antepassados. Ao longo do *PowerPoint* procuramos colocar fotografias da escola D. Fernando II, fotografias de algumas atividades dos clubes, de modo a promover proximidade com os mesmos. E alguns alunos pediram para visualizarem melhor as referidas fotografias. Por outro lado, a atividade de dar um conselho a cada elemento da família, foi interessante, levando os alunos a uma reflexão mais profunda. Por fim, a sugestão do filme despertou nos alunos um interesse, levando os mesmos a escreverem no seu caderno o nome do filme. Na verdade, não temos dúvida que a maioria dos alunos o visualizou.

Ao longo da aula teria sido importante uma linguagem mais cuidada, ao falarmos sobre a família, pois alguns alunos poderiam não ter a melhor vivência em família.

O pensamento que foi transmitido aos alunos - “Não sejamos ilhas, sejamos arquipélagos” - foi muito adequado e educativo. Além disso, teria sido relevante falar da construção da personalidade em família, estimulando e convidando os alunos a falarem e participarem mais, a partilharem o que sentem na família, a dificuldade dos pais em educar os filhos e a relação entre família - escola. Para que tudo isto acontecesse, deveríamos ter feito uma melhor gestão do tempo.

### 1.6.1.4.Aula 20 / lição da UL:4 (22 de fevereiro de 2022)

**Sumário:** Preocupações e desafios na adolescência.

**Aprendizagens essenciais:** Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	6. Identificar as preocupações que sentem os adolescentes.	- A experiência de maturação dos adolescentes;	Acolhimento, Sumário e Síntese da aula anterior.	Caderno do aluno	5 min	O professor observa nos alunos:  - a atenção; - o interesse; - a compreensão; - participação; - a reflexão;
		- Integração social;	Exposição	PowerPoint	15 min	
		- Identificação de sentimentos; - Desejo de amar e ser amado; - Dificuldades na relação com a família; - Dificuldades na escola; - Preocupações vocacionais;	Dinâmica: <b>Caixa de Perguntas:</b> Os alunos colocam em tiras de papel questões relacionadas com os afetos, desejos, amor e sexualidade.	Tiras de papel e caixa	25 min	
7. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.	- Despertar do desejo sexual; - O contributo do diálogo com os adultos de confiança para a resolução de dificuldades; - O que o grupo de amigos pode fazer pela felicidade dos seus membros.	Diálogo e reflexão em grupo. Síntese da aula	PowerPoint	5 min		

**Síntese da aula:** As preocupações e problemas dos adolescentes são normais e podem ser resolvidos com o diálogo, a confiança, a amizade e o amor.

A aula 20 / lição 4 da Unidade Letiva 3: «Riqueza e Sentido dos Afetos» foi centrada nos objetivos “Identificar as preocupações que sentem os adolescentes. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.” Aprofundamos as preocupações e desafios (físicas, afetivas e sociais) dos adolescentes. Neste sentido, fizemos a dinâmica da caixa de perguntas, do qual os alunos escreveram numas tiras de papel, algumas questões/dúvidas/angústias relacionadas com os afetos, desejos, amor e sexualidade. Terminada esta atividade foi tempo para um breve diálogo e reflexão em grupo, tendo por base o esquema da página 102 do manual.

Na parte final da aula, os alunos foram convidados a apresentarem uma síntese da aula.

Numa análise global da aula, concluímos que cumprimos o seu objetivo, apesar de o objetivo 7 poderia ter sido mais reforçado. Com a dinâmica da caixa de perguntas

pretendemos expor aos alunos a ideia de que tudo se resolve através do diálogo, sendo necessário pedir ajuda. Neste contexto, falámos da importância do grupo de amigos no crescimento e maturação na etapa da adolescência. Na verdade, a caixa de perguntas teve como objetivo a auscultação de opiniões, preocupações, questões, dúvidas e angústias relacionadas com os afetos, desejos, amor e sexualidade. As partilhas dos alunos foram posteriormente lidas e analisadas, de modo a ser possível a reflexão acurada sobre o tema e, eventualmente, a tomada de determinadas decisões. Na nossa opinião, esta dinâmica da caixa de perguntas, no âmbito escolar, serviu para levar os alunos a refletirem sobre um tema tão importante, nesta etapa da adolescência. O facto de terem de redigir um conjunto de perguntas já foi motivo para reflexão sobre o tema.

No nosso entender, a apresentação através do *PowerPoint* ajudou à clarificação da mensagem e a captar a atenção dos alunos. De igual modo, a utilização desta ferramenta foi também de grande utilidade para ir intercalando o discurso com perguntas que o professor foi lançando aos alunos com o intuito de os levar a descobrir aspetos que ele queria introduzir. Além disso, as perguntas foram preparadas de acordo com o objetivo da aula. A formulação das questões durante a exposição pretendeu igualmente levar os alunos a refletirem sobre o assunto em análise e concentrar nele a atenção dos mesmos.

A aluna L. F. despertou interesse na dinâmica da caixa de perguntas. Neste sentido, sendo possível perceber a importância que a escola tem ou deve ter, no acompanhamento e crescimento das diversas etapas da adolescência. No mesmo sentido, o professor de EMRC deve ter um papel crucial no que respeita ao acompanhamento e ajuda aos alunos, do qual requer um cuidado e atenção especial. A escola deve proporcionar um espaço de encontro e acolhimento, onde a porta está permanentemente aberta e os alunos se sintam acolhidos e a empatia seja o motor de ajuda.

É necessário estarmos atentos a alguns alunos, os quais necessitam de mais atenção. Neste sentido, é importante afirmar que a turma é muito boa, os alunos são bastante inteligentes e criativos. Além disso, são alunos recetivos e dialogantes, mas existe uma aluna, L. S., que estava impedida de falar do tema da sexualidade recomendação dos Pais/Encarregados de Educação.

Olhando o contexto dos alunos, poderíamos ter apostado no tema da amizade, afetividade, pois são dimensões que estão a despertar nos alunos. De igual modo,

valorizar as preocupações com o corpo, integração social, escola, conflitos entre colegas/amigos, problema familiar, entre outros, deve estar presente na lecionação.

Por fim, a dinâmica necessitaria de mais tempo, do qual os alunos deviam dar a solução para a resolução dos problemas partilhados, isto é, termos promovido um maior debate com apresentação de soluções.

### 1.6.1.5.Aula 21 / lição da UL:5 (8 de março de 2022)

**Sumário:** O agir moral e a questão religiosa na adolescência.

**Aprendizagens essenciais:** Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	5. Identificas as mudanças que ocorrem na pessoa durante a adolescência.	O que muda quando crescemos:	Acolhimento, Sumário e Síntese da aula anterior.	Caderno do aluno	5 min	O professor observa nos alunos:
		- Perceber a vida de um modo mais complexo;				
		- Assumir responsabilidades e fazer escolhas;	Apresentação das preocupações dos alunos (partilha da aula anterior).	PowerPoint	10 min	- a atenção;
		- Mudar a referência social: da família aos amigos;	Diálogo e reflexão em grupo.			- o interesse;
		- Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral;	Exposição – Manual pp. 107 a 109.	PowerPoint	20 min	- a compreensão;
		- Questionar o religioso e ser por ele questionado;		---		- participação;
		- O que é a religiosidade: a experiência psicológica do religioso.	Debate: Heinz agiu moralmente bem? Porquê?	PowerPoint	10 min	- a reflexão;
			Síntese da aula		5 min	

**Síntese da aula:** É preciso desenvolver a autonomia moral e crescer na opção pelo bem.

A aula 21 / lição 5 da Unidade Letiva 3: «Riqueza e Sentido dos Afetos» foi centrada no objetivo “Identificas as mudanças que ocorrem na pessoa durante a adolescência”. Assim, e tendo por base, a partilha dos alunos na aula anterior, o professor estagiário apresentou as preocupações que os alunos da turma escreveram e colocaram na caixa. Daqui, surgiu um profundo diálogo e reflexão sobre as mesmas. Por outro lado, um debate sobre um caso específico, em que os alunos debateram e aprofundaram. Na parte final da aula, os alunos foram convidados a apresentarem uma síntese da mesma.

Numa análise global da aula, concluímos que cumprimos o seu objetivo. Os alunos foram participativos e curiosos. Neste sentido, os alunos compreenderam sobre o que muda enquanto crescemos, como podemos resolver problemas diários. Além disso, procurámos estar mais atentos a algumas situações entre os alunos (F. B., F. V., J., L. F., ...), estando mais próximos deles e escutando mais as suas partilhas. No que respeita ao debate (Heinz agiu moralmente bem? Porquê?), os alunos demonstraram um grande sentido humano e valorização da vida. As respostas dos alunos foram interessantes, mas

necessitariam de mais tempo, pois existem alunos em situação difícil, e os mesmos não esconderam as suas preocupações e desafios.

Na parte final da aula, a aluna L. S. perguntou, se alguém que é isolado e não fala, com quem é que vai partilhar os seus problemas/dilemas? O professor estagiário disse que alguém, ainda que seja muito isolado, provavelmente deve falar com alguém próximo: pais, irmãos, tios, padrinhos, ... e de alguém desses poderá ajudar, desde que exista abertura do isolado para o diálogo/partilha.

Por fim, o professor estagiário apelou à necessidade de assumirmos responsabilidades e fazermos escolhas. Desafiou os alunos a escutarem a música: *Now We Are Free (Gladiator Theme) - Violin Cover - Taylor Davis*. Cremos que terminámos a aula a tempo e demos espaço aos alunos para a partilha.

Por outro lado, realçamos a necessidade de sermos mais concisos em certos aspetos. Por fim, destacamos a nossa atitude enquanto professores, considerando que foi excelente, sobretudo a qualidade na linguagem, a tranquilização com que nos encontravamos no final da aula, e a forma como passamos a mensagem de que tudo se resolve, pois estamos a crescer, apesar de existir a necessidade de relativizar algumas coisas e de olhar o futuro com ânimo, confiança e esperança.

### 1.6.1.6.Aula 22 / lição da UL:6 (14 de março de 2022)

**Sumário:** Mensagem cristã sobre a felicidade: o Amor.

**Aprendizagens essenciais:** Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano; Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
G. Identificar os valores evangélicos.	8. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.	1 Cor 13, 1-13: Hino ao amor.	Acolhimento, Sumário e Síntese da aula anterior.	Caderno do aluno	5 min	O professor observa nos alunos:  - a atenção; - o interesse; - a compreensão; - participação; - a reflexão;
		Santo Agostinho, <i>In Ioannem</i> 8. 7: «ama e faz o que quiseres»;	Exposição – Manual pp. 110 a 115.	PowerPoint	20 min	
		<i>Familiaris Consortio</i> 11: a vocação da pessoa é o amor;	Debate sobre a afirmação: “Ama e faz o que quiseres”.	PowerPoint	10 min	
		Crescer e ser adulto é fazer escolhas na perspectiva do amor: - Procurar o bem-comum; - Viver a felicidade na entrega aos outros; - O testemunho de Carlo Acutis.	Vídeo: Quem foi Carlo Acutis? <a href="https://www.youtube.com/watch?v=jWn-HgTRHQM">https://www.youtube.com/watch?v=jWn-HgTRHQM</a>	Vídeo	10 min	
			Síntese da aula	PowerPoint	5 min	

**Síntese da aula:** Amar é viver de forma livre, alegre e em harmonia com todos.

A aula 22 / lição 6 da Unidade Letiva 3: «Riqueza e Sentido dos Afetos» foi centrada no objetivo “Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal”. De modo geral, a aula consistiu em apresentar a figura de S. Paulo como aquele que advertiu a comunidade para a necessidade de uma vida radicada no mandamento do amor. A vocação da pessoa é o amor. Para S. Paulo, dizer amor é o mesmo que dizer Deus, porque viver no amor é viver em Deus. Assim, tendo por base o Hino ao Amor, os alunos foram convidados a escrever uma mensagem sobre o amor gratuito para oferecer a alguém.

Além disso, aprofundámos a necessidade de começar a construir a nossa personalidade em alicerces seguros e profundos, com base em valores, ou seja, em pontos de orientação capazes de dar sentido e felicidade à nossa vida. Deste modo, os alunos foram desafiados a refletir que valores querem para a sua vida?

Por fim, apresentamos a figura/testemunho de Carlo Acutis. Um jovem que se deixou influenciar por Deus. Um modelo para os adolescentes/jovens. Um jovem que

soube fazer boas escolhas, optou pelo bem. “Todos nascemos como originais, mas muitos morrem como fotocópias”. Urge, pois alicerçar a nossa casa (personalidade) no amor. Portanto, crescer e ser adulto é fazer escolhas na perspectiva do amor.

Numa análise global da aula, concluímos que cumprimos o seu objetivo. Os alunos demonstraram interesse e empenho. Procuramos motivar os alunos, através da excelente relação com os mesmos e apresentado o testemunho de Carlo Acutis, através de duas biografias sobre o beato. De modo geral, era conveniente uma melhor gestão do tempo, pois demoramos demasiado tempo a apresentar S. Paulo.

Por fim, louvamos a excelente participação dos alunos M. V. e J. M. Este último, escreveu e dedicou um belo poema sobre a amizade ao seu colega F. J..

### 1.6.1.7.Aula 23 / lição da UL:7 (22 de março de 2022)

**Sumário:** Síntese e jogo sobre a Unidade Letiva 3: “Riqueza e sentido dos afetos”.

**Aprendizagens essenciais:** Todas as aprendizagens da Unidade Letiva 3.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
Todas as metas da UL3.	Todos os objetivos da UL3.	Todos os conteúdos da UL3.	Acolhimento e Sumário Síntese da Unidade Letiva 3 Jogo: Rico em Afetos	Caderno do aluno PowerPoint PowerPoint	5 min 30 min 15 min	O professor observa nos alunos: - a atenção; - o interesse; - a compreensão; - participação; - a reflexão;

A aula 23 / lição 7 da Unidade Letiva 3: «Riqueza e Sentido dos Afetos» foi centrada no objetivo revisão e síntese da mesma. Os alunos tiveram acesso através de Código QR a todos os *PowerPoint* da Unidade Letiva e do último *PowerPoint*, síntese da mesma.

Numa análise global da aula, concluímos que cumprimos o seu objetivo. Os alunos demonstraram interesse e empenho. Reconhecemos que o *PowerPoint* síntese está um pouco denso, isto é, demasiado texto. Por outro lado, a criação e realização, do jogo: *Rico em Afetos*, foi uma excelente opção.

Salientamos o interesse do aluno T., ao pedir o sumário e o material disponibilizado por nós.

Consideramos que mais que apresentar conteúdos, é necessário consolidar as aprendizagens. Além disso, teria sido importante planificar toda a Unidade Letiva antes de a lecionar.

### 1.6.1.8.Aula 24 / lição da UL:8 (29 de março de 2022)

**Sumário:** Ficha de avaliação UL3.

**Aprendizagens essenciais:** Todas as aprendizagens da Unidade Letiva 3.

METAS	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
Todas as metas da UL3.	Realizar a autoavaliação dos alunos.	Unidade Letiva 3.	Acolhimento  Teste <i>Quizizz</i>	Computadores  <i>Quizizz</i>	5 min  5 min	O professor observa nos alunos:  - Assuidade - Pontualidade - Entusiasmo - Envolvimento - Interesse

O modelo de avaliação escolhido para avaliar a “Unidade Letiva 3: “A Riqueza e Sentido dos Afetos” foi um teste na plataforma *Quizizz*, realizado na sala de informática. O objetivo era avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo da unidade letiva, através de um exercício de perguntas de escolha múltipla.

Os alunos realizaram a ficha de avaliação com bons resultados. Nota-se que é uma turma com grandes capacidades e muito interessada em aprender. Não tiveram grandes dificuldades em fazer o teste *Quizizz*. No final do teste os alunos foram convidados a sentarem-se em roda, de modo a iniciar um espaço de partilha, de empatia e de amizade entre os alunos e os professores.

Os alunos referiram que gostaram desta unidade letiva. Destacamos de uma forma positiva o comentário de uma aluna, que referiu que gostou muito desta UL3, e que os conteúdos abordados fizeram-na pensar e ajudaram-na a ter outra perspetiva.

Na questão 26, os alunos apresentaram belas e profundas partilhas.

### 1.6.1.9. Aula 25 (5 de abril de 2022)

**Sumário:** Avaliação do Acampamento (12 e 13 maio).

#### Avaliação do acampamento

Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Tempo	Avaliação formativa
Avaliar o acampamento	Experiências realizadas no acampamento	<ul style="list-style-type: none"><li>- Acolhimento e Sumário.</li><li>- Exposição de fotografias do acampamento.</li><li>- Diálogo sobre as experiências vivenciadas.</li><li>- Análise de críticas e sugestões de melhoria.</li><li>- Resposta individual a um formulário de avaliação do acampamento.</li><li>- Divulgação/Partilha da afirmações (expressas no formulário) sobre a importância do acampamento.</li></ul>	Caderno do aluno  Computador PowerPoint com fotografias  (inquérito)	5 min  45 min	O professor observa nos alunos:  a atenção; o interesse; a participação; o empenho; a compreensão;

### 1.7. Reflexão Acampamento no Linho do 7.º ano

**Participantes:** trinta e cinco alunos; nove monitores e cinco professores

No âmbito da disciplina de EMRC da escola D. Fernando II nos dias 12 e 13 de maio de 2022 decorreu o acampamento<sup>6</sup> na Quinta da Fonte – Linho. Marcaram presença trinta e cinco alunos do 7º ano e nove alunos-monitores do 9º ano e 10º ano. Acompanharam neste acampamento os cinco professores de EMRC três do agrupamento do Monte da Lua e os dois professores estagiários.

Este acampamento foi marcado pelo envolvimento da serra de Sintra, num lugar propício para contemplar a natureza, repleto de sobreiros e pinheiros criando um clima muito agradável que convidada ao encontro com o próximo, ao convívio, há reflexão e meditação.

No dia 12 de maio os alunos compareceram no local havendo a oportunidade de um breve diálogo com os seus encarregados de educação. Terminado este breve acolhimento foi tempo para umas breves palavras de boas-vindas e da montagem das tendas.

O dia foi dedicado ao trabalho em grupo, através de dinâmicas de superação, de partilha, de reflexão, onde se procurou incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo;

<sup>6</sup> Os materiais utilizados nos vários momentos (reflexão, oração, partilha, dinâmicas, etc.) encontram-se no respetivo portefólio de PES. Todavia, em anexo, apresentamos algumas fotografias do acampamento.

compreender a importância de uma vida com valores; redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.

As estratégias escolhidas para trabalhar estas metas no primeiro dia foram as seguintes: quebra-gelo, distribuição do amigo secreto, o som do silêncio, jogos divertidos na natureza, convívio à volta da fogueira e atividades em grupos tais como: “eu e o meu grupo”, “a propósito de vivermos em grupo”, “valores fundamentais”, “construtores da paz”, “o mundo é para nós”. No final de cada um destes temas houve um plenário onde cada grupo apresentou criativamente as suas reflexões. Na parte final do dia, decorreu a preparação de animações para a fogueira, o jantar-convívio e tempo aberto, sempre à volta da fogueira. De realçar, a importância que a fogueira, desde a agregação de todos os alunos ao seu redor, a escuta do fogo e da natureza que nos envolvia.

O segundo dia, 13 de maio, foi um dia dedicado a uma caminhada matinal, jogos e atividades em grupos. De salientar, que cada grupo escolheu um tema para teatralizar, a saber: As Origens; As Religiões; A Riqueza e Sentido dos Afetos e Paz Universal. Na segunda parte da manhã, os alunos percorreram o mesmo percurso da caminhada matinal, mas foram convidados a um jogo de pista. No final do jogo de pista, foi tempo para reforçar as forças com o almoço e tempo aberto para descanso e convívio.

A parte da tarde foi dedicada à preparação dos teatros, isto é, ensaio e de seguida a apresentação a todos os colegas e professores. É importante realçar, que os mesmos, foram de acordo com os temas abordadas na disciplina de EMRC.

No final do acampamento, foi desvendado os amigos secretos e feita a avaliação do acampamento (pontos positivos e pontos a melhorar). De seguida, carregamos forças, para a última etapa, desmontagem das tendas e limpeza do campo e partida.

Na despedida todos os alunos partilharam a alegria de acamparem e de criarem laços com os colegas e amigos. Ficou a vontade e do desejo de voltar para o ano e de preferência mais dias.

## **2. Avaliar para desenvolver as aprendizagens e o potencial humano**

«Diz-me como avalias e dir-te-ei o que os teus alunos aprendem realmente...e dir-te-ei a tua verdadeira conceção da aprendizagem.»<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> José Pinto Lopes, Helena Santo Silva, *50 técnicas de avaliação formativa* (Lisboa: Pactor, 2020), 7.

Avaliação é uma das palavras mais pronunciadas nas comunidades educativas. Mas afinal, o que significa avaliar?

Segundo o Decreto-Lei n.º17/2016, de 4 de abril,

1 - A avaliação constitui um processo regulador do ensino e da aprendizagem, que orienta o percurso escolar dos alunos e certifica as aprendizagens desenvolvidas.

2 - A avaliação tem por objetivo central a melhoria do ensino e da aprendizagem baseada num processo contínuo e de intervenção pedagógica. Avaliar faz parte da vida...

Na nossa vida quotidiana, constantemente nos deparamos com situações que exigem de nós ponderações, reflexões, avaliações... Quando temos que tomar uma decisão importante, pensamos muitas vezes, antes, se tal escolha é a mais acertada, se este é o momento certo, se estamos a agir apenas com o coração ou com a razão, se adotamos as melhores estratégias, se os resultados das nossas ações foram os que esperávamos que fossem etc. Não é apenas em momentos tão marcantes das nossas vidas, como quando decidimos casar, ter um filho ou escolher uma profissão, por exemplo, que fazemos escolhas e que ponderamos as nossas ações. Até uma simples ida ao comércio nos coloca em situação de alerta para as nossas escolhas. Assim, concordamos com Sbert quando afirmam que «a avaliação é um processo inevitável, consciente ou inconsciente, que começa quando acordamos.»<sup>8</sup>

A avaliação, como parte integrante do processo educativo, é importante na medida em que pode definir o futuro dos alunos, contudo a função efetiva da avaliação ainda não é muito clara: enquanto alguns a consideram como forma de controle, outros procuram mostrá-la como forma de reconhecimento.

Assim, importa refletir se a avaliação está ao serviço da excelência ou ao serviço da aprendizagem. Do mérito ou da construção de conhecimento.

Consideramos que, no primeiro caso, a avaliação tem como objetivo: medir, qualificar, comparar, classificar, selecionar, hierarquizar, atemorizar, sancionar, acreditar, julgar, exigir e promover. Aqui tem-se em conta apenas o mérito e o resultado que se pretende que o aluno atinja, não tendo em conta o processo de aprendizagem e as várias competências do mesmo.

No segundo caso, a avaliação tem como objetivo: aprender, dialogar, diagnosticar, compreender, comprovar, explicar, melhorar, reorientar, motivar, retificar, contrastar e refletir. Este tipo de avaliação realça e privilegia o processo de construção do conhecimento, assim como tem em conta as várias competências do aluno.

---

<sup>8</sup> Andrea Ferreira e Telma Leal, « Avaliação na escola e ensino da língua portuguesa», acessado a 27 de julho de 2024, <https://www2.ufjf.br/labor/files/2018/06/Superando-obstaculos-de-ensinar-oralidade-.pdf#page=28>.

Uma educação global e globalizante pretende formar pessoas (e cidadãos) competentes, colaborativos, compassivos, críticos, criativos e comprometidos com a justiça, dignidade humana e ação solidária.

Sendo que a avaliação tem um caráter normativo, atribuído pelos pais, professores e sociedade em geral, temos de tê-la sempre como ponto de partida do processo educativo, contudo deveremos ter sempre em conta o nível de competências do aluno no início do ano letivo e não apenas os conteúdos curriculares. Os processos de aprendizagem deverão ser avaliados, juntamente com os resultados, permitindo aos professores dedicar aos alunos um apoio pedagógico sistemático e ajustado às suas possibilidades de aprendizagem.

A avaliação pedagógica é uma avaliação essencialmente orientada para melhorar o processo de ensino e de aprendizagem em qualquer contexto de educação e de formação, desde a educação pré-escolar ao ensino superior.

O referencial avaliativo das escolas não pode deixar de considerar o normativo: perfil do aluno, aprendizagens essenciais e educação para a cidadania. Para que a avaliação decorra da melhor forma, cada escola deverá ter o seu próprio referencial, que irá regular as práticas de ensino e de avaliação mais consistentes em contexto de sala de aula. Pretende-se, assim, que a avaliação passe a ser entendida como um processo capaz de integrar todos os alunos, motivando-os e preparando-os para aprender ao longo da vida. Este é um processo que coloca o aluno e as aprendizagens que tem de desenvolver no centro de toda a ação pedagógica.

A qualidade da avaliação pedagógica deve ter em conta critérios que são universalmente reconhecidos como estando associados a uma avaliação de qualidade, tais como o rigor, a exequibilidade, a adequação ética e a utilidade. Assim, a avaliação deve ser simples, exequível, eticamente irrepreensível e facilmente compreendida por todos os intervenientes.

São várias as estratégias a que podemos recorrer para fazer da avaliação dos alunos um processo ativo de aprendizagem. Depois de um debate de ideias, em grupos, chegámos à conclusão de que podemos usar vários tipos de estratégias:

- realização de pequenas avaliações práticas após a aprendizagem de um conteúdo, dando, no momento, um feedback positivo / construtivo. Nestas avaliações práticas faz-se o registo das principais dificuldades, de modo que o aluno possa superá-las;
- observação direta e constante, com registos na caderneta;
- voltar a dar a mesma ficha, para ver se as dificuldades foram superadas;

- fichas de trabalho, de modo a tirarem dúvidas uns com os outros; - trabalhos de pesquisa / lúdicos;
- apresentações orais;
- fichas alusivas às obras dadas, gramaticais, compreensão escrita;
- redação e reescrita de textos individuais e coletivos com o apoio do professor;
- fichas de trabalho de consolidação dos conhecimentos, entre muitas outras.

Concluindo, a avaliação dos alunos não tem por base apenas a avaliação sumativa. Avaliar é estar ao serviço das aprendizagens quer do discente quer do docente. Este é um processo de melhoria contínua, onde entra a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

A avaliação tradicional nas nossas escolas tem sido criticada, sobretudo por reduzir-se à sua função de controlo, que se resume a uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram nos testes.

Mas urge repensar a avaliação. Avaliar é muito mais do que medir, controlar e classificar. O novo paradigma da avaliação exige uma nova abordagem, na qual conhecimentos, capacidades e atitudes estejam integrados, implicando o recurso a uma variedade de estratégias e formas de avaliação. Segundo Lúcia Amante e Isolina Oliveira<sup>9</sup>, o novo paradigma da avaliação caracteriza-se por:

- Ênfase na interligação da avaliação com o ensino e a aprendizagem.
- Participação do estudante no desenvolvimento da sua própria avaliação em diálogo com o professor.
- Avaliação tanto do processo como do produto.
- Assunção de diversidade de formas de avaliação, associadas e interligadas com as práticas de ensino.
- Utilização de tarefas de avaliação próximas de situações da vida real.
- Atividades que envolvam desafio cognitivo.
- Reforço da reflexão dos estudantes sobre as suas aprendizagens.
- Valorização de uma apreciação qualitativa em detrimento de uma simples classificação.

---

<sup>9</sup> Lúcia Amante e Isolina Oliveira, «Avaliação e Feedback - Desafios Atuais», Universidade Aberta, acedido a 29 de julho de 2024, <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/8419>.

O professor enquanto agente facilitador de aprendizagem, deverá esclarecer para cada aluno o que espera que ele alcance em cada aprendizagem. Assim, é muito importante definir critérios em conjunto com os alunos. Os critérios de avaliação são os referenciais comuns nas escolas a ter em conta na avaliação dos conhecimentos, das capacidades e das atitudes dos alunos.

Os critérios de avaliação têm de ser claros, objetivos, precisos e entendidos, conhecidos e transparentes por todos os intervenientes. Só assim é possível cumprir as aprendizagens.

Depois dos critérios estarem bem definidos e da avaliação estar feita, será necessário dar feedback aos alunos, para que possam estar informados sobre o desenvolvimento do seu trabalho, a qualidade das aprendizagens realizadas e sobre os percursos que devem seguir com vista à melhoria das mesmas.

O feedback é

uma das competências centrais e mais poderosas que o professor deve dominar para garantir uma avaliação formativa com impacto positivo nas aprendizagens dos alunos: por um lado, no plano cognitivo, fornece aos estudantes a informação que eles precisam para compreenderem onde estão e o que precisam de fazer a seguir; por outro lado, no plano motivacional, desenvolve o sentimento de controlo sobre a sua própria aprendizagem e, por conseguinte, aumenta o grau de envolvimento dos alunos através de processos cada vez mais eficazes de autorregulação.<sup>10</sup>

De acordo com as orientações do Ministério da Educação, o feedback abarca três componentes distintas. São elas: o *feed up*; o *feed back* e o *feed forward*:

**a) *Feed up* - Where am I going? (Para onde vou?)**

A primeira componente é o *feed up*, que visa clarificar os critérios e instrumentos de avaliação e os objetivos de aprendizagem, numa lógica formativa. O *feed up* deve ser usado no início de um percurso de aprendizagem. É através do *feed up* que se constroem os processos de regulação e autorregulação da aprendizagem.

Segundo o documento do MECI supracitado, esta relação de confiança tende a aumentar as expectativas de professores e alunos no que respeita às capacidades de aprendizagem, evitando a ideia de que existem determinantes inatas e sociais que redundam, muitas vezes, em comportamentos e atitudes de fatalismo perante o insucesso.

---

<sup>10</sup> Eusébio André Machado, «Feedback», acessido a 1 de agosto de 2024, [https://apoioescolas.dge.mec.pt/sites/default/files/2021-02/folha\\_feedback.pdf](https://apoioescolas.dge.mec.pt/sites/default/files/2021-02/folha_feedback.pdf).

### **b) *Feed back* - How am I going? - (Como está a decorrer o meu desempenho?)**

Numa segunda fase, surge o *feed back*, que nos permite fazer um balanço das aprendizagens. O *feed back* é, pois, uma informação (oral ou escrita) que resulta da avaliação do progresso dos alunos e, conseqüentemente, sugere as ações que devem adotar para atingir os objetivos pretendidos (definidos na fase do *feed up*).

O *feed back*, idealmente, deverá ser feito no final de cada aula, ou não, sendo possível, no final de cada tarefa desempenhada pelo aluno. É fundamental para a monitorização das aprendizagens, por forma a criar com o aluno uma empatia, que o motive a continuar a progredir ou o encoraje a autocorrigir-se. Assim, o feedback deverá ser sempre positivo, objetivo, construtivo, direto, motivador, claro e reflexivo, evitando cair no erro de usar o *feed back* focado apenas na correção mecânica de erros, o que o torna ineficaz no processo de autorregulação das aprendizagens. Um feedback positivo traz ganhos cognitivos, relacionais, sociais e pessoais.

### **c) *Feed forward* - Where to next? (Que caminho seguir?)**

A última etapa é o *feed forward*, que está diretamente relacionada com a etapa anterior, o *feed back*. A informação recolhida durante a fase do *feed back* irá permitir ao professor preparar e planificar melhor as atividades seguintes. De acordo com o MECI, «o *feed forward* permite que os professores, após o *feed back*, possam perspetivar e muitas vezes reorganizar as suas ações de ensino e de apoio à aprendizagem.», dando sentido à aprendizagem como um processo contínuo, que se vai ajustando ao longo do percurso.

Sendo uma tarefa bastante exigente, cabe ao professor ser suficientemente flexível, reflexivo e crítico (não só em relação ao trabalho do aluno, mas também em relação à sua própria atuação), para que consiga reconceptualizar as suas práticas, ajustando-as à realidade de cada aluno.

Avaliar é uma tarefa bastante difícil. Quando se fala de avaliação deparamo-nos com o confronto entre os que, no desejo de tudo objetivar, defendem os métodos quantitativos e os outros que, preferindo olhar o indivíduo na situação e descrevê-lo a partir dos dados colhidos na observação direta, optam pelos métodos qualitativos. Quer uma perspetiva da avaliação, quer outra, traduzem uma visão muito limitada e redutora da avaliação. A avaliação não é uma medida, mas uma construção social sobre um desempenho.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> J. Pinto, *A avaliação formal no 1º ciclo do Ensino Básico: Uma construção social* (Braga: Universidade do Minho, 2002), 3-40. J. Pinto e L. Santos, *Modelos de Avaliação das Aprendizagens* (Lisboa: Universidade Aberta, 2006).

Face à reconhecida complexidade dos problemas de ensino-aprendizagem e da sua avaliação esboça-se, hoje, uma outra via que propõe a utilização das duas metodologias (quantitativa e qualitativa), através da diversificação dos instrumentos e técnicas de avaliação. Pluralizar os instrumentos de avaliação serve para rastrear as competências, capacidades e conhecimentos que os alunos possuem, permitindo aos professores melhorarem a avaliação dos alunos.

Os instrumentos de avaliação devem ser adequados aos vários tipos de alunos que temos. Não quer isto dizer que se deva construir um instrumento de avaliação para cada aluno. No entanto, a diversificação é não só desejável como possível. A tentativa de avaliar com justiça levou à criação de novos tipos de instrumentos e à utilização, em educação, de outros tradicionalmente ligados a outras áreas, como se pode consultar no livro “*As 50 formas de avaliação formativa*”, de Helena Santos Silva e José Pinto Lopes.

Sabendo que alguns desses instrumentos são de difícil utilização na aula, cabe a cada professor, em função das características de cada um deles, das necessidades e do contexto em que as suas práticas se desenvolvem, fazer as opções que sentir serem as mais adequadas.

Antes de escolher um instrumento de avaliação, o professor deverá ter em conta que os mesmos têm um valor relativo e que devem, também, ter em conta a avaliação informal, mais ou menos intuitiva, que ocorre durante o processo de aprendizagem. A utilização repetida e exclusiva de um mesmo tipo de instrumento de avaliação não permite ver o indivíduo sob todos os ângulos, o que pode induzir em erros graves. Se há alunos que evidenciam melhor as suas competências com um determinado tipo de instrumento, cumpre ao professor prepará-los para poderem responder o mais adequadamente possível qualquer que seja o instrumento utilizado. Há que saber dosear a utilização de técnicas e instrumentos de avaliação, racionalizando-os no sentido de potencializar os seus valores e esbater as dificuldades do seu uso. Devemos diversificar os instrumentos de avaliação, o que enriquecerá e promoverá as aprendizagens dos alunos.

Quando falamos em instrumentos de avaliação, é muito importante falar também em rubricas de avaliação.

As rubricas são uma matriz com indicadores e respetivos critérios de qualidade de desempenho que ajuda o professor a construir instrumentos de avaliação mais transparentes e coerentes com os objetivos de aprendizagem. As rubricas podem ser usadas para avaliar qualquer tipo de trabalho, como pesquisas, trabalhos de grupo, apresentações orais, portefólios, trabalhos de projeto, entre muitos outros.

De acordo com Domingos Fernandes<sup>12</sup>, uma rubrica de avaliação, em geral, inclui quatro elementos:

- a) descrição geral da tarefa que é objeto de avaliação;
- b) os critérios;
- c) os níveis de descrição do desempenho relativamente a cada critério;
- d) a definição de uma escala que atribui a cada nível de desempenho uma dada menção (Excelente, Bom, Fraco ...)

Os alunos deverão sempre ter acesso às rubricas que estão a ser utilizadas e, inclusivamente, sempre que tal seja possível, participar na identificação de critérios e na descrição dos desempenhos considerados relevantes para as aprendizagens a desenvolver.

Em suma, avaliar é, assim, parte integrante e fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Por ser um processo complexo, devemos sempre avaliar com a participação de todos os intervenientes, fazendo a triangulação dos vários métodos usados, para recolher um conjunto de informações pertinentes, válidas e fiáveis. Este conjunto de informações deverá resultar da conjugação de vários instrumentos de avaliação e de um conjunto de critérios adequados aos objetivos, fixados à partida, com vista à tomada de decisão. A avaliação deve ser simples e facilmente compreendida por todos, e deve assentar num conjunto de princípios: consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas, usando modos e instrumentos de avaliação diversificados, de acordo com a natureza das aprendizagens e o contexto onde ocorrem; a primazia da avaliação formativa; a valorização da evolução do aluno e a transparência do processo de avaliação.

---

<sup>12</sup> Domingos Fernandes, «Rubricas de Avaliação», acedido a 2 de agosto de 2024, [https://www.esqm.pt/ano%2020\\_21/MAIA/Rubricas.pdf](https://www.esqm.pt/ano%2020_21/MAIA/Rubricas.pdf)

## CAPÍTULO II - Ser humano à luz da antropologia cristã

Segundo o Programa de EMRC<sup>13</sup>, o primeiro objetivo da Unidade Letiva 3 – “Riqueza e sentido dos Afetos”, é compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve. Neste sentido, é importante estudar o ciclo da vida: da infância à terceira idade, sendo que nesta caminhada de vida, a adolescência é de extrema relevância. Na verdade, na etapa da adolescência decorre a formação da personalidade e o desenvolvimento da vocação pessoal, na qual se fazem escolhas relevantes para o resto da vida.

Falar da pessoa humana implica conhecer as várias dimensões do agir humano: motivacional, intelectual, social, emocional, sexual, moral e religiosa. O ser humano desenvolve-se desde o seu nascimento, e durante a adolescência compreende quem é e o que quer fazer com a sua vida. Por isso, é necessário descobrir os fatores desenvolvimentais da adolescência.

Na senda da mensagem cristã, aprofundar a dignidade da pessoa humana e identificar as preocupações que sentem os adolescentes é um contributo que a Igreja poderá dar, através dos seus valores evangélicos, de modo a que o adolescente cresça feliz na sua integridade. Assim, a Igreja entende que a pessoa humana tem as suas raízes assentes em princípios teológicos que derivam da bíblia e da tradição cristã. É nesta perspetiva que a pessoa humana é vista na íntegra, considerando aspetos físicos, morais e sociais.

O livro do Génesis (Gn 1, 26-27) ensina-nos que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, isto é, o ser humano ocupa uma posição especial em relação a todas as criaturas. Ser “imagem de Deus” refere-se à capacidade de liberdade, de amor, raciocínio e de comunhão com Deus e com os outros. Isto dá à pessoa uma dignidade intrínseca, independente das condições sociais ou das suas capacidades.

A visão cristã apresenta-nos o ser humano como um ser composto de corpo e alma, sendo ambas as partes inseparáveis. O corpo é visto como um templo do Espírito Santo, como nos é apresentado no 1 Coríntios 6, 19. A alma é apresentada como dimensão espiritual e eterna, a qual vai além da vida terrena.

A vocação principal da pessoa humana é, segundo a mensagem cristã, o amor. Ou seja, o ser humano foi criado por Deus para viver em estreita comunhão com Ele e com o próximo, vivendo assim em comunidade. A pessoa humana foi criada com liberdade, liberdade esta que implica responsabilidade moral, isto é, escolher entre o bem e o mal é central para a ética cristã, procurando

---

<sup>13</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã (Coord.), Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014), 78-81.

assim a busca pelo bem e a verdade. O Homem é separado de Deus e dos outros quando faz mau uso da liberdade, originando assim o pecado. Cristo é o Redentor, no qual a pessoa humana pode ser redimida na sua comunhão com Deus, através de um processo que implica o perdão dos pecados e a transformação interior, proveniente da graça divina.

Os cristãos acreditam que cada pessoa é chamada à santidade, tendo como modelo a própria vida de Jesus Cristo. É possível viver a santidade como um caminho de busca pela perfeição espiritual, colocando em prática as virtudes, os sacramentos e a oração. Assim, a santidade é uma vocação universal e não apenas para alguns.

## 1. Um olhar sobre o ser humano

Que é o Homem? Esta interrogação percorre toda a história do pensamento e está claramente presente na reflexão bíblica e teológica, sabendo que também o Judaísmo e até o Islão vão buscar raízes teológicas ao Antigo Testamento. A título de exemplo,

nas narrativas da criação, a pessoa humana se encontra a si mesma diante do olhar de Deus e se descobre “imagem” do Criador, “imagem” que se cumpre totalmente na pessoa de Jesus Cristo que se torna, por isso, a ‘chave’ de entrada no “mistério do homem” que “só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente” (GS, 22). É também na história de relação com Deus que a humanidade percebe a sua realidade de “imagem” distorcida pelo pecado, e “imagem” restabelecida constantemente pela graça de Cristo, num caminho entre o ‘já’ e o ‘ainda não’ até à consumação escatológica.<sup>14</sup>

O homem interroga-se sobre si próprio, procurando saber o que é e quem é. A partir daqui coloca questões fundamentais sobre a sua existência: o que significa ser livre? O que são os meus sentimentos? Terei uma alma? Que vai acontecer quando morrer? Sem dúvida, estas perguntas fazem parte da existência humana.

Juan Manuel Burgos, cita o filósofo francês, Jacques Maritain<sup>15</sup>, apresentando uma definição de pessoa,

quando dizemos que um homem é pessoa, não queremos dizer apenas que se trata de um indivíduo, como o são um átomo, uma espiga de trigo, uma mosca ou um elefante. O homem é um indivíduo que se rege com a inteligência e com a vontade; não existe somente na forma física, pois existe espiritualmente em conhecimento e em amor, de tal forma que, em certo sentido, é um universo por si próprio, um microcosmos no qual o grande universo, na sua totalidade, pode ficar compreendido com

---

<sup>14</sup> Diocese Leiria-Fátima, «Antropologia teológica», acessido a 18 de junho de 2024, <https://formacao.leiria-fatima.pt/noticias/antropologia-teologica-apresentacao/>.

<sup>15</sup> J. Maritain, *Humanismo integral*, (Madrid: Palavra, 1999).

o conhecimento e com o amor pode dar-se por inteiro a seres que se encontram perante ele, como tantos outros a ele próprio, relação da qual é impossível encontrar equivalente no mundo físico.<sup>16</sup>

Por outro lado,

a pessoa é um ser digno em si mesmo, mas necessita de se entregar aos outros para conseguir a sua perfeição, é dinâmica e activa, capaz de transformar o mundo e de alcançar a verdade, é espiritual e corporal, possuidora de uma liberdade que lhe permite autodeterminar-se e decidir em parte não apenas o seu futuro como o seu modo de ser, está enraizada no mundo da afetividade e é portadora e está destinada a um fim transcendente.<sup>17</sup>

Perante as citações, acima apresentadas, podemos afirmar que a relação entre uma pessoa e Jesus Cristo é o cerne da fé cristã, envolvendo diversos aspetos, tais como, espirituais, emocionais e práticos. Esta relação pode ser interpretada em várias dimensões, como por exemplo, relação pessoal, relação espiritual, relação eterna, relação ética e moral e relação comunitária.

A relação pessoal, inicia-se com a crença de que Jesus é o Salvador, que deu a Sua vida na cruz para redenção dos pecados, levando assim, a uma confiança de que Jesus é guia e protetor. Jesus é encarado como um amigo fiel, que caminha lado a lado com a pessoa, em todos os momentos da sua vida, compreendendo as dificuldades humanas e oferecendo consolo e encorajamento no crescimento espiritual.

A relação espiritual ocorre por meio da oração, como um diálogo contínuo e íntimo. Esta relação implica um processo de transformação interior, uma vez que, por ação do Espírito Santo a pessoa se torna mais parecida com Jesus.

O cristão acredita na salvação e que o próprio Jesus Cristo é o caminho para a vida eterna com Deus. Neste sentido os cristãos são chamados a imitar a vida e os ensinamentos de Jesus, pondo em prática o amor, a proximidade, o perdão, a justiça e a humildade. Neste caminho não nos podemos esquecer da relação comunitária, pois ela é o suporte para a partilha e o fortalecimento através da relação com os outros.

Jesus Cristo cuida de todos, porque todos são criaturas de Deus, “imagem e semelhança” do Criador. O amor de Deus não se deixa contaminar por coisa alguma. Deus ama sempre para lá da imperfeição.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Juan Manuel Burgos, *Antropologia Breve*, (Lisboa: Diel, 2012), 18-19.

<sup>17</sup> Burgos, *Antropologia Breve*, 19.

<sup>18</sup> Cf. Américo Pereira, «Introdução», em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 15-16.

No simpósio “*Lugares da Afetividade e da sexualidade. Na configuração da identidade pessoal*”, D. Jorge Ortiga, Arcebispo Emérito de Braga, colocou bem a diferença entre a perfeição do mandamento divino e a imperfeição da positividade humana de valores e preceitos, sempre algo de cultural, de relativo.<sup>19</sup>

Américo Pereira, coordenador da edição em livro das conferências do simpósio *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, oferece-nos uma reflexão muito interessante, do qual destacamos uma ideia:

é sempre o Homem Deus e o Deus Homem todo que se dá como presença concreta, incarnada, em ato, de Jesus. É ao Homem como um todo que os atos de Jesus se dirigem. Todavia, é também a todos os Homens, a todos os seres humanos, a todas as pessoas. Cada ser humano é, como ser humano, tão humano como Cristo, enquanto ser humano. Nisto se cumpre a imagem e semelhança entre Deus e o Homem, agora metamorfoseada em ato perfeito. A perfeição de Cristo não é ao modo de um ‘super-algo’, mas, com a mesma grandeza humana, a cumprir em sua possibilidade sem pecado.<sup>20</sup>

Jesus é o único que tem autoridade ética e política para julgar da diferença entre pecar e não pecar: Ele próprio é o Mestre da bondade.

Américo Pereira, no capítulo intitulado «Uma só humanidade», procura apresentar teoricamente que a realidade, propriamente humana, é apenas uma, ainda que se tenha em conta uma imensa diferencialidade possível e concreta diferença entre todos os indivíduos humanos, considerados como «pessoas». Deste modo, segundo Américo Pereira, só há uma única humanidade. Por isso, esta é a condição transcendente em que o ‘agregado humano’ tem vivido, desde sempre e em que poderá continuar a viver, se assim o quiser.

O cristão, perante a diferente situação existencial concreta de cada ser humano, deve seguir o mandamento de Cristo, onde não impera o julgamento, mas sim a caridade, isto é, a ação misericordiosa. Na verdade, o cristão deve ser acolhedor e ter um sentido de bem com ele e com o outro. O amor convoca para a unidade e o cristão deve sempre cumprir este mandamento do amor, para o ser verdadeiramente cristão<sup>21</sup>.

Luis Ladaria, um proeminente teólogo e cardeal, na sua obra *Introdução à Antropologia Teológica*<sup>22</sup> apresenta uma perspetiva rica sobre a antropologia cristã, que é a compreensão do ser

---

<sup>19</sup> Cf. Pereira, «Introdução», 16.

<sup>20</sup> Cf. Pereira, «Introdução», 17.

<sup>21</sup> Cf. Pereira, «Introdução», 20.

<sup>22</sup> Luis F. Ladaria, *Introdução à Antropologia Teológica* (São Paulo: Edições Loyola, 2007), 11-15.

humano à luz da fé cristã. Ladaria apresenta a dignidade inerente a cada ser humano, que é criada à imagem e semelhança de Deus. Isso implica um valor inalienável, independentemente das circunstâncias sociais, económicas ou pessoais.

Deste modo, segundo o cardeal Ladaria, a antropologia cristã não pode ser dissociada da relação do ser humano com Deus. Essa relação é fundamental para entender o propósito e a vocação do ser humano, que é chamado à comunhão com o Criador. Além disso, realça a importância da liberdade humana, que é um dom divino. Essa liberdade vem acompanhada da responsabilidade de fazer escolhas que reflitam os valores cristãos e a busca pelo bem.

Por outro lado, Ladaria aborda a dimensão social do ser humano, reconhecendo que os indivíduos são chamados a viver em comunidade, promovendo a solidariedade e a justiça<sup>23</sup>. Digamos que a visão antropológica de Ladaria é otimista, pois, apesar do pecado e da fragilidade humana, há sempre a possibilidade de redenção e transformação através de Cristo. Isso aponta para a esperança de uma vida eterna e plena.

Em resumo, a reflexão teológica de Ladaria busca integrar a experiência humana com a revelação divina, oferecendo uma visão coerente e inspiradora da condição humana à luz da fé cristã.

Um outro teólogo que oferece uma abordagem significativa à antropologia cristã é Bernard Sesboüé. No seu ensaio de antropologia cristológica, *O homem, maravilha de Deus*<sup>24</sup>, Sesboüé afirma que a compreensão do ser humano deve ser centrada na pessoa de Cristo, uma vez que ele vê Jesus como a revelação plena do que significa ser humano, mostrando que a verdadeira antropologia cristã deve partir da Sua vida e ensinamentos.

O teólogo Sesboüé realça que a antropologia cristã é essencialmente relacional, ou seja, o ser humano é criado para viver em comunhão, tanto com Deus quanto com os outros. Essa relação é vista como fundamental para a realização plena da pessoa.

Na sua perspectiva, reflete a condição humana em termos de pecado e graça. O pecado introduziu a fragilidade e a alienação na experiência humana, mas a redenção em Cristo oferece um caminho de retorno à verdadeira humanidade.

Sesboüé sublinha a importância da liberdade humana como um dom que permite ao ser humano escolher o bem, essa liberdade é acompanhada por uma vocação, que envolve a pessoa na santidade e no serviço ao próximo. Assim, aborda a importância da vida comunitária e do envolvimento social, mostrando que a antropologia cristã deve refletir a busca pela justiça e

---

<sup>23</sup> Cf. Ladaria, *Introdução à Antropologia Teológica*, 13.

<sup>24</sup> Bernard Sesboüé, *O homem, maravilha de Deus* (São Paulo: Paulinas, 2021), 13-34.

solidariedade na sociedade. A fé não é apenas uma experiência individual, mas deve-se manifestar em ações concretas em favor dos outros.

Por fim, Sesboüé fala sobre a dimensão transcendente da experiência humana. A antropologia cristã aponta para uma esperança que vai além desta vida, com a promessa de uma comunhão plena com Deus na eternidade. Neste sentido, a antropologia cristã busca compreender o ser humano na sua totalidade, integrando aspetos sociais, espirituais e éticos, à luz da fé em Cristo.

Segundo o artigo *Antropologia cristã e educação*<sup>25</sup>, de José António de Queirós Ribeiro, Karl Rahner centra o seu pensamento na relação entre a antropologia cristã e a educação. A educação é vista como uma atividade inerente à condição humana e, por isso, fundamentada em antropologias diversas, incluindo aquelas influenciadas pelo positivismo e cientificismo. Essas visões reducionistas são questionadas, dado que, Queirós Ribeiro, Rahner, o ser humano é marcado pela abertura ao transcendente, uma característica fundamental da sua existência. O autor sublinha a insuficiência de antropologias que negligenciam a totalidade humana, tratando o ser humano como algo finito e limitado ao mundo material.

No pensamento de Karl Rahner, o ser humano é definido pela sua abertura ao mistério divino. Esta "abertura" não é uma simples lacuna no conhecimento humano, mas uma característica essencial da sua existência, que se expressa na busca contínua pela verdade, amor e fidelidade. O ser humano, segundo Rahner, não se realiza plenamente no mundo finito e material, mas encontra a sua plenitude no infinito e no transcendente, o que sublinha a sua natureza "indefinível" e "inesgotável".

A antropologia cristã, no contexto da educação, desafia o reducionismo presente em muitas visões contemporâneas, e propõe uma compreensão mais integral da pessoa humana. Essa visão defende que a educação não deve limitar-se à transmissão de conhecimento técnico ou científico, mas deve incluir a formação espiritual e ética dos alunos, abrindo-os ao mistério da transcendência e ajudando-os a encontrar um sentido mais profundo para a sua existência.

A antropologia de Rahner é apresentada como uma resposta aos desafios colocados pelas visões antropológicas contemporâneas que tendem a limitar o ser humano ao seu aspecto físico e racional. Rahner propõe que o ser humano é uma unidade de espírito e matéria, e que a sua existência não pode ser compreendida de forma dualista ou materialista. O corpo e o espírito são inseparáveis, e é através da corporeidade que o ser humano se realiza no mundo. No entanto, essa realização não é completa sem a abertura ao transcendente, que dá sentido e plenitude à existência humana.

---

<sup>25</sup> José António de Queirós Ribeiro, «Antropologia cristã e educação», acedido a 23 de agosto de 2024, <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/8454/8340>. K. Rahner, *Sobre el concepto de misterio en la teologia católica* (Madrid: Taurus, 1964). K. Rahner, *Curso Fundamental sobre la fe* (Barcelona: Herder, 1989).

A educação cristã, portanto, não se limita ao desenvolvimento intelectual ou técnico, mas visa a formação integral da pessoa, ajudando-a a reconhecer e a responder ao chamamento divino presente na sua vida. Esta educação promove valores como o respeito, a justiça, a liberdade e a responsabilidade, todos eles enraizados no amor transcendente que se revela em Jesus Cristo. A educação cristã não se baseia numa ética de deveres ou num simples contrato social, mas num amor que liberta e torna pleno o ser humano.

Finalmente, o artigo destaca que, para Rahner, a liberdade humana só se realiza plenamente quando está aberta a Deus, e que cada ato livre do ser humano tem um significado sobrenatural. Esta liberdade é vista como uma oportunidade para a salvação ou perdição, e cada decisão humana, por mais pequena que seja, tem um impacto eterno. A educação cristã deve assim ajudar os alunos a tomar consciência desta dimensão transcendente da sua liberdade e a viver de acordo com ela.

## 2. Adolescência

O termo adolescência provém do latim *adolescere*, que quer dizer amadurecer, desenvolver e crescer. Esta fase da vida do ser humano não se explica apenas biologicamente, mas também pela influência de cada cultura e varia de acordo com a história da pessoa e do meio envolvente. A puberdade é o que marca o início desta fase, embora não seja perceptível o momento de término. Podemos afirmar que se conclui quando o ser humano, ao viver a sua própria identidade, assume e atinge as suas responsabilidades autonomamente.

Segundo o *Dicionário de Psicologia do Adolescente*, a adolescência é o

período de transição entre a infância e a idade adulta. Os seus limites situam-se entre os 12 e os 18 anos para as raparigas e entre os 14 e os 20 anos para os rapazes. A duração da adolescência ocorre em função de factores tais como o meio, a raça e o contexto social, os quais activam ou travam as diferentes transformações características desta idade<sup>26</sup>.

Por outro lado, o *Dicionário de Psicologia* diz-nos que «a adolescência é a fase de reestruturação afectiva e intelectual da personalidade, um processo de individuação e de metabolização das transformações fisiológicas ligadas à integração do corpo sexuado»<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Aimée Fillioud, Maurice Gaudet, *Dicionário de psicologia do adolescente* (Lisboa: Verbo, 1981), 14.

<sup>27</sup> Roland Doron, Françoise Parot, *Dicionário de Psicologia* (Lisboa: Climepsi Editores, 2011), 32.

De igual modo, a adolescência é confundida com o início da puberdade<sup>28</sup>. Assim, «em psicologia entende-se por adolescência a etapa que vai do final da infância ao princípio da idade adulta»<sup>29</sup>.

Contudo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta a adolescência como «o período entre 10 e 19 anos de idade, o qual é marcado pelo crescimento e desenvolvimento acelerado, onde o estado nutricional indica condições de uma vida saudável»<sup>30</sup>. Apesar de tudo, a adolescência, «vive-se individualmente, na pele de cada um, no cerne da formação da sua personalidade»<sup>31</sup>. Por outro lado, «as mudanças neuro-endocrinológicas universais da puberdade forçam os adolescentes a enfrentar uma aparência física nova e idêntica à do adulto»<sup>32</sup>.

Carlos Costa, no Simpósio do Projeto «Entre Linhas» aprofundou sobre o que a Psicologia tem a dizer acerca de *Lugares da afetividade e se sexualidade na configuração da identidade pessoal*. Neste sentido, Carlos Costa inicia a sua reflexão apresentando os mapas da identidade pessoal: conceptualizações e modelos, onde refere que a identidade, é uma tarefa desenvolvimental central na adolescência e na idade adulta emergente, que tem sido definida como um conjunto de características biológicas, psicológicas e sociodemográficas que permitem definir o pensamento da pessoa sobre si e como se percebe nas relações interpessoais que estabelece com os outros.<sup>33</sup>

A identidade, afirma Carlos Costa<sup>34</sup>, pode ser distinguida tendo em conta três níveis: identidade individual, relacional e coletiva. É importante referir que estes níveis variam de acordo com a interrelação e interdependência com os outros envolvidos na construção da identidade. Assim sendo, a identidade individual está focada no autoconceito, ou seja, o conjunto de percepções que uma pessoa tem de si própria, incluindo valores, objetivos, crenças, padrões de comportamento e de tomada de decisão, enquanto a identidade relacional corresponde aos papéis que a pessoa desempenha com os outros e aos atributos que definem a relação. Por fim, a identidade coletiva corresponde à pertença a um grupo específico e à forma como o indivíduo se percebe na relação com os outros.

---

<sup>28</sup> Cf. Cristina Sá Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação*, n.º 21/22, (2012): 169.

<sup>29</sup> António Ávila, *Psicologia da Religião* (São Paulo Brasil: Edições Loyola, 2007), 155.

<sup>30</sup> Promoção da Alimentação Saudável, «Saúde nos adolescentes», acessado a 19 de junho de 2024, <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/numeros-e-factos/adolescentes/>

<sup>31</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação*, n.º 21/22, (2012): 170.

<sup>32</sup> H. Gleitman, A.J. Fridlund e D. Reisberg, *Psicologia* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001), 842.

<sup>33</sup> Cf. Carlos Costa, «Lugares da afetividade e sexualidade na configuração da identidade pessoal - Psicologia», em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 107.

<sup>34</sup> Cf. Costa, «Lugares da afetividade e sexualidade na configuração da identidade pessoal - Psicologia», 107.

Por outro lado, alguns autores, por exemplo: Vignoles, Schwartz, Luyckx apresentam visões distintas, dos três níveis anteriormente referidos. Assim, segundo eles, a identidade individual deve ser descoberta ou construída individualmente ou socialmente, assim como a identidade relacional deve ser relativamente estável ou fluída e em constante mudança e a identidade coletiva deve ser estudada através de desenhos quantitativos e qualitativos.

Na verdade, a formação da identidade situa-se numa encruzilhada entre a matriz, ou impulso biológico e a matriz social e cultural, sendo que sofre uma viragem decisiva na puberdade, permitindo uma profunda reorganização psicológica, mas constituindo também o terreno propício para o questionamento sobre a própria identidade, em todos os seus aspetos.<sup>35</sup>

Erikson frisava que há um conflito central a resolver na transição da adolescência para a juventude: redefinir a própria identidade, ora no ponto de vista intrapsíquico, ora no ponto de vista psicossocial<sup>36</sup>. Portanto, é nesta dinâmica que se definem valores que regulam o que significa ser homem ou mulher adultos, num contexto histórico-cultural.

O ser humano, mas de modo especial, o adolescente e/ou o jovem adulto tem o desafio central de elaborar e absorver as mudanças fisiológicas no corpo, o impacto e a sua interligação com as mudanças psicológicas e as mudanças de expectativas que lhe chegam do mundo que o rodeia e no qual está inserido.

Assim, neste percurso complexo, o adolescente ou jovem adulto deve atribuir significados emocionais às transformações da realidade interna - psíquica e biológica – e à realidade exterior – transformação das relações e da sua interação e relacionamento com o mundo social.

Na nossa cultura ocidental, sobretudo no último século e inícios do século XXI, a construção da identidade tem-se eminentemente modificado, devido ao facto de uma menor definição dos papéis afetivos e sociais que cada indivíduo, cada pessoa, desempenha. Portanto, são cada vez mais idiossincráticos e autorreferências.

Atualmente, tornar-se adulto acontece cada vez mais tarde e de forma muito mais flutuante. Deste modo, os processos de evolução humana são cada vez mais dinâmicos.

---

<sup>35</sup> Cf. Fabrizia Raguso, «Sexualidade e questão de género» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 114-115.

<sup>36</sup> Cf. Raguso, «Sexualidade e questão de género», 115.

Ser reconhecido enquanto minoria sexual significa «ter um espaço no mundo»<sup>37</sup>. Aqui, a Psicologia é convocada a abordar as questões da identidade de género. Quando falamos de identidade de género, diz-nos Fabrizia Raguso

entendemos quase exclusivamente um estado subjetivo, uma situação psicológica, uma maneira de sentir-se, que toca, portanto, a dimensão, sobretudo, emotiva do sujeito. A convicção persistente de ser um homem ou uma mulher, de pertencer a uma ou outra das duas categorias binárias. Tudo isso refere-se aos aspetos psicológicos, sociais e culturais, que definem o que é a masculinidade, o que é a feminilidade, distinguindo-se da pura e única identidade sexual, que se refere estritamente às características biológicas, anatómicas e da orientação sexual.<sup>38</sup>

O ser humano desenvolve ao longo da vida, desde o nascimento até à morte, a dinâmica entre a dimensão interior, entre a experiência emotiva, a imagem de si. É um complexo percurso, no qual precisam ser integradas as mudanças físicas, psicológicas e as exigências sociais que o adolescente e o jovem adulto devem enfrentar.

A título de exemplo, a dificuldade de construir a relação com os pares, as problemáticas relativas às escolhas de vida, a própria inserção no mundo adulto, evidenciam-se também na necessidade de compreender a própria dimensão sexuada da existência pessoal. De igual modo, também podemos inserir todas as questões ligadas à autoimagem e a relação cada vez mais complexa com o corpo. Além disso, as perturbações do comportamento alimentar são cada vez mais frequentes e iniciam cada vez mais cedo. Assim, a par com as questões relativas à identidade de género, os adolescentes questionam a corporeidade e a sua integração com a interioridade e o mundo afetivo<sup>39</sup>.

Existe um «processo também de transformação relacional, sobretudo nas relações primárias. Um processo muito complexo e muito significativo, carregado de intensas expectativas recíprocas entre os adultos (sobretudo a família) e os jovens em transformação.»<sup>40</sup> Ultimamente, as dinâmicas de identificação própria e dos outros têm sofrido alterações significativas, as quais acarretam implicações profundas em toda a complexa realidade estrutural e casuística ao nível da formação do sentido identitário e do sentido da sexualidade própria.

Na atualidade,

a ideia de uma identidade estável e estruturada e que coincidissem também com papéis sociais estruturados, tem-se tornado cada vez mais frágil e a própria identidade individual tem-se tornado cada vez mais fragmentada, muito mais influenciada pelos aspetos afetivos e emotivos, num processo constantemente em devir até ao final da vida.<sup>41</sup>

---

<sup>37</sup> Raguso, «Sexualidade e questão de género», 116.

<sup>38</sup> Cf. Raguso, «Sexualidade e questão de género», 117.

<sup>39</sup> Cf. Raguso, «Sexualidade e questão de género», 117-118.

<sup>40</sup> Raguso, «Sexualidade e questão de género», 118.

<sup>41</sup> Raguso, «Sexualidade e questão de género», 120.

De forma que, «com a ideia de género, indicamos hoje a condição meta-biológica do ser homem e do ser mulher, que pode não ser só do homem ou da mulher, enquanto um ser definido. A masculinidade e a feminilidade tornaram-se, portanto, indicadores meta-biológicos sempre em devir.»<sup>42</sup>

O Papa Francisco aborda a ideologia de género em muitas intervenções, manifestando preocupações sociais, antropológicas e teológicas. Segundo Sua Santidade, esta ideologia é uma tentativa de desconstruir a diferença natural e complementaridade entre homens e mulheres, o que, para ele, é um desvio do plano original de Deus para a humanidade<sup>43</sup>.

Do ponto de vista teológico, Francisco acredita que a ideologia de género é um desafio à compreensão cristã da criação<sup>44</sup>. Neste sentido, argumenta que Deus criou o ser humano "à sua imagem e semelhança", criando-os "homem e mulher" (Gn 1, 27), com uma complementaridade que é fundamental para o propósito da vida humana e da família. Para o Papa Francisco, a ideologia de género nega essa diferença essencial, promovendo uma visão de identidade que é subjetiva e desconectada da realidade biológica.

Sua Santidade também alerta que essa ideologia pode destabilizar a instituição da família. Na sua perspetiva, a família assenta na união entre um homem e uma mulher, que é o núcleo fundamental da sociedade.

A título de exemplo, o Papa na conferência *Homem-Mulher imagem de Deus. Por uma antropologia das vocações* afirma que «hoje o perigo mais feio é a ideologia de género, que anula as diferenças. Pedi para fazer estudos sobre essa ideologia ruim do nosso tempo, que apaga as diferenças e torna tudo igual; cancelar a diferença é cancelar a humanidade. Homem e mulher, porém, vivem uma "tensão" fecunda.»<sup>45</sup>

Deste modo, o Francisco teme que a ideologia de género possa destruir a estrutura de família, ao promover uma redefinição do que significa ser homem, mulher, pai e mãe. Para ele, isso pode ter consequências profundas e negativas para a coesão social e para a educação das futuras gerações.

Além disso, o Papa Francisco também se mostra preocupado com os defensores da ideologia de género, apelando ao acolhimento dos mesmos e enfatiza a necessidade de acompanhar

---

<sup>42</sup> Raguso, «Sexualidade e questão de género», 120.

<sup>43</sup> Mariangela Jaguraba, «O Papa: o perigo mais feio é a ideologia de género, que anula as diferenças», acessado a 20 de setembro de 2024, em Vatican News: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-03/papa-francisco-ideologia-genero-homem-mulher-antropologia-perigo.html>

<sup>44</sup> Jaguraba, «O Papa: o perigo mais feio é a ideologia de género, que anula as diferenças».

<sup>45</sup> Jaguraba, «O Papa: o perigo mais feio é a ideologia de género, que anula as diferenças».

pastoralmente aqueles que se identificam com géneros diferentes do sexo com o qual nasceram, mostrando-lhes compaixão e cuidado. No entanto, ele faz uma distinção clara entre esse acolhimento e a aceitação das premissas da ideologia de género.

Na exortação apostólica *Amoris Laetitia*, o Papa aprofunda a ideologia de género. Na *Amoris Laetitia*, ele menciona que a ideologia pode ser uma expressão de uma "antropologia" que nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. É um tema presente em várias entrevistas e audiências reiterando as suas preocupações.

Na nossa perspetiva, a ideologia de género é algo intrinsecamente ligado ao sexo biológico, rejeitando a ideia de que a pessoa pode escolher ou mudar o seu género livremente. Queremos com isto afirmar que o corpo é um presente de Deus e, portanto, a sexualidade humana deve ser vivida em harmonia com a natureza criada. Contudo, não devemos excluir as pessoas que vivem ou defendem esta ideologia, antes pelo contrário, devemos de as tratar com respeito e dignidade, promovendo assim um acompanhamento das mesmas, tal como nos indica o Papa Francisco, que embora expresse críticas à ideologia de género, sublinha a importância do cuidado pastoral e do respeito pelas pessoas com dificuldades e complexidades de vida.

A presente realidade sobre a sexualidade e a questão de género tem sido trabalhada através de várias teorias que exploram as possibilidades de sentido, aprofundando as relações possíveis entre determinismos e indeterminismos, o que é considerado natural, o que é cultural, o que pode ser deixado ao humano arbítrio.

Segundo Fabrizia Raguso é a própria realidade humana que se encontra posta em questão,

o Eu, a identidade, está toda internalizada no mental, numa consciência cada vez mais puntiforme e a-espacial. A autoconsciência não precisa de ser identificada também no espaço corpóreo. Isto é possível, também, graças não só ao desejo de modificar a minha realidade corpórea, mas também graças à possibilidade concreta de intervir sobre o nosso corpo, através de transformações cirúrgicas e hormonais, cada vez mais disponíveis para todos.<sup>46</sup>

Isto corresponde a algo como um universo de 'engenharia antropológica', com as possibilidades ontológicas que tal implica<sup>47</sup>.

Na verdade, é evidente que

neste momento, a intervenção sobre o corpo é uma das fronteiras da procura da felicidade na nossa cultura, a vários níveis, e em todas as idades. Deste modo, esta evaporação do corpo (depois da sua

---

<sup>46</sup> Raguso, «Sexualidade e questão de género», 122.

<sup>47</sup> Pereira, «Introdução», 31

hipervalorização através de cânones estéticos cada vez mais exigentes) faz que a orientação sexual seja uma dimensão ainda mais vaga, e muito aberta flexivelmente ao longo da vida.<sup>48</sup>

Apesar das mudanças culturais e sociais, as necessidades psicológicas humanas no processo de crescimento da adolescência e de vir a ser adulto permanecem as mesmas. Assim, aparecem questões do tipo, “o que faço com um corpo novo?”, “porque penso o que penso sobre as coisas?”, “quem sou?”, entre outras. Logo, «o que varia é a forma como cada pessoa vai encontrar possibilidades de realização, suportáveis por si e pelos outros, aquele processo de crise que leva ao confronto geracional, mas mascarado pela oposição e que é, essencialmente, movimento de procura de uma diferenciação clara em que basear a individuação.»<sup>49</sup> Na verdade, «a construção da identidade efectua-se em relação ao outro.»<sup>50</sup> Por fim, «o que mudou não foi este esquema motivacional, mas ter-se chegado a um ponto nevrálgico de perda de referências e de modelos.»<sup>51</sup>

A adolescência não é apenas uma fase da vida e surge pela modificação da cultura e, conseqüentemente, de todo um modo de ser, estar, pensar e agir. Na verdade, «os adolescentes de hoje habitam um mundo largamente inabitado pelos adultos.»<sup>52</sup> Por outro lado, a sociedade demitiu-se de educar para a vida adulta, como nos afirma Cristina Sá Carvalho, «a razão fundacional por detrás desta separação entre o mundo adulto e o mundo dos adolescentes é que a sociedade abdicou da responsabilidade de educar os jovens em função da vida adulta.»<sup>53</sup>

Em suma, a adolescência é uma etapa fundamental no crescimento e desenvolvimento do ser humano. É neste período de crescimento de todas as pessoas que cada uma descobre a sua identidade e define a personalidade. É um período marcado por grandes transformações psicológicas, fisiológicas, intelectuais, afetivas e sociais. Na adolescência é possível experimentar o que se vive entre dois mundos, ou seja, já não se quer ser criança e ainda não se consegue ser adulto. Neste processo sucedem transformações que levam o ser humano a redefinir os valores adquiridos na infância. Existe um alargamento ao mundo social e surge a grande preocupação “como é que os outros nos olham”.

---

<sup>48</sup> Raguso, «Sexualidade e questão de género», 122.

<sup>49</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 176.

<sup>50</sup> Pierre G. Coslin, *Psicologia do Adolescente* (Lisboa: Instituto Piaget, 2002), 47.

<sup>51</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 176.

<sup>52</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 177.

<sup>53</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 177.

### 3. Afetividade e sexualidade

Uma das dimensões da identidade pessoal é a afetividade, identidade(s) sexual(ais) e de género, presente desde a infância. É na adolescência que esta dimensão de uma pessoa, geralmente, se torna uma questão premente, quer a nível da orientação sexual, quer da identidade de género.

A orientação sexual pode ser definida como o «sentimento de atração romântica, emocional ou sexual por um determinado tipo de corpo ou de identidade de género.»<sup>54</sup>

Globalmente, a orientação sexual costuma ser categorizada em três dimensões: heterossexualidade, pessoas que se sentem atraídas por outras do sexo oposto; homossexualidade, pessoas que sentem atraídas por outras pessoas do mesmo sexo ou género; e bissexualidade, pessoas que se sentem atraídas por pessoas do sexo ou género oposto como por pessoas do mesmo sexo ou género.<sup>55</sup>

Sem quer contrariar a posição da Igreja, a qual, anteriormente apresentamos e refletimos, através do contributo do Papa Francisco, apresentaremos e forneceremos alguns argumentos válidos de teólogos, psicólogos, moralistas que consideramos importantes nesta nossa reflexão.

A identidade de género é

«a vivência interna e individual de cada pessoa face ao seu corpo, expressão de género, comportamentos ou outras manifestações individuais e sociais, não tem necessariamente uma correspondência com o sexo biológico designado à nascença, e não há uma relação direta entre qualquer tipo de identidade de género e a orientação sexual.»<sup>56</sup>

Tendo por base o pensamento de Ana Macedo, um indivíduo pode assumir-se como masculino ou feminino, no espectro de masculino ou no feminino, ou *genderqueer*. O ser humano pode assumir uma entidade que junta o género feminino e masculino, uma identidade sem um género ou género fluído. Esta definição contraria por si mesma a posição da Igreja, pois, é esta desassociação entre sexo biológico e género que é colocada em questão.

A identidade de género é categorizada como cisgénero, ou seja, pessoas que se identificam com a categoria de género correspondente às características sexuais que designaram o sexo e género no nascimento ou como transgénero, isto é, pessoas que se identificam como tendo um género diferente do que foi definido no nascimento.

---

<sup>54</sup> A. Macedo, *Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica* (Lisboa: Edições Sílabo, 2018), 20.

<sup>55</sup> Cf. Macedo, *Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica*, 20.

<sup>56</sup> Macedo, *Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica*, 44.

Atualmente, transgénero é uma categoria abrangente que inclui todas as pessoas cuja identidade de género ou expressão de género não está de acordo com o sexo definido ao nascer, assim «o modo como cada pessoa expressa características do género que se identifica»<sup>57</sup> é discordante do sexo atribuído à nascença ou que não se revêem no género binário feminino/masculino. Deste modo, a designação inclui pessoas que vivem ou pretendem viver identificando-se com as características que lhe foram atribuídas ao nascer.

Portanto, para o desenvolvimento da identidade e do comportamento heterossexual, homossexual, bissexual ou transexual, não existe uma rota única, isto é, acontece a ritmos diferentes para cada pessoa.

Pedro Vaz Patto, presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP) em Portugal, tem-se manifestado em várias ocasiões sobre a ideologia de género<sup>58</sup>, especialmente em contextos relacionados com a educação e os direitos das crianças. Vaz Patto é um crítico em relação a esta ideologia, argumentando que a mesma pode trazer consequências negativas para a sociedade.

Vaz Patto afirma que a ideologia de género, ao enfatizar a desconstrução dos papéis tradicionais de género e a separação entre sexo biológico e identidade de género, pode levar a uma confusão na compreensão da identidade pessoal. Neste sentido, o presidente da CNJP expressa preocupações de que essa ideologia possa ser imposta, especialmente em ambientes educacionais, sem respeitar as convicções e os valores das famílias.

Além disso, Pedro Vaz Patto defende a importância de preservar a liberdade de expressão e de consciência, sublinhando que as pessoas devem ter o direito de discordar da ideologia de género sem serem discriminadas ou marginalizadas. Para ele, a promoção dessa ideologia pode, paradoxalmente, acabar por limitar a diversidade de pensamento e a verdadeira liberdade.

Essa posição reflete um receio comum entre setores mais conservadores da sociedade, que veem na ideologia de género uma ameaça aos valores tradicionais e à estrutura familiar. Por outro lado, os defensores da ideologia de género argumentam que ela é crucial para a promoção da igualdade e para o reconhecimento dos direitos das pessoas.

Luís Manuel Pereira da Silva aborda a problemática da ideologia de género<sup>59</sup>, da qual salienta os seus efeitos sobre a construção da identidade individual e coletiva. Luís Pereira da Silva critica a

---

<sup>57</sup> Macedo, *Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica*, 44.

<sup>58</sup> Cf. Pedro Vaz Patto, «Género, ideologia e legislação» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 128-144.

<sup>59</sup> Cf. Luís Manuel Pereira da Silva, «A busca da construção da identidade perante os desafios de uma ideologia que abandona na solidão. Ideologia de género: uma cultura que pede salvação» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade*

ideologia de género, argumentando que a mesma promove uma desconexão entre a identidade biológica e a identidade pessoal, resultando numa crise identitária que deixa os indivíduos num estado de solidão existencial.

Pereira da Silva sugere que a ideologia de género, ao tentar dissociar a identidade de género dos aspetos biológicos, cria uma cultura onde os indivíduos são incentivados a se reinventarem constantemente, sem uma âncora firme. Essa ausência de uma base sólida para a identidade pode levar à fragmentação e à solidão, pois as pessoas acabam por perder o sentido de pertencimento e de conexão com algo maior do que elas próprias.

O autor também enfatiza a necessidade de uma "salvação" cultural, onde os valores tradicionais, que ele vê como essenciais para a coesão social e o bem-estar individual, sejam resgatados e reafirmados. Segundo Pereira da Silva, a sociedade deve buscar um equilíbrio que permita a expressão da identidade pessoal, sem, contudo, perder de vista as realidades biológicas e os valores que sustentam as relações humanas.

Em síntese, Pereira da Silva critica a ideologia de género por fomentar uma identidade desconectada da realidade, o que, segundo o autor, leva à solidão e à desintegração social. Ele defende um retorno aos valores tradicionais como forma de preservar a coesão e a identidade das pessoas num mundo cada vez mais fragmentado.

Juan Ambrosio, teólogo e professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, aborda a afetividade e a sexualidade no contexto do pensamento social-cristão, oferecendo alguns indicadores<sup>60</sup> que buscam integrar essas dimensões na vida dos cristãos de maneira ética e espiritual, com base na tradição e no pensamento social-cristão.

Ambrosio enfatiza que qualquer reflexão sobre afetividade e sexualidade deve começar pelo reconhecimento da dignidade intrínseca de cada pessoa. A sexualidade e a afetividade não podem ser entendidas de forma isolada, mas como aspetos que contribuem para a realização plena da pessoa humana. A dignidade deve ser o princípio orientador para qualquer discussão ética nessa área.

Juan Ambrosio sugere que a sexualidade deve ser vista de forma integrada, como uma dimensão fundamental da pessoa que envolve não apenas o corpo, mas também a mente, o coração e

---

*na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 145-160. Luís Manuel Pereira da Silva também é autor do livro: *Ideologia de Género: Uma cultura que pede salvação!*

<sup>60</sup> Cf. Juan Ambrosio, «Indicadores para uma reflexão sobre a afetividade e a sexualidade no contexto do Pensamento Social Cristão» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 195-206.

o espírito. Essa visão integral permite que a sexualidade seja vivida de maneira que respeite a dignidade própria e do outro, promovendo relações saudáveis e humanizadoras.

Ambrosio coloca a afetividade no centro das relações humanas, sublinhando que ela deve ser orientada para o bem comum e o desenvolvimento integral das pessoas. Ele defende que a afetividade deve promover vínculos que sejam verdadeiros, duradouros e baseados em amor, respeito e reciprocidade, em vez de meramente utilitários ou superficiais.

No pensamento social-cristão, a comunidade desempenha um papel crucial na formação e orientação da afetividade e da sexualidade. O professor argumenta que a Igreja, como comunidade de fé, tem a responsabilidade de acompanhar, educar e apoiar as pessoas na vivência da sua afetividade e sexualidade de maneira ética e conforme os valores cristãos.

Ele destaca a importância da fidelidade e do compromisso nas relações afetivas e sexuais. Para o teólogo, essas virtudes são fundamentais para a construção de relacionamentos que reflitam o amor de Deus e que sejam verdadeiramente humanizantes.

Ambrosio reafirma o ensinamento cristão sobre a abertura à vida como uma dimensão essencial da sexualidade. Argumenta que a sexualidade, quando vivida de forma responsável e amorosa, deve estar aberta à procriação, respeitando o desígnio de Deus para o ser humano.

Juan Ambrosio oferece uma reflexão que integra os ensinamentos da Igreja sobre a dignidade humana, a visão integral da sexualidade, a importância da afetividade nas relações humanas, o papel da comunidade, a fidelidade, o compromisso e a abertura à vida. Esses indicadores servem como guias para uma vivência ética da afetividade e sexualidade, em consonância com o pensamento social-cristão, promovendo a realização plena da pessoa e o fortalecimento das relações humanas dentro de uma perspectiva cristã.

João Duque, teólogo e também ele professor na Universidade Católica Portuguesa, aborda o conceito de sexualidade multidimensional nas suas reflexões teológicas<sup>61</sup>. João Duque entende a sexualidade não apenas como um aspeto biológico ou meramente físico, mas como uma realidade complexa que envolve diversas dimensões da existência humana, incluindo a afetividade, a espiritualidade, a identidade pessoal, e as relações interpessoais.

Duque afirma que a sexualidade é uma expressão integral do ser humano, que vai além da genitalidade e do prazer imediato. Para ele, a sexualidade é uma linguagem do corpo que comunica amor, doação e reciprocidade. Ela está profundamente enraizada na pessoa e na sua capacidade de se

---

<sup>61</sup> Cf. João Duque, «Sexualidade multidimensional» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 212-221.

relacionar com os outros e com Deus. Nesse sentido, a sexualidade não pode ser reduzida a um impulso instintivo ou a uma simples função reprodutiva; ela deve ser vista como parte integrante do caminho de realização e de sentido de vida de cada indivíduo.

A ideia de "sexualidade multidimensional" implica que a vivência da sexualidade deve ser harmoniosa e integradora, respeitando a complexidade e a dignidade da pessoa humana. Duque sugere que uma compreensão adequada da sexualidade deve levar em conta as suas diversas dimensões, como o vínculo emocional, a complementaridade entre homem e mulher, a capacidade de gerar vida e a expressão do amor conjugal.

João Duque também sublinha a importância de uma educação para a sexualidade que reconheça essa multidimensionalidade, ajudando as pessoas a desenvolverem uma visão equilibrada e saudável da sexualidade que esteja em sintonia com os valores cristãos. Para ele, a sexualidade bem integrada na vida da pessoa contribui para o crescimento moral e espiritual, promovendo uma maior humanização e realização pessoal.

Jorge Cunha, teólogo e professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, discute a ética cristã do amor erótico nas suas reflexões teológicas<sup>62</sup> e filosóficas, abordando a integração entre o amor erótico e a visão cristã do amor.

Para Cunha, a ética cristã não rejeita o amor erótico, mas busca integrá-lo dentro de uma compreensão mais ampla do amor humano, que inclui o *amor ágape* (caridade) e o *amor filia* (amizade). Jorge Cunha alega que o amor erótico, quando vivido dentro de um contexto de compromisso e responsabilidade, pode ser uma expressão legítima e profunda do amor cristão. Essa visão desafia a dicotomia tradicional entre amor espiritual e amor físico, propondo que o amor erótico, quando orientado por valores cristãos, pode ser uma manifestação do amor divino.

Jorge Cunha acentua que o amor erótico deve ser vivido em harmonia com os princípios éticos cristãos, que incluem respeito mútuo, dignidade, fidelidade e abertura à vida (procriação). Ele vê o amor conjugal como uma vocação que reflete a união entre Cristo e a Igreja, onde o amor erótico desempenha um papel importante na construção da comunhão entre os cônjuges.

Portanto, o teólogo defende uma visão integrada do amor, onde o *eros* (amor erótico) é visto não como algo a ser rejeitado ou suspeito, mas como uma dimensão essencial do amor humano, que, quando orientada de forma ética, pode contribuir para a realização plena da pessoa e para a santidade no matrimónio cristão.

---

<sup>62</sup> Cf. Jorge Cunha, «Ética cristã do amor erótico» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 222-234.

Jerónimo dos Santos Trigo, professor jubilado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, tem abordado a homossexualidade, afetividade e sexualidade nas suas reflexões teológicas<sup>63</sup>, sempre a partir de uma perspetiva que busca conciliar a doutrina cristã com a compreensão das complexidades humanas.

Jerónimo Trigo reconhece que a homossexualidade é uma realidade presente na vida de muitas pessoas e que deve ser tratada com respeito, dignidade e compaixão. Ele enfatiza a importância de distinguir entre a pessoa homossexual e os atos homossexuais, conforme a tradição da Igreja Católica. Enquanto a Igreja ensina que os atos homossexuais são moralmente desordenados, Trigo sublinha que as pessoas com orientação homossexual não devem ser discriminadas ou marginalizadas. Ele defende que essas pessoas são chamadas, como todos os cristãos, a viver a castidade e a encontrar sua realização em Cristo.

Quanto à afetividade, Jerónimo Trigo ressalta que todos os seres humanos, independentemente da sua orientação sexual, têm uma necessidade fundamental de amor, afeto e relacionamento. Ele vê a afetividade como um componente essencial da vida humana, que deve ser orientado para o bem e para o amor autêntico. Para Trigo, a afetividade deve ser vivida de forma a respeitar a dignidade do outro e promover relações verdadeiramente humanas e cristãs.

No que se refere à sexualidade, o professor entende-a como uma dimensão integral da pessoa humana, que deve ser vivida em harmonia com os princípios morais e éticos cristãos. Ele afirma que a sexualidade é uma expressão do amor entre um homem e uma mulher no contexto do matrimónio, onde se realiza plenamente através da doação mútua e da abertura à vida. Neste sentido, Jerónimo Trigo reconhece a complexidade da sexualidade humana, mas insiste que ela deve ser vivida de forma a promover a dignidade, o respeito mútuo e a fidelidade.

Em síntese, Jerónimo Trigo adota uma abordagem que procura respeitar a dignidade de todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual, enquanto reafirma a visão tradicional da Igreja sobre a moralidade dos atos sexuais. Ele defende que a homossexualidade deve ser compreendida à luz da afetividade e da sexualidade, sempre com um enfoque na caridade, respeito e compreensão das situações individuais.

A Ordem dos Psicólogos afirma que explorar e descobrir a sexualidade pode ser confuso, excitante, difícil e maravilhoso, tudo ao mesmo tempo. Deste modo, é importante que cada um

---

<sup>63</sup> Cf. Jerónimo dos Santos Trigo, «Nas linhas cruzadas sobre a homossexualidade, que linha teológica?» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coord. Américo Pereira (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 262-290.

explore a sexualidade ao seu ritmo, sem deixar que alguém o pressione a sentir ou a fazer coisas que ainda não quer fazer ou para as quais não se sente preparado.<sup>64</sup>

Assim, a aquisição da identidade sexual faz parte do reconhecimento da própria orientação sexual e identidade de gênero, sendo necessário chegar a um acordo com as primeiras manifestações da sexualidade e formar uniões afetivas e sexuais. Queremos com isto, uma vez mais, salientar a necessidade do acompanhamento nestas situações, tendo sempre por base o respeito pelo corpo como uma dádiva de Deus.

De salientar que a formação da identidade afeta profundamente a autoimagem e os relacionamentos, sendo importante a consciência da sexualidade. Além disso, ainda que este processo seja impulsionado biologicamente, a sua expressão é, em parte, definida culturalmente.

Os adolescentes intuitivamente acreditam que não têm escolha se não criarem o seu próprio mundo. Contudo, os adolescentes sentem uma enorme fome emocional e relacional, queremos dizer que têm necessidade de atenção, de conversas familiares e apoio. No entanto, os adolescentes têm uma grande capacidade de criar grupos entre si, para assim, satisfazerem a necessidade, da já referida fome emocional e relacional. De igual modo, os adultos sentem medo de perceber os adolescentes.

Uma transição suave na adolescência é especialmente difícil nas sociedades tecnológicas. Em primeiro lugar, há adolescentes que amadurecem sem evidenciar sinais de desajustamento. Em segundo lugar, há adolescentes que vivem uma vida de grande isolamento dos adultos, sem modelos, sem intimidade com os pais ou proximidade com os professores imersos num mundo criado com e por outros adolescentes. Assim, podemos concluir que nos dias de hoje, os adolescentes são educados pelos adolescentes, uma vez que não existem grandes referências adultas.

Importa ainda referir que o afeto é um elemento que compõe a afetividade, pois os afetos são reações possíveis de descrever através da observação do comportamento.

Concluindo, a afetividade é a resposta sentimental e emocional a um ser humano, a um estímulo ou a uma situação. Esta resposta surge no íntimo de cada pessoa, tendo em conta as emoções, os sentimentos, as tendências e as paixões. Podemos dizer que a afetividade agrega vários estados de alma cujas origens estão enraizadas no instinto e no inconsciente. Ligamo-nos aos outros, a nós próprios e ao mundo graças à afetividade, ou seja, é ela que nos dá impulso vital e o encanto aos nossos pensamentos, por forma a ser o fundamento da personalidade, o que temos de mais íntimo. É

---

<sup>64</sup> Escola Saudavelmente, «Sexualidade e Afetos na Adolescência», acessado a 20 de setembro de 2024, <https://escolasaudavelmente.pt/alunos/adolescentes/amor/sexualidade-afetos>

possível que o ser humano seja capaz de amar e ajudar os outros se a afetividade for bem orientada pela inteligência.

#### 4. Religiosidade na adolescência

Com um estudo do desenvolvimento moral, através do trabalho de Kohlberg<sup>65</sup>, observou-se que os adolescentes com prática religiosa reportam mais frequentemente ter relações de confiança com os pais, com outros adultos e com amigos que partilham perspectivas semelhantes sobre a vida, basicamente porque essas relações, diretamente com os pais, avós ou um mentor que os substitua, criam as condições necessárias ao amadurecimento religioso.<sup>66</sup>

Do mesmo modo,

se verificou que a educação religiosa ensina diretamente a ter preocupação com os outros e fornece oportunidades para discussões de natureza e participação cívica. Também é possível que os adolescentes que se sentem ligados a um ser de natureza divina também desenvolvam melhor a sua força interior, incluindo a autorrelevância moral, que ajuda a traduzir o pensamento moral em ação moral.<sup>67</sup>

Para o estudo da religiosidade nos adolescentes «devemos levar em conta não só as mudanças psicológicas que caracterizam essa etapa, mas também as distintas posições que os adolescentes assumem diante do facto religioso em nosso contexto social.»<sup>68</sup>

Paulo Mendes Pinto afirma-nos que «desde a Antiguidade Clássica que temos uma grande dificuldade de definir “religião”»<sup>69</sup> Assim, «com duas raízes etimológicas possíveis, a ideia base poderá estar em “re-ligare” ou “re-legere”. Ligar, ou reler?»<sup>70</sup> Deste modo, no mundo Ocidental, a noção de religião foi desenvolvida de acordo com a própria realidade social e mental. Na verdade, uma religião tem associado um local sagrado, um texto sagrado, líderes, um corpo de crença e uma noção de Deus.

Por outro lado, «a prática religiosa é uma dimensão ecológica que se centra na integração do Homem numa realidade mais vasta, que parte da natureza envolvente que dá o sustento, passa pela

---

<sup>65</sup> Lawrence Kohlberg (nasceu em Nova Iorque a 25 de Outubro de 1927 e faleceu em Boston a 19 de Janeiro de 1987), foi um psicólogo americano.

<sup>66</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 204.

<sup>67</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 204-205.

<sup>68</sup> Antonio Ávila, *Psicologia da Religião*, (São Paulo: Edições Loyola, 2007), 155.

<sup>69</sup> Paulo Mendes Pinto, «Religiões», *Visão* 1034 (27 dezembro 2012 a 2 de janeiro 2013), 13.

<sup>70</sup> Pinto, «Religiões», 13.

comunidade local, onde os laços de solidariedade fortalecem a pertença e termina no astral, no infinitamente grande.»<sup>71</sup>

A religião acompanha a história humana desde as mais remotas eras. Digamos que, o estudo da antropologia cultural tem mostrado que ela é um fenómeno comum a todas as culturas primitivas, apontando assim os sinais de culto religioso como indicadores do surgimento do *homo sapiens*.<sup>72</sup> As religiões arcaicas apresentam já em comum a crença, mais ou menos definida, num Ser Supremo, de rosto invisível, do qual dependem o Homem e o mundo. Deste modo, o Homem surge aí como um *animal religiosus*. Por outro lado, alguns estudiosos do fenómeno religioso consideram que se deve admitir algo mais primitivo, isto é, a experiência do sagrado, que se entende por advertência espontânea, acessível a qualquer um, qualquer coisa de imenso e infinito que submete o mundo e envolve todas as coisas no mistério do ser, provocando em nós espanto e admiração.<sup>73</sup> Todavia, na pura experiência do sagrado não há ainda referência a Deus ou a divindades pessoais.

Com o decorrer do tempo, as religiões foram revestindo as respectivas crenças com a literatura das mitologias. As crenças e os símbolos foram ganhando forma em mitos, do qual as culturas procuraram traduzir a ação de um mundo sobrenatural sobre a natureza. Na verdade, os mitos foram formas de linguagem tentadas para dizer o profundo mistério que envolve o mundo e a vida e que é de si mesmo inefável.

As religiões mitológicas estão associadas geralmente ao politeísmo. No remoto Oriente asiático, o sentido do Mistério prevaleceu nas grandes religiões, sobre qualquer tentativa de nomear um Deus pessoal e o compreender racionalmente. No Oriente surgiram as grandes religiões monoteístas, também designadas abraâmicas, sendo que as três (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) convergem em Abraão.

Um dos aspetos mais interessantes na história religiosa é o sentido e a incessante procura do Mistério a partir do qual se espera ser desvendado o sentido último do mundo e da vida. O homem é um caminhante, um peregrino em constante procura, que sente necessidade de saber de onde vem e para onde vai. Além disso, sente necessidade de saber o que está no fundo do mistério que envolve o mundo e a vida, “Algo” ou “Alguém” que dê sentido a todas as coisas.

Inspirando-nos no pensamento de João Duque, podemos entender essência da religião como «resposta humana a uma interpelação ou questão originária.»<sup>74</sup> Deste modo, a religião como resposta

---

<sup>71</sup> Pinto, «Religiões», 13.

<sup>72</sup> Cf. Jorge Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer* (Coimbra: Tenacitas, 2010) 21.

<sup>73</sup> Cf. Jorge Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer* (Coimbra: Tenacitas, 2010) 21.

<sup>74</sup> João Duque, *Cultura Contemporânea e Cristianismo* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004) 14.

humana é como reconhecimento do dom gratuito de ser. A religião como resposta, como busca de um dom de salvação para o homem que sem ela se sente perdido.

Segundo Jorge Coutinho, cada religião tenta integrar três elementos fundamentais: uma crença, um culto e uma moral. Em primeiro lugar, «a consciencialização da religião a Deus ou a qualquer coisa de divino ou sagrado, bem como das suas diversas implicações, acaba por configurar-se como crença ou conjunto de crenças (um credo).»<sup>75</sup> Digamos que, essa crença serve como quadro referencial de sentido para os problemas mais profundos e radicais da vida. A crença pertence ao campo da consciência. Em segundo lugar, o culto é um conjunto de práticas de (re)ligação do ser humano com Deus ou com o divino, através dos quais o ser humano procura dar satisfação ao íntimo desejo que o eleva para ele (festa, oração, etc). Em terceiro lugar, a religião tem acontecimentos na ordem do agir humano. Por isso, comporta um código de conduta moral, que prescreve as regras de uma vida em conformidade com a respetiva crença, de modo que seja vivida como um efetivo caminho de salvação. Por fim, a moral religiosa busca a transfiguração da vida, pelo esforço de superação, no presente e futuro.

A religião é um facto indesmentível da experiência humana ao longo dos tempos. «A religião é uma das dimensões mais importantes, senão a mais importante, da pessoa humana.»<sup>76</sup> Na verdade, influencia o sentido da vida e da morte. Por outro lado, a religião também influencia as nossas opiniões, desde a vida familiar, política, profissional, etc.

Por fim, «pode dizer-se que, para quem é religioso (e de algum modo toda a pessoa é religiosa a seu modo ou pelo menos em alguns momentos), não há aspecto nenhum da vida pessoal e/ou comunitária que não seja influenciada pela religião.»<sup>77</sup>

A religiosidade das pessoas é um fenómeno plural, pois apresenta em cada pessoa traços específicos. Deste modo, é-nos apresentado um ponto de vista psicológico estrutural. «A religiosidade do indivíduo forma-se a partir de duas bases que interagem entre si: o autoconceito, isto é, um certo sentimento de autoestima, e as convicções religiosas que lhe são transmitidas pela socialização, ou seja, uma dada imagem de Deus e da pessoa.»<sup>78</sup> A partir daqui questiona-se como é que a sociedade transmite a fé. Em primeiro lugar, temos de ter em consideração a falta de modelos, já anteriormente referido. Em segundo lugar, o sentido de identidade. Do mesmo modo, a formação da identidade tem um papel central no desenvolvimento do adolescente.

---

<sup>75</sup> Cf. Jorge Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer*, 27.

<sup>76</sup> Joaquim Barros de Oliveira, *Psicologia da Religião* (Coimbra: Livraria Almedina, 2000), 5.

<sup>77</sup> Joaquim Barros de Oliveira, *Psicologia da Religião*, 5.

<sup>78</sup> Cristina Sá Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 209.

Do ponto de vista católico, «a fé personalizada é aquela que se baseia na atitude interior de acolher a Deus e a Cristo na sua Palavra e à qual a pessoa adere global e livremente como centro vital da sua existência.»<sup>79</sup> Assim, «o adolescente em processo de personificação da fé sente necessidade de tomar algumas decisões que só a si mesmo dizem respeito e fica-lhes tão vinculado que estas modelam a sua vida.»<sup>80</sup>

O dicionário de psicologia do adolescente diz-nos que

a atitude do adolescente perante a religião acha-se diretamente implicada na eclosão pubertária e no crescimento intelectual e moral que caracteriza a adolescência. Nesta idade, o ato essencial a que todas as orientações psíquicas estão subordinadas é a busca do eu próprio do indivíduo, que vai ser – num prazo mais ou menos breve – precipitado no mundo. Assim, durante algum tempo, o problema puramente interior da fé achar-se-á anulado pela maturação, tal rumo levará a colocar o eu à face de Deus. Mas até lá o caminho é difícil.<sup>81</sup>

Não seria possível, segundo cremos, apresentar alguns apontamentos acerca da religiosidade sem que anteriormente, mesmo que abordássemos, a adolescência.

No estudo da religiosidade, debruçar-nos-emos sobre a prática religiosa dos adolescentes. Deste modo, a mesma pode ser encarada como uma hereditariedade, uma busca inconsciente de Deus, sem saber quem ele é, entre outras.

Do ponto de vista da experiência religiosa, na adolescência «o que domina é o sentimento pessoal e a necessidade de personalizar a fé, isto é, a vontade de estabelecer um conjunto básico de valores da fé, acompanhado do desejo de responder a Deus a partir da sua personalidade e individualidade.»<sup>82</sup> Por outro lado, «a experiência de Deus – desejo de ver/sentir Deus como uma Pessoa – é vista, sentida e informada na vida mas as expectativas sociais dão margem para algum confronto, o que produz, no adolescente, um grande receio da hipocrisia.»<sup>83</sup> Assim, o adolescente necessita é de compreender a sua relação com Deus e dar sentido ao presente.

Em primeiro lugar, «a fé, que é uma oferta de Deus, um dom, dirigida à liberdade humana nos espaços da sua experiência emocional e intelectual, requer a transmissão humana, como “acto autenticamente humano”.»<sup>84</sup>

---

<sup>79</sup> Diretório Geral para a Catequese (DGC), nº 53-57, acedido a 20 de agosto de 2024. [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_17041998\\_directory-for-catechesis\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html)

<sup>80</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 218.

<sup>81</sup> Aimée Fillioud, Maurice Gaudet, *Dicionário de psicologia do adolescente* (Lisboa: Verbo, 1981), 420.

<sup>82</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 219.

<sup>83</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 219.

<sup>84</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 223.

Por fim, transcrevendo um pequeno excerto de um pensamento de Lewis, que Cristina Sá Carvalho cita, diz-nos «quando um jovem que tem ido à igreja de um modo rotineiro compreende que não acredita no Cristianismo e pára de ir fazendo-o pelo bem da honestidade e não apenas para aborrecer os pais, o espírito de Cristo está provavelmente mais próximo dele do que alguma vez esteve.»<sup>85</sup>

A partir de um pequeno vídeo *Os adolescentes e a fé*<sup>86</sup> deparamo-nos com esta nova característica do hiato geracional. O vídeo é da autoria de Tó Carlos Martins, publicado no canal *YouTube*, onde detém 8 subscritores. De uma forma simples e concreta, o autor realiza pequenas filmagens onde questiona os adolescentes sobre a sua relação com a fé.

A primeira questão colocada aos jovens é “O que gostas de fazer?”. Na maioria dos jovens, a resposta concentra-se em ver televisão, estar no computador e conviver com os amigos. Por outro lado, o escutismo, na generalidade, também está presente como uma atividade da qual gostam.

A segunda questão é: “Quem é Deus para ti?”. Os jovens concluem que “Deus” para eles é algo importante, é a ele que se socorrem nos momentos difíceis. No entanto, não sabem o que é (Deus). Podemos dizer que existe uma relação de amizade, mas sem uma fé fundamentada.

A última questão é: “O que pensas da Igreja?”. No geral, referem que a Igreja é uma forma de chegar a Cristo. Por outro lado, salientam o ritual e a liturgia. Alguns jovens até chegam a usar o termo «seca» sobre o que pensam da Igreja.

Pois, «a fé é vivida e interpretada em função do que os outros dizem e do que é conveniente.»<sup>87</sup> Deste modo, «há uma necessidade de corresponder às expectativas e ao juízo de outrem, com consciência das variações inter-grupais.»<sup>88</sup> Assim, «os indivíduos adaptam-se à situação por compartimentação da sua vida ou por invocação de uma autoridade suprema.»<sup>89</sup>

Hoje, «a sociedade que partilhamos com os adolescentes é uma sociedade juvenilizada de fornecer modelos de conduta identificatórios para as crianças e, por isso, o seu lugar educativo e fornecedor foi tomado pelos pares.»<sup>90</sup> No entanto, os adultos nem sempre têm sido o modelo adequado. Os modelos de adultos são necessários para a construção de um sistema de valores que considere as mudanças sociais e culturais permanentes. De igual modo, a nossa geração conhecerá

---

<sup>85</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 228.

<sup>86</sup> Tó Carlos Martins, «Os adolescentes e a fé», acessido a 26 de junho de 2024, <http://www.youtube.com/watch?v=Q4tEVm969iY>.

<sup>87</sup> Cristina de Sá Carvalho, «Curso Geral de Catequistas - Psicologia», (Lisboa: SNEC, 2004), 63.

<sup>88</sup> Carvalho, «Curso Geral de Catequistas - Psicologia», 63.

<sup>89</sup> Carvalho, «Curso Geral de Catequistas - Psicologia», 63.

<sup>90</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 172.

um fim diferente no sentido em que não terá sucessores, os jovens devem enfrentar um mundo sem modelos e sem precedentes. Na verdade, «não há um pai, um professor, um homem de leis, um médico, um operário tão hábil quanto seja que possa servir de modelo a indivíduos que conheceram uma infância tão diferente da sua. A solidão dos jovens não tem igual na história.»<sup>91</sup> De facto, pela primeira vez, assistimos a uma mutação radical na edificação e transmissão de cultura aquando à adolescência.

Uma sociedade que afasta e marginaliza a sua juventude pode estar em estado de colapso, porque, na verdade, os adolescentes são produtores de cultura, de um futuro próximo. No entanto, quando se retira a importância aos adolescentes, estes mesmos criam um grupo social autónomo, em que se fundam em ideias criadas por eles mesmos.

Sem quereremos apresentar definições acerca de tudo o que envolve o mundo adolescente, é pertinente refletir, entre outras, acerca de algumas questões, pretendendo humildemente trazer mais algum contributo:

- 1- Como estão a ser educados os adolescentes?
- 2- Têm tido os adolescentes a devida atenção por parte dos adultos e da sociedade em geral?
- 3- Para onde caminha a sociedade, tendo em conta os atuais adolescentes e respetivos comportamentos?

Em suma, na adolescência o sentimento de pertença religiosa é, normalmente, contestado e posto em causa. Tal atitude conduz o adolescente a questionar-se sobre as crenças de si próprios, dos seus pais e até da sua participação na comunidade. Questões como: “qual é a melhor religião? Faz sentido ser religioso? Deus existe?” são colocadas pelos adolescentes como forma de encontrar um rumo na sua vida. É esta a fase onde poderão começar as preocupações e questionamentos sobre a vocação, sobre o projeto que Deus tem para cada um. Apesar de poder ser uma vivência de Deus distante, poderá ganhar uma enorme intensidade pessoal e afetiva, pois Deus é associado ao amor e à confiança, tornando-se um Deus próximo. De referir que a dúvida e as questões não se opõem à fé, pois imitando, recusando, observando e questionando também é possível construir-se o caminho para a realização pessoal.

---

<sup>91</sup> Carvalho, «Uma certa fé – como creem os adolescentes», 172.

### CAPÍTULO III - Como educar para os afetos na era digital

A "digitalização do mundo", ou a "era digital", refere-se ao processo contínuo em que as tecnologias digitais transformam diversos aspetos da sociedade, como a cultura, a economia, entre outras áreas. Na verdade, o desenvolvimento da internet, a utilização de dispositivos eletrónicos e as elevadas atualizações de softwares, nas últimas décadas tiveram um elevado crescimento.

A internet ligou o mundo de maneira sem precedentes. As pessoas, os governos, as empresas comunicam-se instantaneamente, desde qualquer parte do mundo, do qual impulsionou a globalização e que permite ideias, recursos e informações livres entre todos.

A digitalização mudou radicalmente a economia global. A título de exemplo, surgiram novas plataformas de economia, tais como *Uber* e *Bolt* e de serviços de *streaming*, como *Netflix* e *Spotify*, que muitos de nós utilizamos no nosso dia-a-dia. Além disso, as tecnologias como *blockchain* e *criptomoedas* que vieram redefinir os conceitos de valor e de transações financeiras.

O desenvolvimento das ferramentas digitais de comunicação levou a uma maior utilização do trabalho à distância, tornando-se uma realidade para muitas pessoas. De igual modo, o mundo da educação também está a ser profundamente transformado, do qual o ensino online e a utilização de plataformas de ensino à distância, principalmente desde a pandemia do Covid-19.

O desenvolvimento da internet trouxe consigo a maior utilização das redes sociais, de forma que transformou a maneira como as pessoas se relacionam. Sem dúvida, que a cultura digital desenvolveu novas formas de entretenimento. Neste sentido, a era digital trouxe consigo grandes desafios, tais como, a privacidade, segurança, inteligência artificial e a desinformação.

O avanço tecnológico já se faz sentir nas indústrias, desde as áreas da saúde, no atendimento automático, na restauração e digamos que nos três sectores da economia. Deste modo, estamos a viver uma profunda transformação em vários aspetos da vida humana. A digitalização continuará a progredir.

A era digital revela, portanto, uma das mais significativas transformações da história recente, equiparável à Revolução Industrial. A era digital está a redefinir a forma como vivemos, relacionamos e trabalhamos, lançando novos desafios.

O pontificado do Papa Francisco tem sido marcado por uma verdadeira escuta, que o levou, no nosso entender, a descobrir as feridas, os assuntos importantes e necessários que a Igreja deve aprofundar, para ser sinal de Jesus Cristo na terra. Exemplo os vários Sínodos dos Bispos que o Papa

Francisco promoveu são sinais dessa mesma vontade de que a Igreja esteja atenta aos “sinais dos tempos” (GS, 4)

Em 2018, o Papa convocou os jovens a participar no Sínodo designado por *Jovens, a fé e o discernimento vocacional*, para que estes pudessem ter uma voz ativa na Igreja. Assim, iremos apresentar algumas dessas interpelações que o Sínodo aprofundou, interpelações essas que nos ajudarão a fazer um caminho.

## 1. A missão no ambiente digital

No documento *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Instrumentum Laboris*, da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (3-28 de outubro de 2018) é referido no capítulo IV que muitos países do mundo estão a enfrentar o fenómeno das *fake news*, isto é, a difusão incontrolável de notícias falsas através dos meios de comunicação (digital ou não) e da dificuldade crescente em distingui-las das verdadeiras<sup>92</sup>. Digamos que a verdade e a força do argumento parecem estar a perder a capacidade de persuasão, levando os meios de comunicação digitais e redes sociais a não ter uma hierarquia da verdade.

Os jovens no mundo estão particularmente expostos ao clima do ambiente digital, pois os seus hábitos são altamente comunicativos. Neste sentido, é necessário um acompanhamento para que não se sintam desorientados. A Igreja, sem renunciar à sua especificidade, deve encontrar o modo de transmitir o anúncio cristão em circunstâncias culturais distintas. Além disso, a tradição bíblica diz-nos que é bom reconhecer que a verdade tem uma base relacional<sup>93</sup>, isto é, o ser humano descobre a verdade no momento em que a experimenta por parte de Deus, o único verdadeiramente confiável e digno de confiança. Por isso, o próprio testemunho pessoal desperta à vocação do outro, na busca da felicidade, com histórias pessoais, que não podem ser adulteradas.

A invasão súbita das tecnologias digitais está a começar a ter impactos muito profundos na noção do tempo e espaço, na perceção de si, dos outros e do mundo, no modo de comunicar, aprender e informar-se. Na realidade, esta entrada abrupta das tecnologias digitais privilegia a imagem em vez da escuta e da leitura, e está a mudar o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico.

---

<sup>92</sup> Cf. Sínodo dos Bispos – XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Instrumentum Laboris* (Cidade do Vaticano, 2018), 23.

<sup>93</sup> Cf. Sínodo dos Bispos – XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Instrumentum Laboris*, 55.

Mais do que nunca, é necessário vigiar e estar plenamente conscientes e atentos à metamorfose em curso.<sup>94</sup>

O uso superficial dos meios de comunicação digitais leva ao risco do isolamento. Na verdade, este isolamento afeta um elevado número de jovens em vários países, especialmente asiáticos, do qual se refugiam numa felicidade ilusória e inconsistente que gera formas de dependência<sup>95</sup>.

Na reunião pré-sinodal ocorrida de 19-24 de março de 2018, os jovens mostraram estar eonscientes de que:

frequentemente os jovens tendem a se comportar nos ambientes *online* diferente de como se comportam nos ambientes *offline*. É necessário oferecer uma formação aos jovens de como viver as suas vidas digitais. As relações *online* podem se tornar desumanas. Os espaços digitais cegam-nos em relação à vulnerabilidade do outro ser humano e privam-nos da nossa autorreflexão. Problemas como a pornografia distorcem a percepção que o jovem tem da sexualidade humana. A tecnologia usada deste modo cria uma realidade paralela ilusória, que ignora a dignidade humana. Outros riscos incluem: a perda de identidade relacionada a uma representação errada da pessoa, uma construção virtual da personalidade e a perda de uma presença social baseada na realidade. Além disso, os riscos a longo prazo incluem: perda de memória, de cultura e de criatividade diante do acesso imediato à informação e a perda de concentração ligada à fragmentação. Além do mais, existe uma cultura ditatorial da aparência. (RP 4)<sup>96</sup>

Acolhendo o contributo da reunião pré-sinodal, tomamos consciência de que «os fenómenos de utilização massiva dos recursos digitais, com a sua consequente utilização em todos os âmbitos da vida pessoal e comunitária, leva a que se tome consciência de que a Internet está a fornecer as ferramentas tecnológicas para novas formas de socialização, numa rede de sujeitos e de dispositivos»<sup>97</sup>. Portanto, a internet surge como uma ferramenta com muito poder para a reconstrução social. De igual modo, podemos refletir e compreender a transmissão da fé que se possa realizar nos ambientes digitais<sup>98</sup>.

No documento final do Sínodo dos Bispos de 2018: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* é referido no capítulo III, designado por um renovado impulso missionário, que

o ambiente digital constitui, para a Igreja, um desafio a vários níveis, sendo imprescindível aprofundar o conhecimento das suas dinâmicas e o seu alcance dos pontos de vista antropológico e ético. O ambiente em questão requer não só que o frequentemos e promovamos as suas potencialidades de

---

<sup>94</sup> Cf. Sínodo dos Bispos – XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Instrumentum Laboris*, 23.

<sup>95</sup> Cf. Sínodo dos Bispos – XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Instrumentum Laboris*, 24.

<sup>96</sup> Sínodo dos Bispos – XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Instrumentum Laboris*, 24.

<sup>97</sup> L.M. Figueiredo Rodrigues, «Mediações da fé e tecnologias», em *Igreja Comunhão*, ed. Paulus (Braga: Paulus, 2019), 158.

<sup>98</sup> Um tema trabalhado por L.M. Figueiredo Rodrigues, *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016).

comunicação em ordem ao anúncio cristão, mas também que impregnemos de Evangelho as suas culturas e dinâmicas. Já estão em curso algumas experiências neste sentido e devem ser encorajadas, aprofundadas e compartilhadas. A prioridade que muitos atribuem à imagem como veículo de comunicação não poderá deixar de questionar as modalidades de transmissão duma fé que se baseia na escuta da Palavra de Deus e na leitura da Sagrada Escritura. Os jovens cristãos, nativos digitais como os seus coetâneos, têm aqui uma verdadeira missão, na qual alguns já estão empenhados. Aliás, são os próprios jovens que pedem para ser acompanhados no discernimento sobre os estilos de vida amadurecidos, num ambiente hoje altamente digitalizado, que nos permita aproveitar as oportunidades, evitando os riscos.<sup>99</sup>

A transmissão da fé pode ser percebida, em certa medida, como comunicação, pois é o ato de transmitir, de entregar e por outro lado, é o conteúdo da comunicação, aquilo que se comunica<sup>100</sup>. Assim, o desafio é compreender de que modo, tendo por base a Encarnação de Cristo, promover uma pastoral que torne Deus vivo e atual na realidade de hoje. As várias interpelações do Magistério da Igreja vão nesse sentido, de que a internet tem uma função precursora, nunca descartando a presença física, onde o ser humano se sinta acolhido numa comunidade humana.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos jovens e a todo o povo de Deus, o Papa Francisco aprofunda sobre o ambiente digital que caracteriza o mundo contemporâneo. Segundo sua Santidade,

largas faixas da humanidade vivem mergulhadas nele de maneira ordinária e contínua. Já não se trata apenas de “usar” instrumentos de comunicação, mas de viver numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na perceção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros. Uma abordagem da realidade, que tende a privilegiar a imagem relativamente à escuta e à leitura, influencia o modo de aprender e o desenvolvimento do sentido crítico. (CV, 86)

As redes sociais e a internet, sem dúvida, geraram uma nova maneira de comunicar e criar laços. Podemos afirmar que são as novas “praças” onde os jovens se encontram para dialogarem, conviverem, trocarem ideias e opiniões. No mundo digital também encontramos uma participação sociopolítica e uma cidadania ativa muito presente, que pode promover para atos e acontecimentos favoráveis ou desfavoráveis. É, muitas vezes, na internet que os jovens se envolvem ou se deixam envolver em muitas atividades e iniciativas.

---

<sup>99</sup> Documento Final do Sínodo dos Bispos, «*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*», acedido a 27 de agosto de 2024, <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.pdf>

<sup>100</sup> Cf. Rodrigues, «*Mediações da fé e tecnologias*», 158.

O ambiente digital é, muitas vezes, um espaço de solidão, de violência, de exploração e manipulação. De facto, os meios de comunicação digitais podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contacto com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas. Aqui, surge esta nova forma de violência através das redes sociais, a que designamos por *cyberbullying*. Além disso, a internet é também um meio de difusão da pornografia e de exploração de pessoas para fins sexuais (Cf. CV, 88).

No mundo digital existem grandes grupos económicos, que criam formas de manipulação das consciências. Maioritariamente, estes grupos funcionam em círculos fechados e têm como objetivo, muitas vezes, proliferarem notícias falsas, fomentando o ódio e preconceitos.

Um grupo de trezentos jovens de todo o mundo preparou um documento para o Sínodo dedicado a *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, onde referem que «as relações *online* podem tornar-se desumanas. Os espaços digitais não nos deixam ver a vulnerabilidade do outro e dificultam a reflexão pessoal. Problemas como a pornografia distorcem a perceção que o jovem tem da sexualidade humana.» (CV, 90). Na verdade, a tecnologia utilizada desta maneira origina uma realidade ilusória, do qual, ignora a dignidade humana. De facto, a imersão no mundo virtual ajudou uma espécie de “migração digital”, isto é, um afastamento da família, dos valores culturais e religiosos, que promove a solidão e isolamento.<sup>101</sup>

Hoje, os jovens enfrentam novos desafios, sendo uma deles: passar do contacto virtual a uma comunicação pessoal, aberta, global, cultural, boa e saudável.

## 2. O testemunho de Carlo Acutis

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* aos jovens e a todo o povo de Deus, o Papa Francisco afirma que «o mundo digital pode expor-te ao risco de te fechares em ti mesmo, de isolamento ou do prazer vazio. Mas não esqueças a existência de jovens que, também nestas áreas, são criativos e às vezes geniais. É o caso do jovem Venerável Carlos Acutis» (CV, 104).

Segundo o Papa Argentino, Carlo<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> Cf. Relatório Síntese da reflexão realizada na Diocese de Lisboa no período entre sessões da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, n.º 14.

<sup>102</sup> Carlo Acutis nasceu a 3 de maio de 1991 em Londres, Reino Unido. Mais tarde fixou-se em Milão. Frequentou escolas religiosas. Carlo tinha hábitos normais para a sua idade. Ele gostava de estudar, jogar futebol, tocar saxofone, fazer vídeos com os seus cães e gatos, divertir-se com videojogos, ver filmes policiais e de estar com os outros. Ele passava o tempo livre a ajudar colegas com dificuldades nos estudos e a visitar os idosos. Poupar dinheiro para dar aos necessitados, ajudava os sem-abrigo e era voluntário na sopa dos pobres. Também era catequista e, era um entusiasta dos computadores, evangelizava com a Internet. Organizou material audiovisual sobre as aparições de Nossa Senhora e sobre os milagres

sabia muito bem que estes mecanismos da comunicação, da publicidade e das redes sociais podem ser utilizados para nos tornar sujeitos adormecidos, dependentes do consumo e das novidades que podemos comprar, obcecados pelo tempo livre, fechados na negatividade. Mas ele soube usar as novas técnicas de comunicação para transmitir o Evangelho, para comunicar valores e beleza (CV, 105).

Carlo, desde muito cedo, interessou-se por informática. Os meios financeiros dos seus pais permitiram que ele tivesse muitos equipamentos informáticos. Amigos e familiares ficavam surpreendidos com as elevadas capacidades e conhecimentos que Carlo manifestava nos sistemas e programas. Carlo criou pequenos filmes sobre a fé, de modo especial sobre a Eucaristia. Promoveu iniciativas sobre o voluntariado, criando um site para a escola que frequentava – Instituto Leão XIII, em Milão.

Acutis vivia todas as realidades através de um grande e forte compromisso espiritual, isto é, nada na sua vida é indiferente à vida espiritual e tudo deve ser usado para a alimentar e a fazer crescer<sup>103</sup>.

Por fim, Acutis

não caiu na armadilha. Via que muitos jovens, embora parecendo diferentes, na verdade acabam por ser iguais aos outros, correndo atrás do que os poderosos lhes impõem através dos mecanismos de consumo e aturdimento. Assim, não deixam brotar os dons que o Senhor lhes deu, não colocam à disposição deste mundo as capacidades tão pessoais e únicas que Deus semeou em cada um. Na verdade, «todos nascem – dizia Carlo – como originais, mas muitos morrem como fotocópias». Não deixes que isto te aconteça!. (CV, 106)

Deste modo, o Papa Francisco apresenta o testemunho de vida de Carlo Acutis, como um jovem de enorme coragem em se mostrar cristão, sem hesitações, em todas as circunstâncias<sup>104</sup>. Segundo Ricardo Figueiredo, o talento de Carlo pode vir a torna-lo um excelente padroeiro para os informáticos<sup>105</sup>.

O Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida apresentou treze patronos para a JMJ 2023, ocorrida de 1 a 6 de agosto de 2023, na capital portuguesa. Carlo Acutis foi um dos patronos. Na breve biografia de Carlo Acutis, Ricardo Figueiredo questiona se é possível ser santo no mundo

---

relacionados com a Eucaristia. Em setembro de 2006, adoeceu com leucemia. Ele disse aos pais que oferecia todo o sofrimento ao Senhor, para benefício do Papa e da Igreja. O jovem faleceu a 12 de outubro. Carlo Acutis é um exemplo de como o Evangelho pode ser vivido na totalidade por um adolescente do nosso tempo. Foi beatificado a 10 de outubro de 2020 e a sua festa é celebrada a 12 de outubro.

<sup>103</sup> Cf. Ricardo Figueiredo, *Não Eu, mas Deus – Biografia espiritual de Carlo Acutis* (Apelação: Paulus, 2021), 50-52.

<sup>104</sup> Cf. Figueiredo, *Não Eu, mas Deus – Biografia espiritual de Carlo Acutis*, 8.

<sup>105</sup> Cf. Figueiredo, *Não Eu, mas Deus – Biografia espiritual de Carlo Acutis*, 55.

digital? O jovem milanês é o exemplo de que é possível viver, hoje, os caminhos da santidade. Além disso, ser santo não é algo do passado, mas é algo que pode ser realidade no mundo de hoje<sup>106</sup>.

### 3. Afetividade com recurso ao ambiente digital

A grande maioria da população mundial tem hoje acesso ao meio digital, desde a infância à terceira idade, ainda que de formas diferentes, somos afetados pelo meio digital. O ambiente escolar, maioritariamente, já se adaptou a esta realidade tecnológica. Na verdade, a pandemia do Covid-19 despertou para a maior utilização das plataformas *Teams*, *Meet*, *Zoom*, *Skype*, entre outras. Muitas escolas, colégios, universidades e empresas deram continuidade à modalidade de Ensino à Distância (EaD), em relação à qual encontram bastantes motivos e razões para a sua utilização, enquanto outras instituições diminuíram esta modalidade (EaD) e regressaram quase na totalidade ao ensino, formação, reuniões presenciais.

A grande questão que se coloca é a de saber em que medida somos afetados pelos meios digitais e de que modo esse meio tem sucedido no âmbito educacional<sup>107</sup>. Compreendemos que a afetividade interfere nos processos psíquicos e no ensino-aprendizagem, na sua relação individual e social<sup>108</sup>.

Como já referido anteriormente, o afeto é um elemento que compõe a afetividade, pois os afetos são reações possíveis de descrever através da observação do comportamento. O ser humano consegue compreender que o mundo causa impacto no seu corpo, desperta alterações fisiológicas constantes no seu estado de humor.<sup>109</sup> Na verdade, é muito importante oferecer ferramentas, estratégias aos nossos educandos para que possam conhecer, compreender, controlar e dialogar sobre os seus afetos. Deste modo, é extremamente essencial uma boa educação emocional.

O filme *Divertida-Mente*, de 2015, deu-nos a conhecer Riley, uma pré-adolescente de 11 anos. Riley estava a enfrentar mudanças importantes no seu crescimento. No seu cérebro conviviam várias emoções, tais como, medo, alegria, repulsa, raiva e tristeza, que orientavam as suas decisões e reações.

---

<sup>106</sup> Ricardo Figueiredo, «A Eucaristia é a minha autoestrada para o céu», em *Patronos da JMJ Lisboa 2023*, ed. Paulus e Paulinas (Lisboa: 2022), 117.

<sup>107</sup> Marili Vieira, Jovanka Ferreira e Angela Cilento, «Afetividade na Educação Digital: como o entendimento das emoções colabora no processo de aprendizagem das diferentes gerações no ensino on-line», *Trama Interdisciplinar* v.13, n.1 (2022): 57.

<sup>108</sup> Nesta área de estudo e aprofundamento, destacamos o Doutor Rafael Bisquerra Alzira – contemporâneo, investigador da Universidade de Barcelona, que se debruça sobre os estudos e pesquisas em torno da educação das emoções.

<sup>109</sup> Cf. Vieira, Ferreira e Cilento, «Afetividade na Educação Digital: como o entendimento das emoções colabora no processo de aprendizagem das diferentes gerações no ensino on-line», 58.

Recentemente, saiu nos cinemas a versão 2, intitulada *Divertida-Mente 2*, do realizador Kelsey Mann, que nos ajuda a aprofundar as emoções na adolescência e alerta-nos para as questões da saúde mental. Nesta versão Riley tem 13 anos e acaba de entrar na adolescência. No seu cérebro, a equipa de emoções residente tem de fazer obras repentinas para albergar as novas emoções que estão a chegar. A ansiedade é uma dessas emoções, que deixa perturbadas todas as outras. Assumirá o controlo das operações e será a vilã nesta animação. Por fim, este filme é uma reflexão sobre os temas da saúde mental, como a depressão, os transtornos afetivos (melancolia, desilusão, timidez) e transtornos de desenvolvimento (hiperatividade, défice de atenção), sempre de forma lúdica e didática. Este filme desperta-nos enquanto professores para a problemática da saúde mental dos adolescentes e desafia-nos a estar cada vez mais em estado de alerta.

No ambiente escolar encontramos educandos com índices de depressão, consumo de drogas, conduta sexual não protegida, suicídio, entre outros. A título de exemplo, situações como estas irão fazer aumentar a venda de antidepressivos. Neste contexto, podemos afirmar que o que está na base é, maioritariamente, défice na socialização, baixa autoestima, entre outras.

O comportamento humano está diretamente relacionado com a sua vivência, manifestando-se através dos sentimentos e das reações biológicas. A educação emocional promove a harmonização da perceção das emoções, bem como a consciencialização e a compreensão delas. Nesse contexto, a inteligência interpessoal revela a necessidade intrínseca do ser humano de estabelecer relações saudáveis com os outros.

Na verdade, «a afetividade é instrumento propulsor de ações, de modo especial dentro do ambiente escolar, responsável por interações, comunicações, resoluções de conflitos e enfrentamento de valores individuais e coletivos.»<sup>110</sup> Os espaços de socialização devem ser estimulados pelos professores e por outros mediadores com a finalidade de integrar os educandos, para que vivenciem experiências diversas com o conteúdo, com o ambiente escolar e com os atores envolvidos<sup>111</sup>. Sem dúvida, que é necessário um esforço para que a afetividade seja reconhecida e aplicada na modalidade digital, desde os processos tradicionais de educação na sala de aula presencial.

No processo de aprendizagem, tendo em conta a afetividade é possível criar um ambiente acolhedor e próximo, com ações e estratégias que ajudem a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos. Digamos que afetividade e inteligência estão inteiramente interligadas, de forma que uma depende da outra e vice-versa. Além disso, é entre o meio físico e o meio social que ocorre o

---

<sup>110</sup> Vieira, Ferreira e Cilento, «Afetividade na Educação Digital: como o entendimento das emoções colabora no processo de aprendizagem das diferentes gerações no ensino on-line», 62.

<sup>111</sup> Cf. Vieira, Ferreira e Cilento, «Afetividade na Educação Digital», 62.

desenvolvimento da pessoa. Aqui, a escola, isto é, o espaço escolar representa um dos meios em que o ser humano circula e se relaciona. A escola possibilita interações sociais que desenvolvem a competência dos alunos como indivíduos e como grupo para atuar na sociedade. Uma vez mais, «a afetividade está presente e estabelece vínculos com a formação do ser e o relacionamento com o outro.»<sup>112</sup>

O professor, no processo de ensino-aprendizagem, necessita de reconhecer o processo de desenvolvimento do aluno. A escola é por excelência o espaço onde os alunos se relacionam, circulam e reconhecem as práticas sociais estabelecidas e se guiam pelas regras definidas pelo grupo. É legítimo afirmar que a ação do professor afeta a aprendizagem do aluno e a relação com o conhecimento.<sup>113</sup>

A geração atual quase não teve contacto com a vivência de enviar uma carta física, como por exemplo, um postal no período de férias. Atualmente, conhecem um mundo totalmente digital. Isto leva-nos a concluir que, realmente somos afetados por esta nova realidade digital. Uma vez mais, é importante frisar que a relação que se mantém com o meio digital interfere na formação dos seres humanos a partir das suas experiências. Daqui, poderíamos falar da classificação das diversas gerações e a sua relação com o meio digital, nomeadamente em Portugal e na Europa.

A tecnologia coage-nos a uma disponibilidade contínua. Somos quase obrigados a uma prontidão imediata, a atender uma chamada telefónica, a responder a uma mensagem no *WhatsApp*, a responder a um e-mail recebido minutos antes.

Durante a pandemia de Covid-19, deparámo-nos mais intensamente com as diferenças entre as distintas gerações. Os educadores mais jovens tiveram maior facilidade em assumir, agilizar e adaptar-se às novas necessidades, utilizando ferramentas digitais. Por outro lado, os mais velhos demonstraram maior dificuldade, embora também tenham mostrado resiliência ao aderir às novas formas de ensino e transmissão de conhecimento.

Reconhecer o desenvolvimento e a relação entre a emoção e a razão, a afetividade, é uma aliada nesse processo de construção de vínculos e de uma comunicação inclusiva e diversa. Desde a antiguidade, por exemplo, os antigos gregos buscavam uma “educação emocional”.

É muito importante que as diferentes gerações interajam entre si, porque as mudanças ocorridas nas últimas décadas foram imensamente rápidas, de forma que a afetividade e as interações com a aprendizagem são imprescindíveis para a educação.

---

<sup>112</sup> Vieira, Ferreira e Cilento, «Afetividade na Educação Digital», 65.

<sup>113</sup> Cf. Vieira, Ferreira e Cilento, «Afetividade na Educação Digital», 66.

Por fim, é importante trabalhar as emoções no dia-a-dia dos alunos, para o maior sucesso dos mesmos. Neste sentido, Vanessa Lopes na sua dissertação de mestrado, "*Educar para os Afetos na Escola*"<sup>114</sup> aborda a importância da educação emocional no contexto escolar e a sua aplicação prática em uma turma do 1.º ciclo do ensino básico. Através de um projeto de intervenção, o estudo foca-se no desenvolvimento de competências emocionais em crianças, proporcionando-lhes ferramentas para reconhecer, gerir e expressar adequadamente as suas emoções.

O enquadramento teórico do estudo baseia-se na ideia de que as emoções desempenham um papel central no desenvolvimento humano, afetando não só as relações interpessoais, mas também o desempenho escolar. A autora cita diversos teóricos, como Goleman, que defende que a inteligência emocional é uma competência-chave para a resolução de conflitos e para o sucesso nas interações sociais. A educação emocional deve incluir componentes como a autoconsciência, gestão das emoções, automotivação e a habilidade de reconhecer e gerir as emoções dos outros.

A investigação também explora a relação entre afetos e cognição, apoiada por estudos que indicam que o desenvolvimento intelectual está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento emocional. Isso sugere que a criação de um ambiente emocionalmente estável nas escolas é essencial para o sucesso escolar e para a formação de cidadãos emocionalmente inteligentes.

A referida dissertação apresenta um projeto de intervenção<sup>115</sup> que foi implementado com o objetivo de ajudar os alunos a identificarem as suas emoções e a gerirem-nas de forma eficaz. A tese sublinha que os alunos, ao adquirirem competências emocionais desde cedo, são capazes de melhorar as suas interações sociais, reduzir comportamentos agressivos e alcançar um melhor desempenho académico. A intervenção foi estruturada em torno de atividades como o uso de histórias ("*O Monstro das Cores*"), jogos de mímica e cartazes interativos, que permitiram aos alunos explorar as suas emoções de forma lúdica e pedagógica.

Um ponto fundamental do estudo foi a utilização de atividades contínuas na rotina diária dos alunos, o que demonstrou uma evolução clara no comportamento emocional das crianças. A professora cooperante observou que, após a implementação do projeto, os alunos passaram a demonstrar maior capacidade de autocontrolo e uma melhor gestão emocional no dia-a-dia<sup>116</sup>.

Os resultados do projeto foram positivos, com uma melhoria evidente na gestão das emoções por parte dos alunos. Embora o tempo de implementação tenha sido relativamente curto, o estudo

---

<sup>114</sup> Vanessa Lopes, *Educar para os Afetos na Escola: Relatos de um projeto de intervenção* (Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciência, 2020), 4-34.

<sup>115</sup> Cf. Vanessa Lopes, *Educar para os Afetos na Escola*, 53-73.

<sup>116</sup> Cf. Vanessa Lopes, *Educar para os Afetos na Escola*, 51.

conseguiu observar comportamentos como a autoconsciência e a tentativa de resolução de conflitos sem recurso a comportamentos agressivos. Os alunos revelaram interesse em continuar a trabalhar as emoções no seu quotidiano, o que reflete o sucesso da intervenção.

A investigação também destaca a importância de incluir a educação emocional como uma parte integrante do currículo escolar. A autora sugere que uma abordagem mais sistemática e contínua pode ter um impacto profundo no desenvolvimento pessoal e social dos alunos<sup>117</sup>. A professora envolvida no projeto expressou que este tipo de educação deveria ser obrigatório nas escolas, pois sem uma base emocional estável, as crianças não conseguem aprender de forma eficaz<sup>118</sup>.

A autora conclui que a educação emocional é um componente essencial para o desenvolvimento integral das crianças<sup>119</sup>. O projeto demonstrou que, ao trabalhar as emoções de forma estruturada e contínua, é possível criar um ambiente escolar mais harmonioso, onde os alunos se sentem mais seguros e capazes de lidar com os desafios emocionais. Para além disso, a inclusão dos pais no processo de desenvolvimento emocional dos alunos mostrou-se fundamental, fortalecendo a ligação entre a escola e a família.

Em suma, a educação para os afetos, como proposta no estudo, não só contribui para a formação de crianças emocionalmente mais equilibradas, como também prepara os futuros cidadãos para uma convivência social mais harmoniosa e eficaz.

#### **4. Alguns desafios do Papa Francisco no contexto escolar**

Na Exortação Apostólica *A Alegria do Amor*, o Papa Francisco, aprofunda o tema da vida familiar como contexto educativo. Neste sentido, afirma que «A família é a primeira escola dos valores humanos, onde se aprende o bom uso da liberdade.» (AA, 274). É no próprio ambiente familiar, que se pode aprender também a discernir, criticamente, as mensagens dos vários meios de comunicação. Muitas vezes, infelizmente, alguns programas televisivos ou algumas formas de publicidade incidem negativamente e enfraquecem valores recebidos na vida familiar. (Cf. AA, 274)

Atualmente reina a ansiedade e a pressa tecnológica, e neste sentido sua Santidade alerta-nos que é no seio familiar que devemos educar para a capacidade de esperar (Cf. AA, 275). Deste modo,

não se trata de proibir as crianças de jogarem com os dispositivos eletrónicos, mas de encontrar a forma de gerar nelas a capacidade de diferenciarem as diversas lógicas e não aplicarem a velocidade digital a todas as áreas da vida. O adiamento não é negar o desejo, mas retardar a sua satisfação. Quando as

---

<sup>117</sup> Cf. Vanessa Lopes, *Educar para os Afetos na Escola*, 47-48.

<sup>118</sup> Cf. Vanessa Lopes, *Educar para os Afetos na Escola*, 51.

<sup>119</sup> Cf. Vanessa Lopes, *Educar para os Afetos na Escola*, 51.

crianças ou os adolescentes não são educados para aceitar que algumas coisas devem esperar, tornam-se prepotentes, submetem tudo à satisfação das suas necessidades imediatas e crescem com o vício do «tudo e súbito». Este é um grande engano que não favorece a liberdade; antes, intoxica-a. Ao contrário, quando se educa para aprender a adiar algumas coisas e esperar o momento oportuno, ensina-se o que significa ser senhor de si mesmo, autónomo face aos seus próprios impulsos. (AA, 275)

Assim, quando a própria criança experimentar que pode cuidar de si mesma, enriquece a própria autoestima. De igual modo, isto ensina-lhe a respeitar a liberdade dos outros. Isto não quer dizer que pretendemos que as crianças se comportem como os adultos, mas também não se deve desprezar a sua capacidade de crescer na maturação de uma liberdade responsável.

A família é o berço da socialização primária, isto é, onde se aprende a relacionar com o outro, a partilhar, a escutar, ajudar, suportar, conviver. Não se deve discordar na tarefa educativa de sentir o mundo e a sociedade. É nesse berço familiar que aprendemos a romper o primeiro círculo do egoísmo, que nos faz reconhecer que vivemos unidos, que somos dignos de atenção, afeto, gentileza. Trata-se de conviver na proximidade, promovendo o reconhecimento mútuo.

O Papa Argentino afirma que «o encontro educativo entre pais e filhos pode ser facilitado ou prejudicado pelas tecnologias de comunicação e distração, cada vez mais sofisticadas.» (AA, 278) Como por exemplo, podem ser úteis para contactar com um membro da família que viva longe, do qual ajuda a resolver dificuldades. Sabendo que não substituem a necessidade de diálogo e encontro pessoal. Muitas vezes, a tecnologia aproxima-nos de quem está longe e distancia-nos de quem está perto. Tudo isto deve ser motivo de diálogo em família.

Não é bom que os pais se tornem seres onnipotentes para os seus filhos, isto é, que os filhos só possam confiar apenas neles. Isto impede que os filhos tenham um processo adequado de socialização e amadurecimento afetivo (Cf. AA, 287). Aqui, as comunidades cristãs, as escolas católicas e demais instituições têm um papel determinante em ajudar e educar, os alunos a crescerem como adultos maduros e, conseqüentemente, as suas famílias, pois é uma missão educativa de todos.

No contexto familiar, a educação dos filhos deve ser marcada por um percurso de transmissão da fé, que se vai vivenciando com o dia-a-dia. A família não deve descuidar de que deve ser o lugar onde se ensina a compreender as razões e a beleza da fé. Numa família numerosa, a educação na fé deve-se procurar fazer uma adaptação a cada filho, pois não existe receitas. Uma família que reze, que apresente símbolos, gestos, que transmita fé, que testemunhe, torna-se, sem dúvida, uma Igreja doméstica (Cf. AA, 318).

O Concílio Vaticano II, através da sua Declaração sobre a educação cristã *Gravissimum educationis*<sup>120</sup>, apresenta a necessidade de «uma educação sexual positiva e prudente» oferecida às crianças e adolescentes “à medida que vão crescendo” e “tendo em conta os progressos da psicologia, pedagogia e didáctica.» (GE, 1). É um dever das nossas instituições educativas educar para a sexualidade, e mais do que nunca, pois estamos num tempo, onde se tende a banalizar e empobrecer a sexualidade. Tal educação deve chegar em momento oportuno, adequado e deixando sempre espaço para o sentido crítico e criativo. Esta educação tem um valor imenso, pois falamos da nossa interioridade. A referida educação deve promover e ensinar um percurso pelas diversas expressões do amor, ternura respeitadora, cuidado mútuo. Este acompanhamento requer dos educadores uma vigilância, uma aprendizagem paciente, respeito e valorização pela diferença.

O Papa Francisco em maio de 2023 lançou o “*Family Global Compact*” (Pacto Global pela Família), uma iniciativa do Vaticano que vai unir as Universidades Católicas para elucidar programas pastorais e políticos que promovam a valorização das famílias.

Sua Santidade refere que o *Family Global Compact* (Pacto Global pela Família), é «um programa compartilhado de ações, visando pôr em diálogo a pastoral familiar com os centros de estudo e pesquisa sobre a família presentes nas universidades católicas de todo o mundo.»<sup>121</sup> Na verdade, «trata-se duma iniciativa do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida e da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, que nasceu a partir de estudos e pesquisas sobre a relevância cultural e antropológica da família e os novos desafios que ela está a enfrentar.»<sup>122</sup>

O Pacto Global pela Família é uma continuidade da Exortação Apostólica *Amoris laetitia* (A Alegria do Amor), de forma que as universidades e a pastoral promovam melhor uma cultura da família e da vida que, a partir da realidade, ajude as novas gerações. Neste sentido, segundo o Papa, cabe às universidades «desenvolver análises aprofundadas de natureza teológica, filosófica, jurídica, sociológica e económica sobre o matrimónio e a família, para defender a sua real importância no âmbito dos sistemas contemporâneos de pensamento e de ação.»<sup>123</sup>

O “*Family Global Compact*” é um caminho que está articulado em quatro passos:

---

<sup>120</sup> Para um maior aprofundamento, consultar as obras: Cristina Sá Carvalho, *Conversar com os Filhos sobre a sexualidade* (Lisboa: Fundação SNEC, 2008); Congregação para a Educação Católica, *Orientações Educativas sobre o Amor Humano* (Braga: Editorial A.O., 1992);

<sup>121</sup> Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o Lançamento do Family Global Compact», acedido a 31 de agosto de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2023/documents/20230513-messaggio-family-globalcompact.pdf>

<sup>122</sup> Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o Lançamento do Family Global Compact».

<sup>123</sup> Papa Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o Lançamento do Family Global Compact».

1. ativar um processo de diálogo e maior colaboração entre os centros universitários de estudo e pesquisa que se ocupam de temáticas familiares, para tornar mais fecunda a sua atividade, nomeadamente, criando ou relançando as redes dos institutos universitários que se inspiram na doutrina social da Igreja;

2. criar maior sinergia, nos conteúdos e objetivos, entre comunidades cristãs e universidades católicas;

3. favorecer a cultura da família e da vida na sociedade, para que surjam propostas e objetivos úteis às políticas públicas;

4. harmonizar e apoiar, uma vez identificadas, as propostas surgidas, a fim de que o serviço à família seja enriquecido e sustentado nas vertentes espiritual, pastoral, cultural, jurídica, política, económica e social.

Neste sentido, o Papa afirma que grande parte dos sonhos de Deus para a comunidade humana se realiza na família. Por isso, não nos podemos resignar, não podemos ficar indiferentes ao futuro da família. A família é geradora de bem comum, é um bem para os cônjuges, para os filhos, para toda a comunidade eclesial e civil.

No dia 12 de setembro de 2019, o Papa Francisco lançou o convite ao diálogo sobre a forma como estamos a construir o futuro do planeta e sobre a necessidade de investir nos talentos de todos, porque todas as mudanças precisam de um caminho educativo para fazer amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora<sup>124</sup>. No entanto, a Pandemia do Covid-19 levou a que este Pacto Educativo Global ficasse mais “adormecido” e só mais recentemente reavivou «o compromisso para e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de ouvir com paciência, de diálogo construtivo e de compreensão mútua.»<sup>125</sup> Desta forma, trata-se de «unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar a fragmentação e a oposição e reconstruir o tecido das relações para uma humanidade mais fraterna.»<sup>126</sup>

O tema da inteligência artificial é um dos temas atuais e que tem demonstrado muito interesse em diversas áreas, desde a educação, justiça, segurança, ambiente, entre outras. O Papa Francisco, um ser humano atento ao mundo, que demonstra a capacidade de sentir as situações da comunidade

---

<sup>124</sup> Cf. Papa Francisco, «Pacto Educativo Global – Vademecum», acedido a 31 de agosto de 2024, <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>

<sup>125</sup> Papa Francisco, «Pacto Educativo Global – Vademecum».

<sup>126</sup> Papa Francisco, «Pacto Educativo Global – Vademecum».

mundial, no dia 1 de janeiro de 2024, Dia Mundial da Paz, publicou a já habitual Mensagem para expressar os votos de paz a todo o mundo, por: Inteligência Artificial e Paz.

O Papa inicia a referida Mensagem por afirmar que a Sagrada Escritura assegura que Deus deu aos homens o seu Espírito a fim de terem «sabedoria, inteligência e capacidade para toda a espécie de trabalho» (Ex 35, 31). No mesmo sentido, a Declaração *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II afirma que «quando os seres humanos, “recorrendo à técnica”, se esforçam para que a terra se torne habitação digna para toda a humanidade.» (GS, 57).

Sem dúvida que graças à ciência e à tecnologia, o mundo progrediu em áreas muito importantes para uma maior vivência em sociedade. Ao mesmo tempo, estes avanços técnico-científicos fazem com que o homem tenha em si um elevado controle e possibilidade sobre a realidade. Os progressos notáveis das novas tecnologias da informação, de modo especial no mundo digital, apresentam oportunidades entusiasmantes, mas também graves riscos. Estes progressos da informática já originaram profundas transformações na sociedade global e já alteraram muitos aspetos do dia-a-dia.

O Papa afirma que a

inteligência artificial deve ser entendida como uma galáxia de realidades diversas e não podemos presumir a priori que o seu desenvolvimento traga um contributo benéfico para o futuro da humanidade e para a paz entre os povos. O resultado positivo só será possível se nos demonstrarmos capazes de agir de maneira responsável e respeitar valores humanos fundamentais como a inclusão, a transparência, a segurança, a equidade, a privacidade e a fiabilidade.<sup>127</sup>

A tecnologia deve ser acompanhada por uma apropriada formação da responsabilidade pelo seu desenvolvimento. Por isso,

a dignidade intrínseca de cada pessoa e a fraternidade que nos une como membros da única família humana devem estar na base do desenvolvimento de novas tecnologias e servir como critérios indiscutíveis para as avaliar antes da sua utilização, para que o progresso digital possa verificar-se no respeito pela justiça e contribuir para a causa da paz. Os avanços tecnológicos que não conduzem a uma melhoria da qualidade de vida da humanidade inteira, antes pelo contrário agravam as desigualdades e os conflitos, nunca poderão ser considerados um verdadeiro progresso.<sup>128</sup>

---

<sup>127</sup> Papa Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2024», acedido a 31 de agosto de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>

<sup>128</sup> Papa Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2024».

A inteligência artificial tornar-se-á importantíssima e os desafios que coloca são muitos, antropológicos, sociais, políticos, educacionais. A inteligência artificial deve estar ao serviço dum melhor potencial humano e nunca em competição com ele.

Ao nível da educação, a inteligência artificial coloca grandes desafios e é importante frisar, que são muitos os educandos que utilizam sites da inteligência artificial para a realização de trabalhos académicos, sobre o qual escutamos em formações para docentes. A realização de pesquisas e textos semanticamente coerentes, por exemplo, não é garantia de fiabilidade. É sempre necessário que o ser humano seja capaz de ler e reler, e confrontar com as fontes.

Por outro lado, «a inteligência artificial é utilizada em campanhas de desinformação que espalham notícias falsas e levam a uma desconfiança crescente relativamente aos meios de comunicação.»<sup>129</sup> As máquinas inteligentes cada vez mais desempenham uma eficiência maior, no entanto, a ser humano continuará a ser determinante.

A utilização da inteligência artificial no campo da fabricação das armas é uma constante preocupação, e, sem dúvida, uma preocupação ética. Na verdade, o mundo não necessita das novas tecnologias que contribuem para o perverso progresso do mercado e do comércio das armas, promovendo a loucura da guerra.

A inteligência artificial está a promover o desenvolvimento humano integral, a fraternidade humana e da amizade social. Por fim, «a inteligência artificial não aumente as já demasiadas desigualdades e injustiças presentes no mundo, mas contribua para pôr fim às guerras e conflitos e para aliviar muitas formas de sofrimento que afligem a família humana.»<sup>130</sup>

O ambiente digital refere-se a um espaço virtual onde as interações humanas, processos de aprendizagem, e diversas atividades são facilitadas e mediadas por tecnologias digitais. No contexto da educação, isso inclui plataformas de ensino online, ferramentas de comunicação digital e recursos multimédia interativos que auxiliam na aprendizagem.

No ensino de EMRC, o ambiente digital pode oferecer diversas oportunidades: jogos educativos, vídeos e demais aplicações que tornem as aulas mais interativas e atrativas. Plataformas de Ensino à Distância, que permitam aceder aos conteúdos das aulas fora da sala de aula, reforçando assim, a aprendizagem dos alunos.

---

<sup>129</sup> Papa Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2024».

<sup>130</sup> Papa Francisco, «Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2024».

A tecnologia deve ser usada de forma ética e consciente, respeitando os valores fundamentais da EMRC, oferecendo novos caminhos para aprofundar a compreensão e a vivência da fé católica no mundo digital.

## **5. O Ambiente Digital na Educação em Portugal**

O artigo «O Digital na Educação»<sup>131</sup> explora o papel da tecnologia digital nos sistemas de ensino em Portugal, analisando três principais áreas: competências digitais dos alunos, capacitação dos profissionais da educação, e infraestruturas tecnológicas.

Em primeiro lugar, as competências digitais dos estudantes: evidencia o desenvolvimento de competências digitais e literacia mediática para jovens e adultos. O texto acentua a importância de dotar os estudantes com capacidades que vão além do uso básico das ferramentas digitais, promovendo o pensamento crítico, a resolução de problemas e o uso consciente do digital. Destaca-se a necessidade de uma educação digital que prepare os alunos para os desafios do futuro, com um equilíbrio entre o acesso à tecnologia e a compreensão dos seus riscos, como a segurança online e o impacto na saúde mental dos estudantes.

Em segundo lugar, a capacitação de professores e outros profissionais: a transição para a educação digital não pode acontecer sem uma formação adequada dos professores e outros profissionais. O referido artigo alude para o envelhecimento do corpo docente e a necessidade de superar as barreiras geracionais, promovendo a literacia digital entre professores. A capacitação dos profissionais não deve ser limitada ao uso básico de tecnologias, mas deve incluir novas pedagogias e o uso estratégico do digital para enriquecer a experiência de aprendizagem.

Em terceiro lugar, a infraestrutura digital: a infraestrutura digital nas escolas é crucial para suportar o ensino digital. O artigo enfatiza que a digitalização eficaz não se refere apenas a adquirir equipamentos como computadores ou projetores, mas a garantir uma rede coesa e uma infraestrutura que permita o uso adequado de tecnologias digitais. Também é mencionada a criação de uma identidade digital no sistema educativo, assegurando a interoperabilidade entre diferentes soluções tecnológicas e a proteção dos dados pessoais.

---

<sup>131</sup> Conselho Nacional de Educação, «O Digital na Educação» acedido a 6 de setembro de 2024, [https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estudos\\_e\\_relatorios/O\\_Digital\\_na\\_Educacao\\_2022.docx.pdf](https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estudos_e_relatorios/O_Digital_na_Educacao_2022.docx.pdf)

Em suma, uma abordagem sistêmica e colaborativa entre escolas, professores, alunos e o governo para garantir uma transformação digital eficaz, com o objetivo de assegurar que o processo de digitalização contribua para uma educação de qualidade e equitativa.

## CONCLUSÃO

O presente relatório de Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrado no Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), proporcionou uma oportunidade de reflexão crítica sobre o papel pedagógico dessa disciplina e sua contribuição para o desenvolvimento integral dos alunos, especialmente no contexto da adolescência.

Ao longo das várias aulas lecionadas e das atividades propostas, tornou-se evidente a importância de abordar temas como a afetividade, a sexualidade, o desenvolvimento moral e o crescimento pessoal num contexto que privilegia o diálogo, a reflexão e a partilha. A unidade letiva "Riqueza e Sentido dos Afetos" revelou-se particularmente adequada para trabalhar com alunos do 7º ano, uma vez que estes se encontram numa fase de transição crucial, marcada por mudanças físicas, emocionais e sociais. A adolescência é, como se destacou ao longo deste trabalho, um momento de grandes descobertas, em que a formação da identidade e da personalidade adquire um papel central no crescimento do indivíduo.

As metodologias pedagógicas utilizadas, como o uso de recursos multimédia, debates e dinâmicas interativas, foram fundamentais para captar o interesse dos alunos e promover o envolvimento ativo nas aulas. A ferramenta Mentimeter, por exemplo, permitiu uma participação mais espontânea e imediata dos alunos, possibilitando que expressassem de forma criativa suas ideias e sentimentos sobre os temas abordados. O Quizizz, utilizado para avaliação, demonstrou-se uma alternativa eficaz para medir as aprendizagens, ao mesmo tempo que manteve o interesse e a motivação dos alunos através de um formato digital, lúdico e interativo.

Ao longo da PES, verificou-se uma evolução significativa na postura e participação dos alunos. Os momentos de reflexão coletiva sobre a adolescência, os afetos, o papel da família e dos amigos na construção da personalidade, permitiram que os estudantes desenvolvessem uma maior consciência sobre si mesmos e sobre o outro, assim como sobre a responsabilidade que têm no cuidado e no bem comum. Este trabalho foi particularmente bem-sucedido em promover um espaço seguro para o diálogo sobre temas muitas vezes considerados difíceis, como a sexualidade e as emoções, num contexto orientado pelos valores cristãos.

Os feedbacks recebidos ao longo do estágio, tanto dos colegas como da professora cooperante, permitiram um contínuo aperfeiçoamento das práticas pedagógicas. Embora tenha sido elogiada a qualidade do conteúdo e a relação próxima estabelecida com os alunos, foi reconhecida a necessidade de melhorar a gestão do tempo em algumas atividades e de aprofundar ainda mais certos temas sensíveis, como a relação entre afetividade e moral cristã. Esse processo de autoavaliação e de escuta

ativa das críticas construtivas foi crucial para o crescimento enquanto docente, permitindo uma constante adaptação às necessidades da turma e aos objetivos da unidade letiva.

Além disso, a análise crítica sobre a adesão dos alunos à disciplina de EMRC em contexto escolar mostrou-se pertinente. Embora a taxa de inscrição na disciplina na escola D. Fernando II seja superior à média de outras escolas do agrupamento, verificou-se, no entanto, uma diminuição geral do número de inscritos. Isso levanta questões sobre o papel da EMRC nas escolas e a necessidade de reformular estratégias que aproximem a disciplina dos interesses e desafios dos alunos contemporâneos. Para os professores de EMRC, este dado deve servir de alerta para a importância de adaptar os conteúdos e as abordagens pedagógicas à realidade dos jovens, de forma a torná-los mais atrativos e relevantes.

Desta forma, este estágio revelou-se uma experiência profundamente enriquecedora, tanto a nível pessoal como profissional. A prática de ensino supervisionada permitiu uma melhor compreensão das dinâmicas de sala de aula, dos desafios que os adolescentes enfrentam e do papel essencial da educação moral e religiosa na sua formação integral. A EMRC não é apenas uma disciplina que transmite conhecimentos religiosos, mas um espaço de construção de valores, de promoção da reflexão crítica e de incentivo à vivência do amor, da empatia e da responsabilidade social, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento de cidadãos conscientes, éticos e comprometidos com o bem comum.

Por fim, é essencial destacar as possibilidades que este tipo de ensino abre para o futuro. A formação em EMRC deve continuar a evoluir, procurando incorporar novas metodologias, como o uso de tecnologias digitais, e abordar de maneira inovadora os grandes temas da existência humana, para que os alunos possam perceber a sua relevância no contexto atual. Além disso, os professores desta área devem permanecer atentos às transformações sociais e culturais, de modo a garantir que a disciplina continue a ser uma ferramenta eficaz de formação pessoal e moral, capaz de responder aos desafios da contemporaneidade.

Em suma, a prática pedagógica realizada proporcionou não apenas a transmissão de conteúdos, mas, sobretudo, a criação de espaços de crescimento e transformação, tanto para os alunos quanto para o professor. Assim, conclui-se que a Educação Moral e Religiosa Católica continua a ser uma disciplina de extrema relevância no contexto escolar, contribuindo de forma decisiva para a formação de pessoas mais conscientes, humanas e responsáveis.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Sagrada Escritura

Alves, Herculano (Coordenador Geral). Bíblia Sagrada. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2005.

### 2. Magistério da Igreja

Congregação para a Educação Católica, *Orientações Educativas sobre o Amor Humano*. Braga: Editorial A.O., 1992.

Diocese Leiria-Fátima. «Antropologia teológica». Acedido a 18 de junho de 2024. <https://formacao.leiria-fatima.pt/noticias/antropologia-teologica-apresentacao/>.

Diretório Geral para a Catequese (DGC), nº 53-57. Acedido a 20 de agosto de 2024. [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccclergy/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_170\\_41998\\_directory-for-catechesis\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_170_41998_directory-for-catechesis_po.html)

Documento Final do Sínodo dos Bispos, «*Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*». Acedido a 27 de agosto de 2024. <http://secretariat.synod.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.pdf>

Francisco, Papa «Mensagem do Papa Francisco para o Lançamento do Family Global Compact». Acedido a 31 de agosto de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2023/documents/20230513-messaggio-family-globalcompact.pdf>

Francisco, Papa «Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2024». Acedido a 31 de agosto de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>

Francisco, Papa «Pacto Educativo Global – Vademecum». Acedido a 31 de agosto de 2024. <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>

Relatório Síntese da reflexão realizada na Diocese de Lisboa no período entre sessões da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, nº 14.

Secretariado Nacional da Educação Cristã (Coord.), Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Torres Novas: Gráfica Almondina, 2014.

Sínodo dos Bispos – XV Assembleia Geral Ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional - Instrumentum Laboris*. Cidade do Vaticano, 2018.

### 3. Dicionários e Enciclopédias

Doron, Roland. Parot, Françoise. *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores, 2011.

Fillioud, Aimée, Gaudet, Maurice. *Dicionário de psicologia do adolescente*. Lisboa: Verbo, 1981.

Freitas, M. «Afetividade», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, ed. Verbo, vol. 1. Lisboa: Logos, 1989.

Freitas, M. «Afeto», em *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, ed. Verbo, vol. Lisboa: Logos, 1989.

Hilpert, K. «Sexualidade/Ética Sexual», em *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*, ed. Paulus. S. Paulo, 1993.

### 4. Estudos

Amante, Lúcia e Oliveira, Isolina. «Avaliação e Feedback - Desafios Atuais», Universidade Aberta. Acedido a 29 de julho de 2024. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/8419>.

Ambrosio, Juan. «Indicadores para uma reflexão sobre a afetividade e a sexualidade no contexto do Pensamento Social Cristão» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 195-206. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGrawHill, 1997.

Ávila, António. *Psicologia da Religião*. São Paulo Brasil: Edições Loyola, 2007.

Barbosa, Adérito. *Jovens com projeto de vida*. Lisboa: Paulinas, 2001.

Burgos, Juan Manuel. *Antropologia Breve*. Lisboa: Diel, 2012.

Cabanas, Nuno. «Projeto de Intervenção 2020/2024». Agrupamento de Escolas Monte da Lua, 2020. [https://www.agml.pt/images/2020/Direcao/Projecto\\_de\\_intervencao\\_Nuno\\_Cabanas.pdf](https://www.agml.pt/images/2020/Direcao/Projecto_de_intervencao_Nuno_Cabanas.pdf).

Carvalho, Cristina de Sá. «Curso Geral de Catequistas - Psicologia». Lisboa: SNEC, 2004.

———. «Uma certa fé – como creem os adolescentes». *Pastoral Catequética: revista de catequese e educação*, n.º 21/22, (2012).

———. *Conversar com os Filhos sobre a sexualidade*. Lisboa: Fundação SNEC, 2008.

Conselho Nacional de Educação. «O Digital na Educação». Acedido a 6 de setembro de 2024, [https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estudos\\_e\\_relatorios/O\\_Digital\\_na\\_Educacao\\_2022.docx.pdf](https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estudos_e_relatorios/O_Digital_na_Educacao_2022.docx.pdf)

Coslin, Pierre G. *Psicologia do Adolescente*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

Costa, Carlos. «Lugares da afetividade e sexualidade na configuração da identidade pessoal - Psicologia», em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 107-113. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer*, Coimbra: Tenacitas, 2010.

Cunha, Jorge. «Ética cristã do amor erótico» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 222-234. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Daigneault, André. *La via dell'imperfezione*. Cantalupa: Effatà Editrice, 2012.

Duque, João. «Sexualidade multidimensional» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 212-221. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Duque, João. *Cultura Contemporânea e Cristianismo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

Escola Saudavelmente. «Sexualidade e Afetos na Adolescência». Acedido a 20 de setembro de 2024. <https://escolasaudavelmente.pt/alunos/adolescentes/amor/sexualidade-afetos>

Fernandes, Domingos. «Rubricas de Avaliação». Acedido a 2 de agosto de 2024. [https://www.esqm.pt/ano%2020\\_21/MAIA/Rubricas.pdf](https://www.esqm.pt/ano%2020_21/MAIA/Rubricas.pdf)

Ferreira, Andrea e Leal, Telma. «Avaliação na escola e ensino da língua portuguesa». Acedido a 27 de julho de 2024, <https://www2.ufjf.br/labor/files/2018/06/Superando-obstaculos-de-ensinar-oralidade-.pdf#page=28>.

Figueiredo, Ricardo. «A Eucaristia é a minha autoestrada para o céu», em *Patronos da JMJ Lisboa 2023*, ed. Paulus e Paulinas. Lisboa: 2022.

———. *Não Eu, mas Deus – Biografia espiritual de Carlo Acutis*. Apelação: Paulus, 2021.

Gleitman, H., Fridlund, A.J., Reisberg D. *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Ladaria, Luis F. *Introdução à Antropologia Teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Lopes, José Pinto. Silva, Helena Santo. *50 técnicas de avaliação formativa*. Lisboa: Factor, 2020.

Lopes, Vanessa. *Educar para os Afetos na Escola: Relatos de um projeto de intervenção*. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciência, 2020.

Macedo, A. *Identidade de Género e Orientação Sexual na Prática Clínica*. Lisboa: Edições Sílabo, 2018.

Machado, Eusébio André. «Feedback». Acedido a 1 de agosto de 2024. [https://apoioescolas.dge.mec.pt/sites/default/files/2021-02/folha\\_feedback.pdf](https://apoioescolas.dge.mec.pt/sites/default/files/2021-02/folha_feedback.pdf).

Mariangela Jaguraba, «O Papa: o perigo mais feio é a ideologia de género, que anula as diferenças», acedido a 20 de setembro de 2024, em Vatican News: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-03/papa-francisco-ideologia-genero-homem-mulher-antropologia-perigo.html>

Martins, Guilherme d'Oliveira. *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Editado por Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e ciência, 2018. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto\\_Autonomia\\_e\\_Flexibilidade/perfil\\_dos\\_alunos.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf).

Martins, Tó Carlos. «Os adolescentes e a fé». Acedido a 26 de junho de 2024. <http://www.youtube.com/watch?v=Q4tEVm969iY>.

Oliveira, Joaquim Barros. *Psicologia da Religião*, Coimbra: Livraria Almedina, 2000.

Patto, Pedro Vaz. «Género, ideologia e legislação» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*. coordenado por Américo Pereira, 128-144. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Pereira, Américo. «Introdução», em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 15-55. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Pinto, J. *A avaliação formal no 1º ciclo do Ensino Básico: Uma construção social*. Braga: Universidade do Minho, 2002.

Pinto, J. e Santos, L. *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.

Pinto, Paulo Mendes. «Religiões», Visão 1034. 27 dezembro 2012 a 2 de janeiro 2013.

Promoção da Alimentação Saudável, «Saúde nos adolescentes». Acedido a 19 de junho de 2024. <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/numeros-e-factos/adolescentes/>

Raguso, Fabrizia. «Sexualidade e questão de género» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 114-124. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Rahner, k., *Curso Fundamental sobre la fe* (Barcelona: Herder, 1989).

———. *Sobre el concepto de misterio en la teología católica* (Madrid: Taurus, 1964).

Ribeiro, José António de Queirós. «Antropologia cristã e educação». Acedido a 23 de agosto de 2024. <https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/8454/8340>

Rodrigues, L.M. Figueiredo. «Mediações da fé e tecnologias», em *Igreja Comunhão*, ed. Paulus. Braga: Paulus, 2019.

———. *O digital no serviço da fé. Formar para uma oportunidade*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Sesboüé, Bernard. *O homem, maravilha de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2021.

Silva, Luís Manuel Pereira da. «A busca da construção da identidade perante os desafios de uma ideologia que abandona na solidão. Ideologia de género: uma cultura que pede salvação» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 145-160. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Trigo, J. «Expressões afetivas: que avaliação ética?». *Pastoral Catequética* 4. 2006.

———. «Nas linhas cruzadas sobre a homossexualidade, que linha teológica?» em *Lugares da Afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal*, coordenado por Américo Pereira, 262-290. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.

Vieira, Marili, Ferreira, Jovanka e Cilento, Angela. «Afetividade na Educação Digital: como o entendimento das emoções colabora no processo de aprendizagem das diferentes gerações no ensino on-line», *Trama Interdisciplinar* v.13, n.1 (2022).

## ANEXOS

### Teste – Quizz – 7.º Ano – UL3

Assinala a resposta correta em cada pergunta

1. Em que consiste a teoria do *Big-Bang*?

- O espaço e a energia - da qual surgiu a matéria - tiveram origem em Deus.
- **O Universo surgiu a partir da explosão de uma única partícula - o átomo primordial.**
- O surgimento e aproximação das galáxias deve-se a uma explosão inicial.
- A velocidade do afastamento das galáxias é contrária ao próprio afastamento.

2. Como se chama a teoria científica mais aceite que explica a origem do universo?

- Hominização
- Relatividade
- **Big-Bang**
- Evolução das espécies

3. Como se chama a teoria que explica como os organismos evoluíram e se diversificaram ao longo dos tempos?

- Hominização
- Relatividade
- **Evolução das espécies**
- Paleontologia

4. A que questões sobre a origem do universo e da vida respondem as teorias científicas?

- Quem deu origem à criação?
- Por que foi criado o universo?
- Para que foi criado o mundo?
- **Onde, quando e como surgiu a vida?**

5. “Ciência e Religião apresentam discursos diferentes, mas que não se contradizem; pelo contrário, complementam-se”. Esta afirmação é verdadeira porque:

- **A religião precisa da ciência para explicar como surgiu e funciona o mundo; a ciência precisa da religião para explicar o porquê e o sentido da vida.**

- Se a ciência existe, então a religião não precisa de existir.
- A ciência explica tudo, portanto não precisa de Deus.
- A Bíblia apresenta uma teoria científica sobre a origem do universo.

6. Como é que o povo da Bíblia chegou à conclusão de que foi Deus que criou o universo?

- Através do próprio Deus que manifestou isso mesmo a Abraão.
- Através da pintura da criação que Miguel Ângelo fez no teto da capela sistina.
- **Através da experiência da presença amiga e libertadora de Deus.**
- Através de estudos e investigações científicas.

7. Qual o significado da palavra “gênesis” (nome do primeiro livro da Bíblia, onde se encontram as narrativas da Criação)?

- Revelação
- **Princípio**
- Finalidade
- Salvação

8. O que são os relatos bíblicos da criação?

- **Textos que transmitem a mensagem de que Deus é o Princípio de todas as coisas.**
- Uma crónica factual, porque reproduzem o que aconteceu realmente na História.
- Narrativas sem qualquer relação com a realidade.
- Textos que respondem às questões: *Onde? Quando? Como?*

9. As narrativas bíblicas da criação pretendem explicitar:

- Onde e quando surgiu o ser humano.
- **Quem é o autor da vida.**
- Como surgiu a humanidade.
- A ordem cronológica do surgimento das espécies.

10. As narrativas bíblicas da criação pretendem explicitar:

- A pequenez e a infidelidade do ser humano, obra-prima da criação.
- A imagem de um Deus distante da humanidade.
- **Um Deus que tudo cria por amor e que respeita a liberdade do ser humano.**
- A igualdade da natureza e dignidade das pessoas e dos animais.

11. A expressão “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*” significa que:

- As pessoas, parecidas com Deus, não são capazes de criar nem de cuidar da natureza e dos outros.
- **Os homens e as mulheres foram criados por Deus e há neles algo de divino.**
- O ser humano é fisicamente parecido com Deus.
- O homem é parecido com Deus, mas a mulher não.

12. *Adão e Eva* são nomes que

- **significam e representam, ao mesmo tempo, o primeiro casal e todas as pessoas.**
- correspondem a pessoas reais e singulares.
- correspondem a elementos da natureza, não se destacando dela.
- significam, respetivamente, “tirado do ar” e “mãe da morte”.

13. O Livro dos Salmos, composto por 150 cânticos e poemas, é o livro de...

- orações do Alcorão.
- **orações da Bíblia.**
- cânticos religiosos.
- cânticos budistas.

14. Os salmos refletem as mais variadas situações da vida humana; são...

- orações dirigidas por Deus em agradecimento ao homem.
- súplicas dirigidas ao homem, hinos de louvor e cânticos de agradecimento.
- cânticos de agradecimento realizados apenas em privado e individualmente.
- **preces e hinos de louvor e de agradecimento dirigidos a Deus.**

15. Qual o significado da expressão “*Quase fizeste dele um ser divino; de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos*” (Salmo 8)?

- O ser humano tem a missão de dominar e, portanto, de destruir a obra da criação.
- **O ser humano é a obra-prima da criação e tem responsabilidade na sua continuação.**
- O ser humano é perfeito, infalível e foi criado para dominar a natureza sem qualquer responsabilidade.
- O ser humano foi o resultado de um erro de Deus, uma vez que não é tão perfeito como Ele.

16. Face ao progresso descontrolado, a criação está fortemente ameaçada com graves crises ambientais. Qual a solução?

- Não atirar lixo para os solos, plantar árvores e abusar de pesticidas é a melhor forma de travar a desertificação.
- Não fumar e usar energias fósseis é a melhor forma de resolver o problema da poluição atmosférica.
- Não despejar lixo nos cursos de água e tomar duchas prolongados sem fechar a torneira é a melhor forma de resolver o problema da contaminação das águas e da falta de água potável.
- **Partilhar o que temos, defender os mais fracos e assumir hábitos saudáveis é a melhor forma de travar a crise de egoísmo, indiferença, pobreza e violência que ameaça a humanidade.**

17. Ninguém pode ficar indiferente aos problemas ambientais porque fazemos parte da natureza e, quando a natureza é maltratada, somos também nós os prejudicados. Que fazer?

- Ser responsável pela criação e dominá-la, ou seja, usar e abusar sem recuar qualquer destruição.
- Criar bom ambiente natural e social esbanjando todos os recursos de que dispomos com respeito pela natureza e sem consideração pelas pessoas.
- Gastar água sem restrições, atirar lixo para o chão, não arrumar o quarto, poluir o recreio da escola.
- **Cuidar das coisas criadas; respeitar os seres vivos; usar os recursos com moderação; construir um mundo melhor.**

18. A Vida é importante e é preciso defendê-la. Que atitudes que devemos adotar para defender a nossa própria vida?

- Ter uma boa alimentação, consumir drogas e álcool e praticar desporto.
- **Ter uma alimentação cuidada e recusar drogas.**

- Utilizar fertilizantes e pesticidas nos alimentos.
- Consumir produtos saudáveis, drogas e álcool.

19. Como se chama a “joia da literatura italiana”, escrita por Francisco de Assis?

- **Cântico das Criaturas.**
- Cântico do Pai Sol.
- Cântico da Natureza.
- Cântico da Criação

20. A fé no Deus criador, à maneira de Francisco de Assis, que tratava todas as criaturas por irmãs, é a “arma” mais poderosa para vivermos e sermos homens e mulheres dignos da criação de Deus. Quem foi Francisco de Assis?

- Fundador da Ordem Beneditina, patrono dos escuteiros e protetor dos animais.
- Um homem fora de série que foi sempre santo na infância, na juventude e até morrer.
- Um santo que não deixou os bens paternos, fundou a Ordem dos Franciscanos e anunciou a todos o amor de Deus.
- **Um homem que promoveu o diálogo entre os povos e, ainda hoje, inspira os amantes da natureza e os sonhadores de um mundo de paz.**

**Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo**
**Aprendizagens essenciais:** Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento. Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.  B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.  D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.  E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.  F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	1. Questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano.  2. Desenvolver uma atitude de respeito e admiração pela obra da criação.  3. Assumir comportamentos responsáveis em situações vitais no quotidiano que implicam o cuidado da criação.  4. Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo.  Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores.  Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.	- Acolhimento. - Boas vindas. - Montagem das tendas. - Dinâmicas de apresentação (quebra gelo) - (Roda-Música)	08:30	- Atenção - Empenho - Cooperação entre colegas - Criatividade - Respeito pelos colegas	- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.
			- Distribuição dos amigos secretos. - Divisão por grupos. - Jogo dos animais - Atividade em grupos: Eu e o meu grupo. - Jogo das Cartas – Em grupos.	10:00		
			- Lanche	11:30		
				11:30 11:35		
Continua no slide seguinte						

**Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo**
**Aprendizagens essenciais:** Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento. Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com o fundamento religioso.  L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.  M. Reconhecer a proposta de agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.  N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.  O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, comunidade e o mundo.	5. Conhecer as várias dimensões da personalidade humana.  6. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.  7. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.  8. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.  9. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.  10. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo.  Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores.  Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.	- Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo.	11:35 12:00	- Atenção - Empenho - Cooperação entre colegas - Criatividade - Respeito pelos colegas - Desenvolvimento de capacidades de agradecimento.	- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.
			- Atividade: O Som do Silêncio.	12:30 13:00		
			- Almoço e tempo de animação.	13:00 14:15		
			- Atividade em grupos: A propósito de vivermos em grupo / Valores fundamentais.	14:15 15:00		
			- Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo.	15:00 15:30		
			- Jogo: Jogos divertidos na Natureza.	15:30 17:30		
			- Lanche, Recolha de lenha e Tempo aberto.	17:30 18:15		
Continua no slide seguinte						

Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo


Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento.  
Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	11. Identificar o papel das religiões na construção da paz em situações vitais do quotidiano. 12. Questionar o sentido da realidade enquanto espaço onde o ser humano exerce a sua liberdade. 13. Reconhecer que a consciência autónoma da pessoa deriva da sua condição de ser livre e está orientada para o bem. 14. Tomar consciência os riscos das dependências. 15. Compreender o valor da vida.	Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo. Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores. Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.	- Atividade em grupos: Construtores da paz / o Mundo é para nós.	18:15 19:00	- Atenção - Empenho - Cooperação entre colegas - Criatividade - Respeito pelos colegas	- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.
			- Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo.	19:00 19:30		
			- Atividade em grupos: Preparação de animações para a fogueira.	19:30 20:00		
			- Jantar e tempo aberto.	20:00 21:30		
			- À volta da fogueira	21:30 00:00		
Continua no slide seguinte						

Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo

Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento.  
Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
	16. Conhecer a posição da Igreja Católica face à dignidade da vida humana. 17. Aprofundar a mensagem cristã sobre o amor ao próximo e a dignidade da vida humana. 18. Identificar as atitudes que promovem a dignidade da vida humana. 19. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal.	Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo. Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores. Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.	- Pequeno-almoço e tempo aberto.	08:00 09:00	- Atenção - Empenho - Cooperação entre colegas - Criatividade - Respeito pelos colegas	- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.
			- Jogos matinais / caminhada matinal	09:00 09:45		
			- Atividade em grupos. Escolha de 1 tema referente a Unidade Letiva do ano. Teatralização: Amor / Cristianismo / Liberdade / Ecologia / Dignidade Humana / Deus é Amor / Projeto de vida	09:45 10:00		
			- Jogo de pista.	10:00		
			- Almoço e tempo aberto	12:30		
			- Atividade em grupos: Preparação dos teatros	13:30 14:30		
Continua no slide seguinte						

						
Estudantes: Adão Chaves e Carlos Araújo						
Aprendizagens essenciais: Valorizar a diversidade dos membros em todos os grupos como fator de enriquecimento. Identificar como elemento fulcral da mensagem cristã o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.						
METAS EMRC	Objetivos curriculares	Metas de Serviço	Estratégias (numerar)	Hora	Evaluación formativa	Evaluación final
	20. Destacar a bondade e a grandeza de Deus. 21. Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivência da fé. 22. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal. 23. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos. 24. Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus. 25. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.	Incentivar a vivência diária de atos de gentileza e de valores morais: ser agradecido, ser prestável (oferecer algo de bom), amar os outros, pedir perdão e ser amigo. Ajudar os alunos a compreender a importância de uma vida com valores. Ajudar a redescobrir a beleza da relação com Deus e da sua importância na vida quotidiana.	- Mostra dos teatros. - Descoberta dos amigos secretos e Avaliação do acampamento - Lanche. - Desmontagem de tendas. - Limpeza do campo. - Partida	14:30 15:00 15:00 16:00 16:00 17:00	- Atenção - Empenho - Cooperação entre colegas - Criatividade - Respeito pelos colegas	- Atividade a realizar apenas 3 a 4 e de 12 a 13 de maio 2022. Ainda sem dados de avaliação final para concluir.

## ACAMPAMENTO DOS ALUNOS DE EMRC DO 7.º ANO NA QUINTA DA FONTE

Quinta-feira, 12/maio/2022

08:30	Acolhimento
10:00	Montagem das tendas
10:00	Distribuição dos amigos secretos
10:30	Divisão por grupos ( <i>Jogo dos animais</i> )
10:30	Atividade em grupos: <i>Apresentação e Cartas do autoconhecimento</i>
11:15	Lanche
11:15	Plenário: Apresentação das reflexões e do nome de cada grupo
11:45	
11:45	Atividade: <i>O Som do Silêncio</i>
12:15	
12:15	Almoço e tempo de animação
14:00	
14:00	Atividade em grupos: <i>A propósito de vivermos em grupo e Valores fundamentais</i>
15:00	
15:00	Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo
15:30	
15:30	Caminhada à descoberta da Quinta da Fonte
16:30	Lanche
16:30	
16:30	Jogo de pista
19:00	
19:00	Atividade em grupos: Preparação de animações para a fogueira
20:00	
20:00	Jantar e tempo aberto
21:30	
21:30	À volta da fogueira
00:00	

---

**Sexta-feira, 13/maio/2022**

08:00 09:00	Higiene matinal, Pequeno-almoço e Tempo aberto
09:00 10:15	Jogos divertidos na natureza
10:15 11:00	Atividade em grupos: <i>Construtores da paz</i> e <i>O Mundo é para nós</i> Lanche
11:00 11:30	Plenário: Apresentação criativa das reflexões de cada grupo
11:30 12:30	Atividade em grupos: Guião de teatro sobre Origens, Religiões, Adolescência ou Paz
12:30 13:30	Almoço e tempo aberto
13:30 14:30	Atividade em grupos: Ensaio do teatro
14:30 15:00	Mostra dos teatros
15:00 16:00	Descoberta dos amigos secretos e Avaliação do acampamento
16:00 17:00	Lanche. Desmontagem de tendas. Limpeza do campo. Partida

## **Mensagem de Boas Vindas**

O dia 12 demorou

mas já estamos na Quinta da Fonte.

para descansarmos da Escola,

para nos alegrarmos até mais não,

para aprendermos a sabedoria

que não vem nos livros...

Nestes dois dias, apostando sobretudo em aprender com os outros,

vamos recapitular o ABC

da Alegria, da Bondade e da Coragem.

Na satisfação de estarmos juntos,

no respeito, na responsabilidade e na partilha,

vamos desenvolver a atenção

para que cada um de nós se encontre consigo próprio,

descubra o outro

(o colega, o amigo, o que não é simpático... a Escola, a Natureza... Deus)

e faça ou refaça novas e profundas amizades.

Sabendo que tudo nos é permitido mas nem tudo nos convém,

vamos escolher sempre o melhor,

ainda que tenhamos de sacrificar alguns interesses pessoais

em favor do bem da comunidade;

vamos ser profundamente solidários com a Natureza e com os Outros,

vamos estar atentos, disponíveis e pontuais

para agir em prol do bem comum

e assumir o que estudámos nas aulas de EMRC.

*Queremos Saber!*

## A propósito de vivermos em grupo

Num grupo há sempre muitas modalidades individuais:

uns são tímidos, outros audazes;

uns são calados, outros expansivos;

uns são eufóricos, outros calmos;

uns têm grande capacidade de trabalho, outros têm menos...

Por que hão de uns queixar-se dos outros,

se é desta diversidade

que surge a complementaridade e a unidade?

Que o introvertido seja amigo do extrovertido

e o extrovertido seja amigo do introvertido;

que o alegre seja amigo do melancólico

e o melancólico seja amigo do alegre;

que o modesto seja amigo do vaidoso

e o vaidoso seja amigo do modesto;

que o realista seja amigo do fantasista

e o fantasista seja amigo do realista;

que o intelectual seja amigo do sentimental

e o sentimental seja amigo do intelectual;

que o controlado seja amigo do impulsivo

e o impulsivo seja amigo do controlado...



Dissemos *seja*, porque:

Ter um amigo é ter luz - Ser amigo é ser farol

Ter um amigo é ter sol - Ser amigo é ser calor

Ter um amigo é ter estrelas - Ser amigo é ser Céu

Ter um amigo é ter água - Ser amigo é ser fonte

Ter um amigo é ter caminho - Ser amigo é ser ponte

Ter um amigo é ter esperança - Ser amigo é ser certeza

Ter um amigo é ter alegria - Ser amigo é ser felicidade

Ter um amigo é ter flores - Ser amigo é ser jardim

Ter um amigo é ter música - Ser amigo é ser festa

Ter um amigo é ter asas - Ser amigo é ser livre como as aves

Ter um amigo é ter vida - Ser amigo é ser fecundo

**⇒ Sou amigo?**

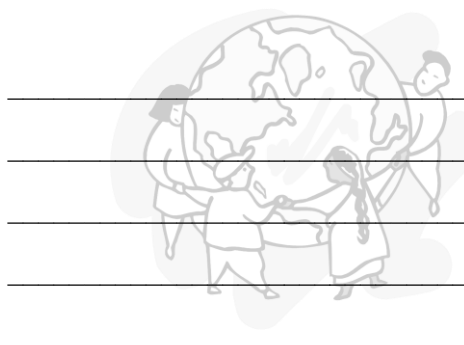
# Valores fundamentais

a) Criatividade b) Interioridade c) Solidariedade d) Respeito pelos outros

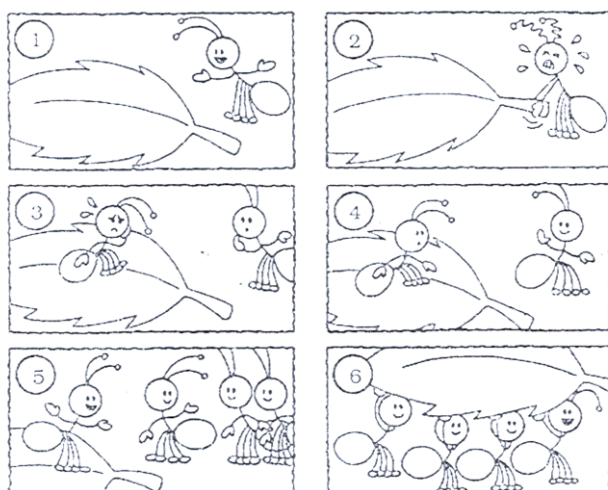
Identifica estes valores nas situações seguintes:

- \_\_\_ Faz aos outros o que desejarias que te fizessem a ti.
- \_\_\_ Faz aquilo que ainda ninguém fez.
- \_\_\_ Faz o bem sem olhar a quem.
- \_\_\_ Toma consciência da tua própria dimensão como pessoa, face a ti mesmo, aos outros e a Deus.

Que outros valores consideras importante cultivar, para construirmos uma sociedade melhor?



Há problemas que sozinhos não conseguimos resolver...



Dá um título a esta história e identifica-lhe o valor fundamental

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

# Felizes os construtores da paz

Era uma vez uma vírgula aborrecida com a pouca consideração em que toda a gente a tinha. Nem sequer as crianças das escolas lhe davam importância.

Não gostava nada de ser apenas um pequeno sinal que se põe na escrita e nem sequer se lê.

Um dia, cansada desta falta de apreço, a vírgula decidiu revoltar-se. Fê-lo da seguinte maneira: o presidente de uma grande nação escrevera uma mensagem a um outro presidente de um grande país guerreiro, dizendo: "Paz não, vamos lançar os mísseis".

A vírgula, para mostrar que tinha importância, mudou de sítio antes da mensagem chegar ao destinatário. E então o texto ficou assim: "Paz, não vamos lançar os mísseis".

Dando um pequeno salto, recuou uma palavra mudando de um sítio para o outro. E este pequeno salto modificou por completo o sentido da mensagem.

O presidente adversário, ao ler a comunicação, percebeu que era o momento de fazer a paz.

E assim, por causa de uma vírgula, a paz foi possível.

*Autor desconhecido*



Todas as pessoas são iguais em dignidade e valem mais do que todo o ouro do mundo, mesmo as que são simples como as vírgulas. E qualquer pessoa, com a sua ação, pode realizar maravilhas, como a pequena vírgula que mudou a guerra em paz.

***Que posso eu fazer pela Paz?***

*Onde houver ódio, que eu leve o amor*

*Onde houver ofensa que eu leve o perdão*

*Onde houver a discórdia que eu leve a união*

*Onde houver dúvida, que eu leve a fé*

*Onde houver erro que eu leve a verdade*

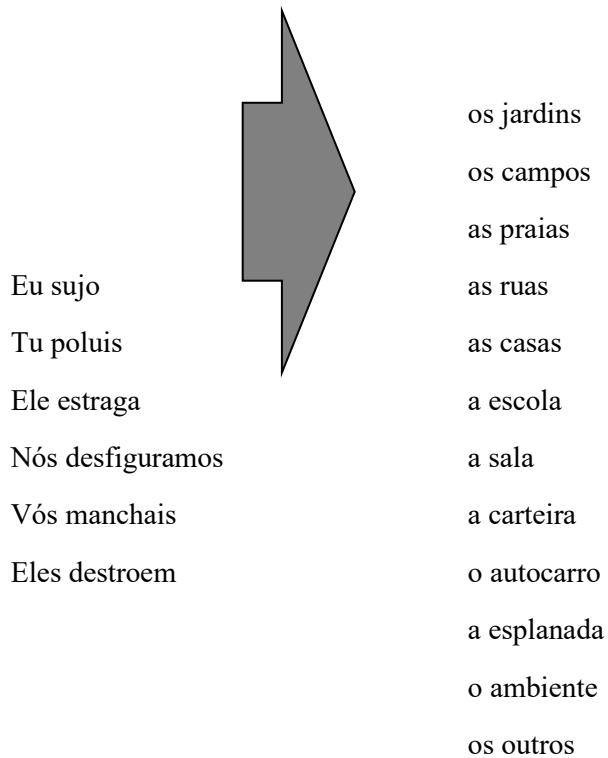
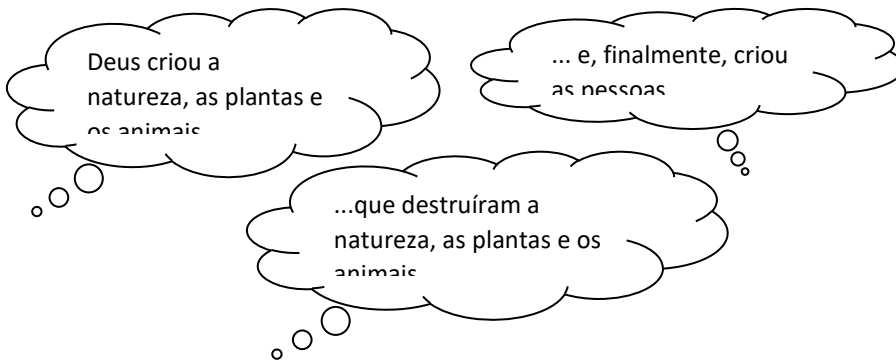
*Onde houver desespero que eu leve a esperança*

*Onde houver tristeza, que eu leve a alegria*

*Onde houver trevas, que eu leve a luz* (S. Francisco de Assis)

# O Mundo é para nós

## ? E que fazemos nós do nosso mundo ?



⇒ A criação é responsabilidade de quem?

5.  
⇒ Podemos ficar indiferentes?

6.  
⇒ Que atitudes concretas para salvar o planeta?



**Visitas de Estudo** (Circular nº 1/2012 de 22 de maio de 2017)

<b>Pré-escolar</b> <input type="checkbox"/>	<b>Ensino Básico</b> <input checked="" type="checkbox"/>	<b>Ensino Secundário / Cursos</b>		Visita de Estudo <input type="checkbox"/> Atividade <input checked="" type="checkbox"/> Intercâmbio Escolar <input type="checkbox"/>
	3.º Ciclo 7.º ano	Científicos <input type="checkbox"/> ____º Ano(s)	Profissionais <input type="checkbox"/> ____º Ano(s)	
Proponente(s):	Mª Margarida Portugal		<b>Período de realização</b> 12 e 13 / 05 / 2022	
Local/Entidade a visitar:	Quinta da Fonte, Linhó			
Professor(es) responsável(eis):	Mª Margarida Portugal	Contacto(s):	938 350 021	
Professor(es) acompanhante(s):	Ana Ribeiro, Michael Fernandes, Adão Chaves e Carlos Araújo (professores estagiários)			
Disciplinas intervenientes	EMRC			
Cursos / Turma(s) envolvida(s):	7º A, C, D, E – DF II Monitores do 10º I, K, M	N.º de alunos:	45	

**RAZÕES/OBJETIVOS DA VISITA**

- Promover a educação não-formal pela participação em atividades.
- Consolidar as reflexões realizadas nas aulas.
- Experimentar, concretamente, os valores do respeito, da responsabilidade e da partilha.

**ROTEIRO DA VISITA**

Acampamento com início às 8:30 de 12 de maio e encerramento às 17 h de dia 13.  
Programa: Atividades lúdicas e de reflexão (Programa anexo).

<b>APRENDIZAGEM/RESULTADOS ESPERADOS</b>	<b>REGIME DE AVALIAÇÃO (Alunos/Projeto)</b>
- Reforço da dimensão ética.	- Preenchimento de inquérito.

Meio de transporte:	Não se aplica (Os encarregados de educação levam e recolhem os alunos)
Custo por aluno:	2,50 euros (estadia na quinta)
Material/equipamento necessário:	Cada aluno deve levar: tenda (quem não tiver organize-se com os que têm); saco-cama (ou cobertor); comida feita (almoço, lanche e jantar para dia 12; pequeno-almoço, almoço e lanche para dia 13); roupa (agasalho para a noite); acessórios de higiene pessoal (toalhetes húmidos); bloco de notas (ou folhas) e caneta.
Guião da visita:	Programa anexo
Alunos não participantes:	-----
Plano de trabalho para os alunos não participantes:	Não se aplica (os alunos não participantes terão as aulas habituais).
Plano de ocupação dos alunos cujos professores participam no(a) intercâmbio / visita de estudo:	-----

Aprovada pelo Diretor do Agrupamento:	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>	Data: / /2022
---------------------------------------	------------------------------	------------------------------	---------------

De acordo com o Plano Anual de Atividades da Escola, vamos realizar mais um acampamento com os alunos de EMRC do 7º ano.

Será das 8:30 h de 12 de maio às 17:00 h de dia 13, na Quinta da Fonte (Convento das irmãs Doroteias) no Linhó.

Cada aluno deve levar: tenda (quem não tiver organize-se com os que têm); saco-cama (ou cobertor); comida feita (almoço, lanche e jantar para dia 12; pequeno-almoço, almoço e lanche para dia 13); roupa (agasalho para a noite); acessórios de higiene pessoal (toalhetes húmidos); bloco de notas (ou folhas) e caneta; e lenço para tapar os olhos.

Preço por aluno: 2,5 euros - custo da estadia na quinta.

Prof. Margarida Portugal e Prof. Carlos Araújo - contactos

✂ .....

Autorizo \_\_\_\_\_ n.º \_\_\_\_\_

do 7º \_\_\_\_ a participar no acampamento de EMRC em 12 e 13 /05/2022.

---

[Assinatura do(a) Encarregado(a) de Educação]

**Registar n.º telemóvel do aluno e do EE no verso da folha**

**1. NÃO É PROIBIDO SONHAR**

Os meninos (bis) construíram (bis)  
um castelo (bis) de amor (bis)

E as pedras tinham a cor da alegria  
e a paz reinava no interior

Lentamente (bis) os seus muros (bis)  
alargaram (bis) em redor (bis)

E as pessoas já sentiam a harmonia  
no seu peito renovado de calor

**Fiquei (bis) feliz (bis) ao ver  
que o mundo estava a mudar**

**Cantei (bis) e fiz (bis)**

**mil poemas que espalhava pelo ar**

Os meninos (bis) construíram (bis)  
muitas bombas (bis) p'ra lançar (bis)

E nos sítios em que elas eclodiam  
flores nasciam e despoletava a paz

Logo o povo (bis) despertou (bis)  
para um mundo (bis) bem melhor  
(bis)

E na montanha mais alta foi erguido  
Novo templo para louvar o Senhor

**Fiquei (bis) feliz (bis) ao ver...**

Toda a gente (bis) percebeu (bis)  
quanto é simples (bis) ser feliz (bis)

Se tivermos a alegria dos meninos  
não será tudo tão mau quanto se diz

# Avaliação do acampamento de EMRC

12 e 13 de maio de 2022

## 1. AVLIAÇÃO DA ATIVIDADE PELOS ALUNOS

	<b>Não Satisfaz</b>	<b>Satisfaz</b>	<b>Bom</b>	<b>Muito Bom</b>
Espaço/Local escolhido				
Duração do acampamento				
Cumprimento das expectativas				
Envolvimento dos alunos nas atividades				
Envolvimento dos professores/monitores				
Dinâmicas escolhidas				
Temas abordados nas atividades				
Importância do acampamento na minha vida				

1. A atividade que mais gostei foi...

2. A atividade que menos apreciei foi...

3. Este acampamento foi importante para mim sobretudo porque...

**7. Observações:**

## Fotografias do Acampamento

















